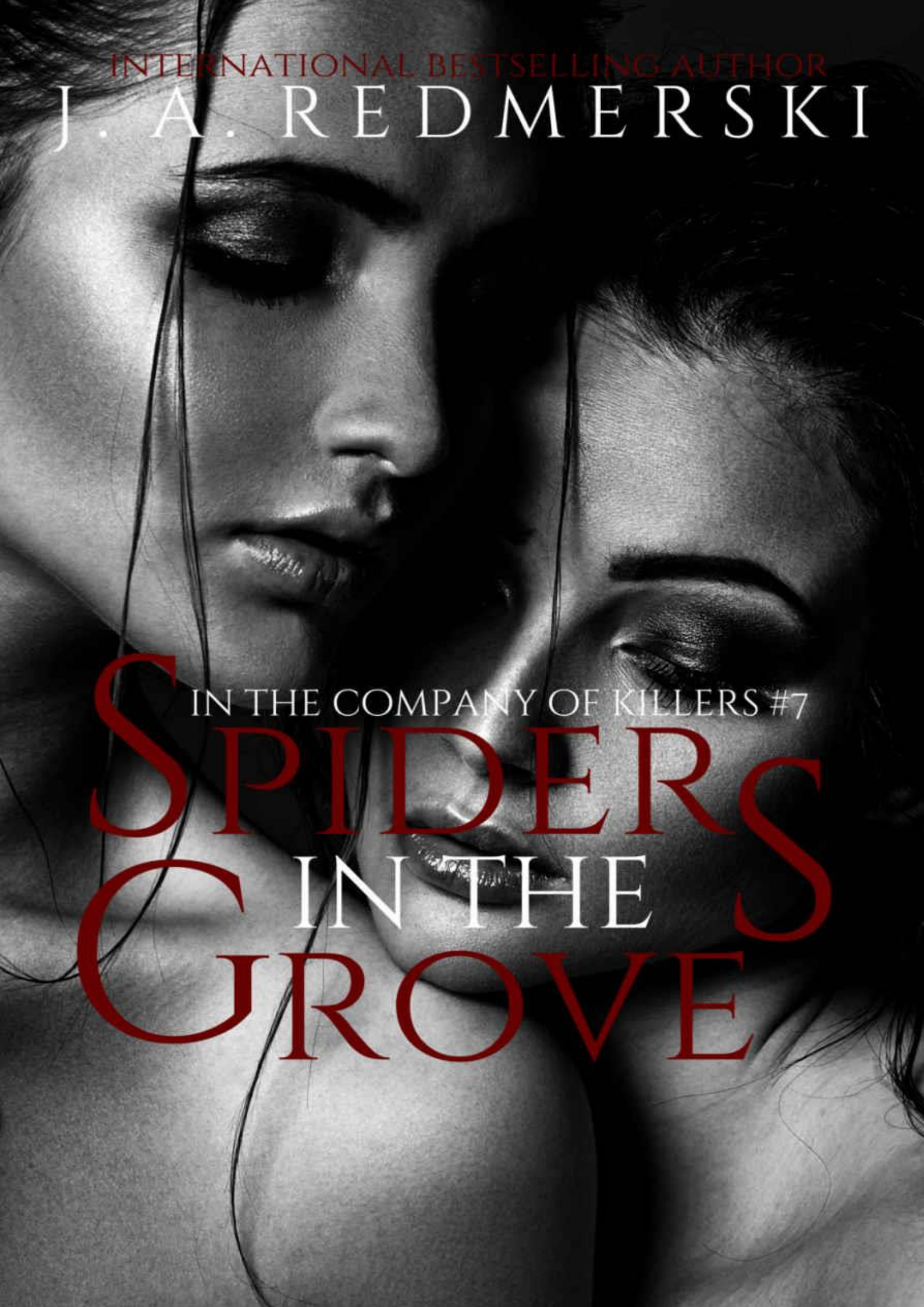




INTERNATIONAL BESTSELLING AUTHOR

J. A. REDMERSKI

IN THE COMPANY OF KILLERS #7

SPIDERS
IN THE
GROVE





IN THE COMPANY OF KILLERS

MENTIRAS. REVELAÇÕES. ESCOLHAS.
TUDO IRÁ MUDAR.

IZABEL & NAEVA encontram-se exatamente onde queriam estar no México: capturadas e mantidas em complexo de escravos de propriedade da família Ruiz. Mas as duas são imediatamente separadas e forçadas a muito diferentes — mas igualmente perigosas — situações. Izabel passa as próximas três semanas desempenhando um papel que ela nunca esperou que tivesse a oportunidade de interpretar, mas sua sorte acaba quando a vida de Naeva está em jogo, e apenas Izabel pode salvá-la.

Mas a um custo terrível.

Se Izabel escolher ajudar Naeva, isso irá expor uma mentira que ela carrega em seus ombros desde que conheceu Victor Faust. Uma mentira que não apenas fará com que todos na Ordem de Victor desconfiem dela daqui para frente, mas também que seu disfarce cuidadosamente construído no México exploda e a mate.

Fredrik, ainda procurando por seu serial killer, não precisa procurar muito: o assassino o encontra. E o passado de Niklas o alcança quando um velho inimigo volta para se vingar.

Mas serão as ações de Victor que sacudirão os que restaram em sua Ordem e, finalmente, serão sua queda.

B
L
A
C
K
J
A
C
K

AVISO

A tradução deste livro foi realizada pelo grupo de tradução "Blackjack", para que o leitor tenha acesso a obras que ainda não foram adquiridas por qualquer grupo editorial ou que foram "esquecidos" por qualquer meio de publicação, incentivando à aquisição deste quando for disponível em formato impresso ou digital de maneira "oficial".

Este trabalho foi feito sem qualquer obtenção de lucro, seja direto ou indireto. Com isso, caso alguém tente obter lucro mediante a esta obra, o grupo "Blackjack Traduções" será eximido de qualquer eventual delito, mediante aos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.

Com isso, esta obra se destina apenas para uso **PESSOAL** e sigiloso, onde **NÃO** se deve, em nenhuma hipótese, tornar público o trabalho do grupo, principalmente para autoras e editoras envolvidas.

Além disso, pedimos que **NÃO** publiquem os arquivos de *maneira pública* no Facebook ou qualquer outra rede social.

**SE NÃO GOSTOU DA NOSSA TRADUÇÃO,
LEIA O LIVRO NO IDIOMA ORIGINAL!**

T
R
A
D
U
Ç
Õ
E
S

BLACKJACK *Traduções*

TRADUÇÃO: CHAE MÜLLER

PRÉ-REVISÃO: ANNIE

REVISÃO: JENNIE

FORMATAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO: ADRI

UM

/zabel

As estrelas lançam-se caoticamente na minha visão; o céu está preto sobre adiante do azul sobre o roxo, orlado por um cenário de montanhas irregulares, tudo se misturando em algo indistinguível. Deveria haver som, muito som tumultuado — o ranger do metal, o esmagamento de pedras, o barulho dentro da minha cabeça — mas acho que fiquei temporariamente surda. O castanho claro do cabelo de Naeva está como uma teia negra sobre o meu rosto, brilhando ao luar, e depois desaparece em um piscar de olhos enquanto seu corpo é jogado de uma extremidade da van para a outra; como um pesadelo em câmera lenta eu a vejo voar, e não posso fazer nada para ajudá-la.

Minha cabeça bate contra algo duro, e flashes brancos aparecem diante dos meus olhos, deixando-me cega para todo o resto. Ótimo, agora estou surda e cega e... *foooda*, não consigo mexer os braços. Ou minhas pernas. Eu estou viva, mas não sei por quanto tempo — os homens que estavam atirando em nós estarão aqui em breve.

Lentamente, meus olhos se abrem para uma luz branca brilhante, mas não por um segundo erro, sendo algo tão ridículo quanto a vida após a morte. É um dos faróis da van — só quero saber como foi parar na frente do meu rosto.

De alguma forma, consegui soltar um braço, depois o outro, e depois uma perna, mas a perna esquerda ainda está presa embaixo da frente da van. Aperto, trinco meus dentes em preparação para retirá-la, e estou grata que a dor é mínima — a perna não está quebrada. E, a menos que eu acerte minha cabeça com muita força, também não sinto que alguma outra coisa esteja quebrada.

Um, dois, três — eu puxo minha perna de baixo do metal empenado. Ah, *tem* dor.

— *Ahhh!* — Eu grito até que passe.

— Sarai — eu ouço Naeva me chamar de algum lugar próximo. — Onde você está? Você pode andar?

Ela está viva, pelo menos, mas se ela está me fazendo essas perguntas em particular, em vez de vir para descobrir por si mesma, isso só pode significar uma coisa: ela não pode.

Com dificuldade, rastejo alguns pés até a porta da van e enrolo meus dedos em torno de onde a janela costumava estar e uso-a para ajudar a me levantar. No momento em que minha cabeça se ergue sobre a porta, vejo um rosto ensanguentado e mutilado me encarando do banco do motorista, de cabeça para baixo; o sangue escorre dos cabelos negros de Ray; seus olhos estão abertos. Tanto para o meu próprio *coiote* privado; parece que vou ter que encontrar outro para nos tirar daqui mais tarde. Se nós fizermos isso depois.

— Naeva, onde você está? — Chamo, e corro ao redor dos destroços, debruçando-me para que ninguém me veja.

— Por aqui.

Faço a volta até a parte de trás da van para encontrar o Naeva preso debaixo dela e, a princípio, entro em pânico pensando no pior. Mas o alívio me domina quando percebo que a van não está tanto sobre ela, está apenas ao seu redor, limitando-a como uma gaiola.

Caio de joelhos e olho dentro da janela sem vidro para ela.

— Você está bem? Alguma coisa está quebrada?

Ela sacode a cabeça.

— Não, mas tem sangue na minha cabeça — ela chega a tocá-lo. — Acho que é meu; eu não sei.

— Tudo bem.

Olho mais perto para a janela, estudando sua situação, e tento descobrir como libertá-la. Mas eu não tenho tempo quando ouço o estrondo do motor de um caminhão e pedras quebrando embaixo de pneus rápidos.

— Eles estão vindo!

— O que fazemos? — A voz de Naeva treme de pânico.

Não há nada que possamos fazer, e eu sei, então não respondo.

Faróis brilhantes refletem na escuridão enquanto o caminhão acelera em direção a nós sobre o terreno rochoso. Não há para onde ir; estamos no meio do nada, no México, e nosso passeio foi reduzido a um pedaço inútil de metal crivado de buracos de bala e quatro pneus destruídos. Xingo-me por fazer um acordo com um *coiote* que não pagou suas dívidas.

E então eu espero.

Ser baleado à primeira vista?

Ser estuprada primeiro e depois decapitada?

Mas por que não tenho medo?

Porque foda-se isso!

Vários homens pulam da traseira do caminhão antes que ele pare; armas me iluminam na escuridão, cercadas pelos raios ofuscantes das lanternas; olhos negros me encaram com determinação e intenção.

— Ele está morto! — Um homem grita do outro lado da van.

Outro homem parado na minha frente mal olha para cima.

— Procure a van! Procure por ele! — Ele olha de volta para mim.

— Quantos de vocês estavam lá? — Ele pergunta em inglês acentuado.

— Três — eu também respondo em inglês, não quero que eles saibam que eu entendo espanhol; espero como o inferno que Naeva se lembre da importância disso.

— Eu e Uma — aponto na direção de Naeva — e o motorista; isso é tudo. Havia mais quando cruzamos a fronteira ontem, mas eles saíram há muito tempo.

Um tiro de dor quente e branca atravessa o osso do meu rosto e vejo um clarão de luz cinzenta; minhas mãos subem rapidamente para cobrir meu nariz; lágrimas queimam em volta das minhas pálpebras. Só quando consigo abrir os olhos de novo percebo que foi a arma que caiu no meu rosto. O sangue escorre de uma narina; eu lambo longe do meu lábio superior.

— Quantos? — O homem repete com os dentes cerrados.

— Apenas três! Eu juro! Só nós três! — forço as lágrimas à superfície e, pelo menos, tento parecer com medo, porque, se mostrar o menor desafio, ele provavelmente me matará no ato.

Ao fundo, ouço o grito de Naeva.

— Traga-a aqui! — O homem que está em cima de mim manda.

Um segundo depois, Naeva é empurrada no chão ao meu lado; há muito sangue em seu cabelo; pergunto-me como eles a tiraram de debaixo da van tão rapidamente.

Ela olha para mim, aterrorizada, tremendo. Sorrio por trás do véu do meu rosto, pensando comigo mesma: *ela também não tem medo; ela é tão boa nisso quanto eu*. E então percebo que somos loucas por não ter medo.

A última coisa que vejo é um punho rasgando a escuridão em minha direção, e acordo algum tempo depois com o som de água escorrendo.

DOIS

Izabel

Remorso? Nunca. Eu percorri um longo caminho desde a última vez que estive aqui, neste lugar, neste pesadelo, neste inferno. Eu sou uma pessoa diferente. Sarai não existe mais, exceto na memória de Naeva; essa garota, sentada aqui agora no chão de terra, com as mãos amarradas na frente dela, sangue no cabelo e na boca, ela é um *tipo* diferente de vítima, o tipo mais *perigoso*. Ela é do tipo que é formada e moldada por seus torturadores, não quebrada por eles, tendo pesadelos. Saí do México como Sarai e voltei como Izabel. E quando eu tiver o que vim aqui para pegar, vou matar todos eles.

Ouçõ passos no corredor do lado de fora da porta. Vozes. O farfalhar de roupas. Mas eles não entram na sala e os sons desaparecem à medida que se afastam.

Naeva solta um suspiro de alívio.

E eu suspiro de decepção.

Não sei de onde vem o som da água, mas é um gotejamento constante; um cano com vazamento, talvez.

— Eu nunca pensei que estaria aqui novamente — diz Naeva, sentada ao meu lado. — Definitivamente não de propósito."

Olho para a penumbra de luz debaixo da porta; sua voz é aguda, distinta ao meu ouvido, mas meus pensamentos eclipsam isso.

— Eu não me arrependo, no entanto. E eu faria cem vezes se fosse necessário. Por Leo.

Rompendo meus pensamentos, eu olho para ela.

— Você realmente ama ele.

Ela balança a cabeça, sorri levemente. Eu posso dizer sempre que olho para ela, sempre que ela fala sobre esse homem, que ele é a única coisa no mundo que faz ela sorrir de verdade.

Eu penso em Victor. Eu o amo e sempre amarei. Mas eu não estou sorrindo, então olho para longe dela, achando a luz embaixo da porta menos competitiva.

Eu não sei que horas são, mas eu vou dizer que são 1:00 da manhã. Estamos trancados nesta sala por mais de uma hora, e nenhuma pessoa veio falar conosco, ou nos espancou., ou até mesmo veio nos verificar. Não que eles realmente precisem, visto que não há janelas, e a única maneira de entrar ou sair é a porta. Tenho certeza de que há homens vigiando no corredor em algum lugar. E além de nossas mãos amarradas, há uma corda amarrada em torno de nossos tornozelos. Pressionando minhas mãos na terra atrás de mim, tento ajustar minha posição. Eu inclino minha cabeça contra a parede e durmo.

Devo ter dormido por uma hora. Ainda assim, ninguém entrou na sala. Preciso de fazer xixi.

— Eu não sei como você pode dormir com isso. — Diz Naeva.

— Tem que se acostumar algum dia.

— Eu tentei, mas minha mente não para de correr.

— Como você vai encontrar este Leo — eu digo, — enquanto você está trancado aqui comigo? Como você sabe onde ele está, se ele ainda está vivo?

— Ele está vivo.

— Como você sabe?

— Da mesma forma que você sabe que estamos no lugar certo. — Ela suspira pensativa. — E porque eu sinto isso. Eu sinto *ele*. Eu saberia se ele estivesse morto.

— Então, como você planeja encontrá-lo? — Repito.

Não tivemos oportunidade de discutir essas coisas quando saímos do Arizona com Ray. Ouvidos demais ouvindo. Muitos olhos observando.

Ela faz uma pausa e depois responde:

— Eu não vou ter que encontrá-lo, ele vai me encontrar assim que souber que estou aqui.

Eu não posso mentir e dizer que não estou curiosa sobre como ela planeja fazer isso, mas estou muito focada em meus próprios planos para atender muito aos dela agora. Meus planos que foram seriamente alterados porque eu a trouxe comigo. Sozinha teria sido muito mais fácil. Agora, eu tenho que ela me preocupar. Eu não poderia viver comigo mesma se eu apenas a libertasse na barriga desta fera e nunca olhasse para trás. Não, ela é minha responsabilidade. Mas mais que isso, ela é minha amiga.

— É realmente assim que você sabe? — Ela pergunta. — Que você está no lugar certo, você pode sentir isso? Não pode realmente ver muito neste pequeno quarto, por isso não pode ser nada visual. A menos que você visse algo familiar em nosso caminho. Eu não vi nada familiar. Ou qualquer um. Ah, isso mesmo, você matou todos eles. — Ela ri rapidamente sob sua respiração.

Dou um sorriso falso na escuridão. *Matou todos eles? Não, nem todos eles...*

— Para ser justo — eu digo, — eu tive muita ajuda na última vez que estive aqui. Eu não tirei isso sozinha. — Mas, sei que estamos em um dos complexos de Ruiz é que consegui uma carona com um *coiote* que me levaria através do território de Ruiz. Aqui, todos os caminhos levam aos compostos Ruiz. E sim, eu posso sentir o mesmo, também.

— Eu me pergunto quantos foram deixados? — Naeva diz.

— Compostos? Todos eles estão sempre lá. Mas, os membros da família de Javier que administram os compostos? Esta é uma boa pergunta.

— Você tem certeza de que não precisa de mim para ajudá-la? — Ela pergunta.

— Não — respondo imediatamente. — Nós duas estamos aqui juntas, mas uma vez que saímos desta sala, estamos em caminhos diferentes.

Naeva se senta com os joelhos pressionados juntos, as pernas puxadas para baixo dela, a centímetros de mim; eu vejo seu rosto apenas na sala sem janelas, e me pergunto como posso vê-la com

apenas a pequena luz debaixo da porta. Ela parece tão frágil sentada ali, como um pequeno ovo... como *Huevito*. Eu tenho tentado me dizer desde que saímos que eu não posso me desviar do meu plano para ajudá-la, que ela é forte o suficiente para lidar com isso sozinha, mas... quem diabos eu estou enganando?

Minhas mãos atadas, levanto-me da parede e espio através da escuridão para ela.

— Ouça-me, Naeva — digo com determinação. — Quando (e não se) nos separarmos, quero que você saiba que não vou deixar você aqui; não importa quais são meus planos, vou tirar você daqui. Tudo bem?

Naeva sorri e acena com a cabeça.

— Eu nunca pensei que você iria me deixar aqui de qualquer maneira. — Diz ela. — Não que eu estivesse contando com isso, ou me aproveitando, mas eu simplesmente sabia. — Ela corre para se sentar mais perto, nossos ombros se tocando. — E eu farei o mesmo por você.

Infelizmente, eu também sabia disso sobre ela. E é isso que mais me preocupa. Eu não quero que ela se arrisque por mim, mas sei que ela vai de qualquer jeito. Nós podemos nunca ter realmente conhecido uma a outro, nós podemos ter falado algumas poucas palavras antes que ela viesse comigo na noite que partimos, mas porque nós éramos ambas escravas das mesmas pessoas, nosso vínculo como irmãs é tão forte quanto um vínculo entre duas mulheres que se conheceram a vida inteira.

Não importa nossos planos individuais, Naeva e eu estamos juntas nisso, então é melhor começarmos a agir logo.

— Conte-me sobre Leo — ofereço.

Ela levanta a cabeça do meu ombro; seus olhos estão radiantes, ansiosos, cheios de... com o que eu queria que os meus ficassem cheios quando falasse sobre Victor.

— O que você quer saber?

Olho em volta do quarto escuro e úmido.

— Tudo — digo. — O que mais nós temos que fazer para passar o tempo?

Naeva se senta totalmente ao meu lado, usando a parede para equilibrá-la. Eu me ajusto, ficando mais confortável para o que sei que será uma longa história.

E certamente acaba por ser. Naeva fala durante a noite, horas e horas, pela fome e sede, e minha dolorosa necessidade de fazer xixi. Mas a história me ajuda a esquecer todas essas coisas, e meu coração se quebra por ela, explode por ela e faz coisas que eu não sabia que poderia fazer por outra pessoa. E depois que sua história termina quando a noite se torna dia, eu finalmente a entendo. E eu me entendo. Eu entendo por que tenho tanta inveja de seu relacionamento com Leo Moreno: porque o amor deles era um amor baseado na confiança, e porque eu me odeio por mentir para Victor desde que o conheço.

— Nosso amor nasceu da respiração e do osso — diz ela com saudade de Leo. — Isso é o que ele me disse uma vez: "Deus soprou a vida de volta aos meus ossos quando eu te conheci", ele disse. — Ela olha para longe de mim, talvez tentando esconder as lágrimas brilhando nos cantos dos olhos.

— Sua vez — ela diz então, mudando de assunto. — Diga-me como você conheceu meu irmão."

Começo a passar a chance — falar sobre como eu conheci Victor é a última coisa que eu quero agora — até ouvir vozes e passos vindo pelo corredor, o primeiro que eu já ouvi desde antes da 1h da manhã, e nós viramos imediatamente para vigiar a porta.

— Eles vão vir desta vez — sussurro, olhando para a luz debaixo da porta enquanto ela se move. Eu me viro rapidamente para olhar para Naeva. — Lembre-se do que eu disse: não vou deixar você.

Naeva acena com a cabeça; ela está com medo desta vez, eu posso ver isso, embora fracamente, em seus olhos. *Seja forte, Huevito. Seja forte.*

TRÊS

/zabel

Um molho de chaves ressoa e então a porta da nossa prisão se abre; a luz amarela entra no quarto, revelando a irregularidade do piso de terra, os buracos e os cumes subindo e descendo como pequenas ondas de cor marrom; restos de meninas que tinham estado aqui antes de nós tentando cavar seu caminho.

Uma mulher entra; mexicana, com longos cabelos louros, puxado em uma trança grossa atrás dela, e batom vermelho como aquela porcaria que Nora geralmente usa. Há uma carranca no rosto e uma tira de couro na mão.

— Levante-se — diz ela em inglês perfeito.

Fingindo medo e intimidação, Naeva e eu nos inclinamos de joelhos e tentamos nos levantar sozinhas, mas é difícil com as mãos e as pernas amarradas, e o chão cheio de buracos cavernosos.

A mulher sacode a cabeça na direção de um homem atrás dela.

— Levante-as — ela ordena em espanhol perfeito, e ele se move imediatamente e vem em nossa direção.

— Corte as cordas nos tornozelos — ela instrui, e então ela olha diretamente para mim, voltando para o inglês novamente. — Qual o seu nome?

Olho para o resto do caminho enquanto a corda é cortada dos meus tornozelos.

— Lydia — respondo.

— E o seu? — Ela pergunta a Naeva.

Naeva não levanta os olhos.

— Uma — ela diz, um tremor em sua voz que nem eu consigo descobrir se é real ou não.

A mulher agarra o queixo de Naeva, vira a cabeça para um lado e depois para o outro. Ela faz o mesmo comigo, seus olhos varrendo a cicatriz na minha garganta. Ela de um lado para o outro entre nós, contemplando.

— Está aqui — ela diz ao homem sobre Naeva — eu levo comigo para ver a governanta. — Ela olha para mim agora. — Esta está danificada; ela nunca será vendida. Mate ela.

Meu coração para; a cabeça de Naeva se vira rapidamente para me encarar.

— Não, por favor! — Naeva cai de joelhos ao meu lado, estende as mãos atadas para a mulher. — Por favor, não a mate, por favor! — Ela está fingindo o sofrimento e, honestamente, eu não posso dizer. Com certeza, Naeva sabe que posso me livrar disso. Eu acho que... OK, talvez eu *esteja* um pouco assustada. Porra! Eu não esperava que esse momento chegasse tão cedo!

Concentre-se, Izabel... calma e se concentre.

A correia de couro cai nas costas de Naeva com um *estalo* agudo que me pica mesmo; Naeva cai de lado e geme de dor.

Eu vejo o flash de uma lâmina quando o homem puxa uma faca de um cinto em sua cintura. Eu não me movo. Eu não deveria estar no chão como Naeva, implorando pela minha vida? *Não*, eu percebo no momento mais crucial — *isso definitivamente me matará*.

O homem se aproxima de mim, e eu levanto minha cabeça, viro meu queixo e o travo, olhando-o bem fodidamente nos olhos e faço exatamente o que eu esperava que faria: deixo ambos perplexos. O homem olha para a mulher e ela para ele.

— Vá em frente — digo corajosamente. — Você estaria me fazendo um favor. — Eu posso ouvir Naeva respirando pesadamente aos meus pés. E eu posso ouvir meu coração batendo nos meus ouvidos. E eu posso ouvir a voz de Niklas na minha cabeça: “É uma má ideia, Izzy, e a voz de Fredrik: “Eu concordo com Niklas”.

— Espere — a mulher diz ao homem, e hesitantemente, ele abaixa a faca.

Ela pisa na frente dele, e ela olha para mim, longa e contemplativamente, e a princípio, evito contato visual. Ela me rodeia e fico firme, sem medo, embora no fundo, admito, estou um pouco preocupada. Engulo, e o movimento dói minha garganta, está tão seca. Ela faz o caminho de volta para ficar na minha frente onde ela para e me olha bem nos olhos.

— Você não é suicida — ela aponta.

— Eu não me importo de qualquer maneira — eu digo. — Eu só quero sair dessa sujeira. E para mijar. Ou me mostre o caminho para o banheiro, ou me mate, qualquer um seria um alívio.

— Se você tivesse muito que ir — ela diz, — por que você não mijou em si mesma? Ou lá no canto?

Eu olho-a bem nos olhos desta vez.

— Acabei de dizer que queria *sair* da sujeira — devolvo, — para não fazer mais disso, banheiro ou faca.

A mulher pisca; ela realmente não tem ideia do que fazer comigo, mas não quer me matar. Pelo menos ainda não.

Ela olha para Naeva no chão aos meus pés.

— Você se conhecem? — Ela me pergunta.

— Não realmente — eu digo.

— Mas ela conhece o suficiente para implorar por sua vida; arrisca-se a defender você.

— Fraqueza faz isso com as pessoas — eu digo. — Eu não poderia me importar menos com o que acontece com ela.

A mulher levanta uma sobrancelha delicada.

— Então, bata nela — ela desafia.

Sem hesitar, bato meu joelho no rosto de Naeva; ela cai na sujeira.

Olho para a mulher, com cara de pôquer e não intimidada como antes.

— Toalete ou faca — repito, ficando irritada.

A mulher sorri, e não posso dizer se é porque ela está impressionada, ou chateada.

— Amarre as pernas de volta — ela diz ao homem. — Vamos ver quanto tempo a cadela pode aguentar antes que ela se mije.

O homem vem para mim de novo, e sei que poderia facilmente tirar a faca dele, matá-los e tirar Naeva e eu daqui; mas, infelizmente, sair não é para o que eu vim aqui.

Eu finjo lutar contra o homem; ele empurra a lâmina da faca contra a minha garganta, me ameaçando, então eu fico quieta e, eventualmente, o farei. E em instantes, volto a ser incapaz de ficar muito menos a pé, muito menos agachado em algum canto e fazer xixi. A mulher pode conseguir o que queria, afinal de contas — acho que prefiro fazer xixi em mim mesma do que morrer.

Atirando-a um olhar duro e penetrante, a mulher sorri para mim novamente em resposta, puxa o cotovelo de Naeva e a escolta rudemente para fora do quarto. O homem fecha e depois tranca-a atrás dele, apagando a luz e me deixando sozinha com meus pensamentos.

E eu apenas deixo o xixi fluir, balançando minha maldita cabeça para mim mesma. Não há nenhuma maneira de eu segurar isso por orgulho ou protestar — não machuca ninguém além de mim.

1:00 da manhã... de novo

Estou fedorenta, molhada e me sinto nojenta. Sem comida. Sem água. Sem companhia. A mulher está tentando provar um ponto — eu entendo isso; estou cinco passos à frente dela — mas se alguém não vier logo, talvez eu precise... ouço as chaves balançando de novo, e a porta se abre.

Uma longa trança loira está sobre um ombro e é tudo o que consigo ver na luz limitada.

— Finalmente, levando-me ao banheiro? — Digo, mas eu já sei que não é por isso que ela está aqui. — É um pouco tarde para isso."

Ela fecha a porta sem uma palavra.

Vinte e quatro horas depois...

Exausta de sono, mal consigo me mexer quando ouço a porta se abrir de novo. A mesma trança está sobre o mesmo ombro.

— Você está com sede? — Ela pergunta na escuridão.

— Não, porque então eu vou acabar tendo que mijar em mim novamente.

Ela fecha a porta e, dessa vez, ouço uma pequena risada pouco antes de a luz piscar.

Outro dia...

Estou vendo e ouvindo coisas que não estão lá — figuras nas sombras, o rosto de Victor, a voz de Victor, Dina tocando piano — mas quando a porta se abre eu sei que é real, e a voz que ouço é real, e o sofrimento é real.

— Está com fome?

— Não.

Ela fecha a porra da porta e eu estou com tanta sede e tanta fome e tão cansada que não sei quanto tempo posso manter isso.

Dia quatro? Cinco?

Ouçó a porta se abrir, mas meus olhos permanecem fechados — eles permanecem fechados mesmo quando eu me afogo no balde de água que estava no chão ao meu alcance.

Desmaio com a cabeça dentro do balde vazio.

No sexto dia — talvez seja o sétimo, não sei mais — mal consigo me mexer; Deito-me no chão, um lado do meu rosto pressionado contra um monte de sujeira, meus músculos doendo, e estou tão desidratada,

— talvez o balde de água fosse apenas uma alucinação — que meus lábios estão grudados e vejo pontos sempre que tento me sentar.

Ouçõ as chaves do outro lado da sala, e me forço a me sentar, encará-la com a mesma força e desafio que tenho usado todos os dias antes deste. Mas quando a porta se abre, não é a mulher desta vez, mas um homem que eu nunca vi antes. Sem uma palavra ou gesto, ele agarra meu cotovelo e me puxa para os meus pés.

Finalmente!

Ele puxa meu braço e eu o sigo para o corredor, tentando não tropeçar, mas eu faço assim mesmo. Minha cabeça está latejando; eu mal posso sentir minhas pernas carregando meu corpo para frente, mas eu consigo seguir — minha vida depende disso. Entrando em uma sala maior, do tamanho de um modesto salão de banquetes, e depois saindo para o ar fresco da noite, não estou surpresa com o que vejo. Este não é o mesmo composto que passei a maior parte da minha jovem vida, mas poderia ser, a maneira como parece o mesmo, cheira o mesmo e como a paisagem do deserto que o rodeia estende-se por quilômetros em todas as direções miseráveis. E os edifícios são quase os mesmos, feitos de concreto, alumínio e madeira; janelas sem barras vestem os tijolos com uma falsa sensação de liberdade; uma grande cerca sobe pelos telhados, envolvida por arame farpado e guardada por homens armados.

— Onde você está me levando? — Eu pergunto fracamente.

O homem nunca fala.

Ele me acompanha através do complexo e em direção a um caminhão; ele abre a porta e me empurra no banco do passageiro.

Dirigimos por seiscentos e sessenta segundos — assegurei-me de contar cada um no caso de precisar encontrar o caminho de volta para Naeva mais tarde — e entramos na calçada pavimentada de uma mansão de estuque empoleirada no meio do deserto como um oásis.

Antes de ser levada para dentro, o homem me leva a um prédio lateral que me lembra uma casa de hóspedes, onde uma mulher espera. Mais velha, do tipo *abuela*¹, com cabelos negros e grisalhos puxados frouxamente em torno de seu rosto rechonchudo; ela está usando um

longo vestido azul que abraça sua figura irregular e cai em seus tornozelos grossos. Ela está na frente de um chuveiro aberto, com uma escova de cabo longo apertada na mão.

Eu caio para frente quando o homem me empurra nas costas em direção a ela, mal me pegando antes de cair no chão.

O homem nos deixa, e sem nem mesmo se apresentar, a velha trabalha, tirando minhas roupas sujas. E, para minha decepção, ela desfaz todas as tranças, suas mãos ásperas puxando e puxando meu cabelo. Observo as pílulas anticoncepcionais que tão cuidadosamente escondidas dentro das tranças, tilintando no chão de ladrilhos e desaparecendo. Meu coração afunda. Mas, novamente, no fundo da minha mente, sabia que nunca conseguiria usá-los; eu só os trouxe comigo para me fazer sentir melhor — o esforço tem que contar para alguma coisa, certo? Se eu sair disso vivo, vou fazer a cirurgia que deveria ter feito há muito tempo. Sem filhos para mim. Uma vida como a minha não precisa ou merece. Eu aceitei esse fato antes mesmo de me tornar o que me tornei. Eu aceitei logo depois que conheci Victor. Foi a primeira razão pela qual voltei ao México pela primeira vez; porque eu matei os irmãos de Javier...

A água escaldante faz minha pele explodir do chuveiro para as minhas costas como ácido de uma mangueira de água. Grito e quase bato na cara da velha, mas me contenho. Fecho meus olhos, mordo o interior da minha bochecha e deixo ela me lavar, esfregar minha pele crua com a escova; o sabão queima e queima como o vinagre derramado em feridas abertas. E quando ela termina, ela me veste com uma camiseta preta e um short preto de algodão. Ela penteia os emaranhados do meu cabelo e ela borrifa sob minhas axilas com desodorante e ela escova meus dentes — eu me pergunto se ela vai limpar minha bunda também.

Depois, a mulher me leva para fora, onde o mesmo homem de antes está esperando.

Ao nos aproximarmos da entrada da frente da mansão de dois andares — é pequena para uma mansão, mas pródiga e cara -, sinto a força de alguma forma sem água, comida e sono, retornando ao meu corpo negligenciado. E mais importante, confiança voltando para o resto de mim. Se a mulher de cabelos loiros, que eu conheço espera por mim em algum lugar do outro lado daquelas portas duplas, fosse me

matar, ela teria feito isso agora. Eu não teria recebido um banho ou roupas limpas para usar. Este "plano" que inventei por capricho, não estava em nenhuma parte do que eu esperava que acontecesse; eu pensei que com certeza eu viria aqui e acabaria como a mesma menina escrava torturada que eu era quando eu escapei na parte de trás do carro de Victor alguns anos atrás. Eu imaginei, e me preparei mentalmente para todas as coisas horríveis que eu conheci, no meu coração, o que Naeva está passando agora. Mas isso, seja o que for, seja o que for, eu nunca vi vir. E apesar de ainda não saber em que direção isso está indo, posso dizer honestamente que me sinto melhor com isso. Não sei por que, mas, no fundo, sei que estou em melhor posição para conseguir isso do que jamais poderia ter imaginado.

QUATRO

/zabel

— Você parece melhor — a mulher de cabelos loiros diz com um sorriso enquanto eu sou escoltada pela porta da frente. — Provavelmente cheira melhor também. Como sua estadia foi, sendo tão longa?

— Eu daria quatro estrelas, pelo menos — eu digo. — Mas eu não fiquei muito impressionada com a iluminação do meu quarto. Pode querer fazer a manutenção verificar isso.

Um sorriso magro aparece em seus lábios vermelhos, e brilha em seus profundos olhos castanhos.

Com a inclinação para trás da cabeça, ela ordena que o homem vá embora; ouço seus passos ecoarem atrás de mim e então a porta se fechando suavemente. Sinto os olhos da mulher em mim enquanto observo o que me rodeia: os tetos altos e as pinturas espanholas, as moças se movendo para todos os lados, cuidando das tarefas, sempre silenciosas, dispostas e quebradas. Como eu já fui. Eu vi essa mesma imagem muitas vezes na minha vida, fui para muitas "mansões" cheias de monstros, e depois disso eu espero nunca ter que fazer isso de novo. Não, eu aceito isso — vou fazer isso o quanto for necessário para matar mais dos bastardos que colocam essas garotas aqui.

— Agora, por que você não me diz seu nome verdadeiro, *Lydia*?

Isso certamente chama minha atenção; eu me separo da paisagem; ela parece presunçosa parada ali no centro da sala, vestida com um vestido de seda preta e um sorriso misterioso; suas pernas se estendem por quilômetros, mesmo que ela não estivesse usando saltos altos de doze centímetros.

— Eu não sei o que você quer dizer — minto.

Ela caminha na minha direção lentamente.

— Oh, vamos lá — ela insulta, — uma garota como você: destemida, ousada, com essa atitude de não dar a mínima, ou você não é quem você está fingindo ser, ou eu realmente atingi o ouro quando eles trouxeram você aqui.

Dou de ombros e levanto as duas sobrancelhas.

— Sinto muito, mas eu não sei por que eu estaria fingindo ser outra pessoa, o que importa *quem* você é neste lugar? — Eu rio um pouco, balançando a cabeça. — Greve de ouro? Eu não posso nem começar a entender o *que* isso significa.

— Uma coisa de cada vez — diz ela; ela para na minha frente, me examina com a varredura de seus olhos pintados. — É só que nunca vi nenhuma garota aqui que não tenha chorado e implorado por sua liberdade, *todo mundo* chora. Você não apenas não chorou ou implorou, mesmo quando estava prestes a ter sua garganta cortada, mas você está aqui na minha frente agora quase como se você fosse a dona do lugar.

Levanto meu queixo, empurrando meu pescoço cicatrizado em vista.

— Se você não percebeu — eu digo, — estive lá, já fiz isso. Quanto à minha atitude, bem, acho que uma vez que você teve sua garganta cortada e viveu para contar sobre isso, e você matou alguém que tentou te matar, e você foi sequestrada, baleada e tocada por homens repugnantes, você provavelmente não daria muita foda também. — Eu abro minhas mãos e dou de ombros mais uma vez. — Acredite no que você quer, eu não me importo. E meu nome é Lydia. E não há muito mais sobre mim que valha a pena dizer, realmente.

Ela sorri.

— Oh, duvido disso. Pessoas como você, sempre há algo para contar.

— O que você quer de mim? — Eu pergunto sem rodeios.

— Eu não tenho certeza ainda — ela me circula novamente, avaliando-me. — Se você é uma fraude: nada. Se você é o que eu espero que seja: tudo.

Olho para ela e ela para à minha esquerda; eu posso sentir o cheiro do perfume dela e sentir o calor de seu corpo.

— O que você estava fazendo no México? — Ela pergunta. — Meus homens me disseram onde te encontraram e com quem você estava; como você acabou com um *coiote*? Menina branca, língua inglesa, obviamente longe de casa. Eu diria que você escapou de um dos compostos se eu não soubesse melhor. Essa cicatriz no seu pescoço, sua idade; você não se encaixa no perfil de uma garota prestes a ser vendida. Então, meu único palpite é que você não estava tentando *sair* do México. — Ela olha para mim com expectativa.

— Eu te disse — eu improviso, — eu matei alguém. No Arizona. Policiais estavam atrás de mim e eu fui direto para a fronteira, vou morrer antes de ir para a prisão. O homem que dirigia a van me viu andando, perguntou se eu queria uma carona. Eu perguntei onde ele estava indo. Ele disse que o México então eu entrei — gesticulo minhas mãos — E aqui estou eu. Nunca esperei acabar *neste* lugar, mas é o que é. O que é um *coiote*? Eu estou supondo que você não está falando sobre o animal.

A mulher me circula pela última vez e depois para à minha esquerda.

— Siga-me — diz ela com o gesto da mão; ela nunca responde a minha pergunta.

Eu a sigo para outra sala com sofás, cadeiras e mesas. Eu conto oito meninas escravas, mais novas que eu, todas cuidando de tarefas separadas: duas estão limpando; três estão sentadas em um tapete luxuoso contra o chão com livros, tablets e lápis; uma fica perto de um corredor, as mãos cruzadas na pélvis, a cabeça baixa, esperando para receber uma ordem; um está costurando; e um nos segue onde quer que vamos.

— Eu pensei que estes eram apenas rumores — eu digo.

— O que? As garotas?

Eu concordo.

— Então, o México é realmente tão perigoso e... *incivilizado* como eles dizem que é.

Ela sorri como se estivesse prestes a estourar minha pequena bolha.

— Oh, querida — ela começa, — você está vivendo com uma venda nos olhos, como a maioria da população dos EUA. O México e os Estados Unidos são os mesmos. Na verdade, o tráfico de escravos (o inferno, o comércio de armas e drogas também) é tão grande nos Estados quanto é aqui, até maior. A única diferença é que não somos tão bons em esconder isso, eu admito. — Ela aponta o dedo para mim. — Mas posso assegurar-lhe, tudo que você vê aqui, tudo o que você acha que sabe sobre este lugar, tudo o que se passa por trás de portas fechadas e em casas de homens ricos em todos os estados daquele grande pedaço de terra que você roubou e veio.

Saindo da sala por uma porta lateral, a mulher me leva para um pátio de paralelepípedos em torno de uma piscina extravagante com água púrpura e vermelha brilhante, iluminada por luzes subaquáticas coloridas. Ela gesticula para uma cadeira e eu sento; a escrava que nos segue já sabe o que é esperado dela e ela caminha até um bar molhado e serve duas bebidas.

— Eu vou direto ao assunto — a mulher começa; ela senta elegantemente com as pernas longas cruzadas, as costas retas, descansando contra a cadeira. Ela estende a mão e pega um pequeno copo de uísque da mão da garota. — Estou cansada de fazer essa merda eu mesma.

— Você pode pelo menos me dizer o seu nome primeiro? — Eu interrompo.

A mulher afasta o copo dos lábios antes de tomar um gole; posso dizer que ela ainda está lutando para saber se ela gosta da minha personalidade desafiadora — ela provavelmente espancou, até mesmo matou, garotas por muito menos. Mas o fato de eu ainda estar viva é prova suficiente de que ela não tem intenção de me matar. Ela quer alguma coisa. E estou preparada para jogar pelo tempo que for preciso, para fazê-la acreditar que ela vai conseguir.

Ela sorri.

— Cesara — ela responde, e coloca os lábios no copo; seus olhos seguem os meus com interesse e intriga.

Pego o segundo copo de uísque da escrava e faço o mesmo, certificando-me de que Cesara veja o mesmo interesse e intriga em *meus* olhos.

Ela coloca seu copo em uma mesa de pátio.

— O homem que dirige este lugar — ela continua, e meus ouvidos se animam, e meu coração bate, — quem é dono e de uma centena de outros compostos neste estado, é um bastardo cruel e sem coração. Há um como ele no Arizona. Homem branco. Finge que ele odeia mexicanos, e acho que sim, mas, como tantos americanos, ele é um hipócrita. Enquanto ele empurra sua agenda anti-imigração na América, por trás de suas costas, ele é quem garante que os *coiotes* atravessem a fronteira, para os dois lados. Não apenas levando os mexicanos para os Estados Unidos, mas garotas americanas para o México também. É um negócio muito lucrativo (as garotas, as armas, o tráfico de drogas) ele lucra como tantos outros. E você não acreditaria quantos compostos existem como este, ou quantos chefões existem nos Estados Unidos, como aquele que me paga. — Ela troca as pernas, cruzando a direita pela esquerda. — Então, só para ficarmos claros, você está em um lugar cruel, sim, mas antes de me julgar, ou meu povo baseado em estereótipos e políticos diabólicos, você precisa colocar em sua cabeça que o seu povo é tão ruim como o meu, e de onde você veio, tão cruel quanto a porra.

Eu aceno e tomo um gole.

— Eu nunca pensei sobre isso dessa maneira — eu digo, colocando o copo para baixo. — Mas, honestamente, eu nunca pensei sobre isso.

— Esse é o problema com os americanos: eles não pensam. Não sobre ninguém além de si mesmos. Certamente não *para* eles mesmos.

— Para não ser rude — eu digo, com um pouco de sarcasmo, — mas o que isso tem a ver com...

— Eu sei, eu sei — ela interrompe. — Eu faço isso às vezes, me distraio. A verdade é que eu queria bater em você na boca quando você começou com a merda de rumores mexicanos. Eu precisava tirar isso do meu peito; que você soubesse que não é melhor que eu; seu povo não é melhor que o meu.

Ela suspira.

IN THE COMPANY
OF KILLERS

J.A. REDMERSKI

— De qualquer forma, como eu dizia, estou cansada de cuidar desse lugar sozinha. As governantas são inúteis, elas só se importam em desmembrar as meninas e acham que são as proprietárias de tudo. Elas são bruxas velhas e cansadas que gostam de enfiar os dedos enrugados bocetas das mulheres. Elas são doentes pra caramba, tão doentes quanto qualquer um dos homens "nojentos", como você diz, que estão aqui. Mas não confunda minha aversão com ter um coração, ou algo assim — ela ri levemente. — Recebi este emprego porque *gosto* dele. Eu venci essas garotas porque elas *merecem*. E eu os mato se for preciso, porque é assim que o mundo é, e estamos todos melhor mortos, de qualquer maneira.

Uau, ok. Muito furiosa com o mundo?

— Então, matando-as, você acha que está fazendo um favor a elas — afirmo sem emoção.

— Isso é exatamente o que eu estou fazendo.

— Então por que você não me ofereceu a mesma cortesia?

Ela sorri e me olha com aqueles olhos castanhos intrigados novamente.

— Ouro, lembra? — Ela diz. — Você é uma cadela destemida e arrogante, pronta e disposta a morrer, mas só se for a sua vez. E, acima de tudo, você não é mexicana: não trabalho bem com eles. Mulheres mexicanas são... qual a palavra que você usou mais cedo? — ela aperta a boca de um lado e aperta os olhos — ... *incivilizadas*, elas podem falar merda sobre o meu próprio povo. Mas é verdade, elas são barulhentas e imprudentes e eu simplesmente não me dou bem com elas. Eu diria a você para perguntar a minha irmã, mas eu a matei. — Ela encolhe os ombros.

— Então, você gosta de mim porque eu sou branca? — Eu digo. — Eu odeio dizer isso, mas as meninas brancas não são menos selvagens.

Cesara aponta para mim.

— É verdade, mas, novamente, elas são apenas melhores em esconder isso.

— Talvez seja só eu — eu digo, — mas eu prefiro estar perto de pessoas que *não* escondem quem são, assim você sabe exatamente o

que esperar. — O significado oculto por trás do meu comentário é bastante satisfatório, muito ruim. Eu sou a única de nós que sabe disso.

Cesara encolhe os ombros.

— Você provavelmente está certa, mas o que eu posso dizer? Eu gosto do que eu gosto.

— Tudo bem. Então, você quer que eu trabalhe para você, alguém que você acabou de conhecer, sob circunstâncias realmente confusas que eu deveria apontar, e quem você ia matar. Confiar em mim parece imprudente. E o que exatamente você espera que eu faça? Mais importante, o que eu ganho com isso?

Ela sorri.

— Isdo. Bem aí — ela aponta para mim de novo — é como eu sei que você é perfeita para o trabalho. Você está mais preocupada com o que terá, do que com o que o trabalho envolve. E o que eu posso lhe dar, estou confiante em mantê-la fiel a mim.

— E isso seria?

Cesara fica de pé; seu vestido preto, amarrado com um cinto de seda em volta da cintura fina, cai logo acima dos joelhos.

— Vamos começar com dez mil por mês — diz ela, e então anda pelo pátio de paralelepípedos. — Depois de seis meses, dependendo de quão bem você vai, nós vamos negociar um aumento.

Belisco minha boca de um lado, contemplando.

— Hmm. Ok, admito que você tem a minha atenção. — *Pffft!* Dez mil é uma esmola em comparação com o que eu faço.

Cesara sorri, passa por mim e eu a sigo de volta para a mansão; como sempre, a mesma escrava fica logo atrás.

Como se as outras garotas entendessem às coisas momentos atrás, sabendo que Cesara quer a atenção delas, sem exigir, todas param o que estão fazendo simultaneamente e correm para o centro da sala no momento em que ouvem sua voz.

— Essas meninas — Cesara começa, — são o produto. Mas não apenas qualquer produto; pense neles como diamantes de sangue — ela olha para mim. — Você viu o filme, certo? — Ela não me dá tempo

para responder antes de voltar sua atenção para as meninas. — As pessoas morrem no processo de consegui-las aqui; os diamantes com a mais pura clareza valem *muito* dinheiro. — Ela estende a mão para uma garota, a mais bela do grupo, e passa a parte de trás de seus dedos sobre a bochecha; a garota nunca levanta os olhos. — Nosso trabalho é classificar os que são trazidos para cá por aqueles homens repugnantes; escolha qual delas vai onde, qual delas, visualmente, atrairá os compradores mais ricos. Então nós os enviamos para as governantas para serem quebradas antes de serem trazidas de volta para nós para serem treinadas. — Ela faz um gesto para mim.

Ando ao lado dela.

— Um homem vai pagar um milhão por essa garota — diz ela com admiração e cífrões nos olhos. — Ela é perfeita. De todos os modos — ela olha para *minha* garganta — sem mácula; nem mesmo uma sarda em qualquer parte do corpo dela. — Ela solta o queixo da menina, vira-se completamente para mim e diz: — Mas a beleza não significa nada se ela não está quebrada e treinada adequadamente, é nosso trabalho garantir que, quando ela sair dessa fase de licitação, ela está pronta. Se ela tropeçar, se falar ou levantar os olhos, abaixar os ombros ou mostrar emoção, pode ser a *sua* cabeça.

O que aconteceu com ela usando o "nosso" de repente?

— Minha cabeça? — Eu pergunto.

Cesara sorri e acena com a cabeça. Então ela anda em volta das meninas, inspecionando cada uma delas enquanto fala, quase nunca olhando para mim, mas falando apenas para mim.

— Claro, eu não estou apenas recrutando você para o seu companheirismo — diz ela.

— Então, eu entendi que tem outras... colegas que trabalharam na posição que você pretende me colocar? Você precisa de alguém para culpar e punir se algo não der certo.

— O mundo é um lugar escuro, Lydia. Você tem uma escolha; eu não posso forçar você a fazer isso.

— Mas você vai me matar se eu não fizer.

— Sim. Eu vou te matar se você não fizer.

Suspiro dramaticamente, olho para o candelabro pendurado no teto alto acima de mim, e pretendo levar isso tudo em consideração, mas ela e eu sabemos qual será a minha resposta.

— Tudo bem — digo. — Mas eu quero quinze mil por mês para começar.

Cesara sorri.

— Negociação agora? Talvez você não deva forçar muito a sua sorte?

Olho para a garota escrava de um milhão de dólares.

— Ela se abaixa um pouco, se você olhar para ela deste ângulo. — Eu aponto para o ombro nu dela. — E se você olhar de perto, verá uma cicatriz. Quase imperceptível, mas está lá.

Cesara se aproxima e olha para o local. Quando ela finalmente vê, ela endireita as costas com um suspiro.

— Eu realmente gosto de você, Lydia — diz ela. — Ok, quinze anos será. — O sorriso reaparece em seus lábios. E vejo outra coisa no rosto dela, nos olhos dela, algo tão leve e devastador quanto a cicatriz no ombro da garota. Outro obstáculo que preciso superar, talvez? Um teste das minhas habilidades? Um cenário imprevisto? São todas essas coisas, eu sei. Eu sinto isso no meu intestino. Posso fazer isso? Posso fazer as coisas que sei que terei que fazer sem me sentir culpado?

Saio do quarto com Cesara e minha consciência com as escravas.

CINCO

Fredrik

Dante, meu autoproclamado ajudante, parece um rato de terno. Eu o ajudo com a gravata dele, e fixo suas abotoaduras corretamente, e bato na parte de trás dele pela décima vez quando ele cai em outro desleixo. O cara veio de becos e boquetes de heroína, e só há muito o que posso fazer com ele. Mas ele terá que fazer, porque eu não confio em mais ninguém. Eu também não confio em Dante, mas ele está com medo de mim, e seria preciso muito para ele me trair. Eu suspeito que ele vai um dia, mas hoje não é esse dia.

— Eu não sei, chefe — ele diz, — nunca fiz nada assim antes. E se eu estragar tudo?

— Com dinheiro suficiente — começo eu, — ninguém vai notar mais nada. Não se preocupe muito em como agir, apenas certifique-se de que todos saibam o quanto você é rico e tudo o mais se encaixará.

Ouçó os freios do táxi quando o motorista estaciona na frente da casa. Um último olhar para Dante, e entrego-lhe sua pasta.

— Você só precisa se lembrar das poucas coisas que eu te disse; todas as informações são cobertas do meu lado, apenas não esqueça disso no seu.

Dante acena com a cabeça nervosamente.

— E pare de agir como se você tivesse roubado uma caixa de preservativos. — endireito a gravata. — Tenha um pouco de confiança em si mesmo; entre nisso sabendo que você pode fazê-lo; seja presunçoso, evite as pessoas, faça o papel de um homem que você sempre sonhou ser, mas nunca imaginei que seria, essa é a sua chance.

Ele ainda parece nervoso.

— Mas eu sempre quis ser pintor — diz ele, pensativo.

Suspirando, eu levo Dante até a porta da frente.

— Você vai descobrir — digo a ele. — Noventa e nove por cento desse trabalho é aprendizado enquanto você vai. Não perca seu passaporte ou qualquer outra coisa nessa pasta. E lembre-se: não importa o que aconteça, não interfira. Apenas relate tudo de volta para mim.

— Ok, chefe.

— Servidor seguro, lembra?

Dante acena com a cabeça e dá uma tapinha na lateral da maleta onde o celular especial que eu dei a ele foi guardado.

— Ei, chefe?

— Sim?

— Qual é o outro um por cento?

— Morrer, é claro. — Eu sorrio.

Ele engole.

Momentos depois, Dante pula no táxi e se dirige para pegar o avião.

Entro no porão e ligo a luz, ando casualmente pelo pequeno espaço, passando por velhas latas de tinta e molduras antigas empoeiradas e latas inchadas de legumes. A sujeira combinada com o tamanho da sala me deixa desconfortável, mas esse lugar era o mais próximo que eu conseguia encontrar da Izabel em tão pouco tempo. Apollo Stone teve que ser realocado, ou sua irmã teria eventualmente vindo atrás dele, e eu só posso lidar com uma cadela louca de cada vez — o serial killer que estou caçando, estou convencido, é uma mulher.

— Você é louco — diz Apollo. Ele está amarrado a uma cama de hospital; a única coisa que ele consegue mover são as mãos e os pés e a cabeça. — Nenhuma piada, bruh, você é o *filho da puta* mais doente que eu já tive o desprazer de conhecer.

Empurrando o tubo na seringa, duas gotas de esguicho líquido do final da agulha. Eu bato a seringa com o dedo médio e, em seguida, enfio a agulha no braço dele.

Apolo luta; suas mãos se fecham em punhos; seus dedos apertam e relaxam. E então eles afrouxam e ele está fora.

— Possivelmente.

Coloco a seringa para baixo e coloco o temporizador no meu relógio. Por um momento, tenho uma sensação estranha, do tipo que se sente quando os olhos estão às suas costas. Eu olho para trás e para a pequena janela coberta de isofilme, mas não vejo nada. Ignorando, volto para o andar de cima e tranco a porta do porão do lado de fora. Eu pego minha pasta do bar da cozinha e saio de casa para procurar novas informações sobre o serial killer. Não tenho muito tempo até que o Apollo acorde, e isso me irrita porque tenho coisas importantes a fazer. Mas quando Izabel me contatou sobre cuidar dele — e manter isso em segredo de todos, até mesmo de Victor — eu não poderia dizer a ela que não. Eu gostaria de poder matá-lo — quase desabei e fiz isso algumas vezes — mas Apollo é a morte para Izabel, não para mim. E ele também não é de Victor, não importa o quanto Victor queira ele e sua irmã. Se ele descobrir que guardei isso dele, escondendo Apolo por Izabel, ele pode *me* matar. Mas eu acho que vou lidar com isso quando chegar a hora.

— Eu te encontro lá em quinze minutos — eu digo ao meu contato no telefone. — Sem federais, entendido?

Meu contato concorda e desligo, coloco meu carro em marcha e saio dirigindo.

Inicialmente, o negócio era que eu trabalhasse perto com o governo dos Estados Unidos para ajudar a capturar esse assassino. Eu concordei com os termos deles, com todas as estipulações deles; eu lhes disse que compartilharia todas as informações com eles sobre esse caso, diria a eles minhas opiniões e daria a eles meus valiosos conselhos, porque Fredrik Gustavsson, eles acreditam, é a única maneira de capturar seu assassino. Mas eu menti. E continuarei mentindo. O governo valoriza meu julgamento — eles nem sequer considerariam me envolver se não precisassem de mim e não tivessem mais ninguém para fazer o que eu posso fazer. Mas eles também me veem como Apollo: insano e doente. E uma vez que eu os levo para este assassino, eu serei o que eles vão depois. Então, por que lhes dar *alguma coisa*?

Só estou trabalhando com eles por causa do que o Victor precisa: informações para ajudá-lo a encontrar o verdadeiro Vonnegut. Quando me encontro com eles, apenas finjo estar do lado deles, pelo amor de Victor.

Mas a ameaça deles para mim e meu dever para Faust não são as maiores razões pelas quais escolhi guardar tudo para mim e traí-los. Eu faço isso por causa do meu interesse pessoal nesse assassino; ela é uma coceira debaixo da minha pele que eu não posso arranhar a menos que eu quebre. Eu quero saber por que seus métodos se parecem muito com os meus. Eu quero saber porque ela faz o que ela faz, se ela está realmente tentando chamar minha atenção, ou se ela é apenas uma versão mais sombria de mim mesmo e faz o que ela faz só porque ela *precisa*.

As respostas virão; elas levarão tempo, mas as coisas mais gratificantes da vida sempre levam tempo.

Kenneth Ware, funcionário do governo que trabalha para a Divisão de Atividades Especiais *Especiais*, e meu fã número um, aparentemente, está do outro lado da mesa na biblioteca pública. Esse homem, tão enamorado pela sede de sangue de criminosos mentalmente perturbados, é extraordinário. Tenho a sensação de que ele é tão demente quanto qualquer serial killer que ele estudou; mas ele é capaz de se abster de agir de acordo com seus próprios impulsos. Claro, me incomoda admitir isso, mas isso o torna mais avançado do que eu; isso o torna mentalmente mais forte do que eu e aqueles criminosos dementes que ele caça e mexe como uma adolescente com um músico de rosto infantil.

Mas o Sr. Ware, como todos os homens, tem uma fraqueza, uma brecha na armadura: o *meu* rosto de bebê. E toda vez que eu me encontro com ele, eu o interpreto como dedos movendo-se suavemente, habilmente sobre teclas de piano.

— Então, que nova informação você tem para mim, Sr. Ware?

Ele sorri e, com as mãos ansiosas, pega a pasta na mesa e a abre. Dois segundos depois, um arquivo está na minha frente.

— Você vai amar isso — diz ele, fechando a pasta e deslizando-a para o lado.

Puxo a pasta para mais perto, mas espero antes de abri-la; não quero parecer tão ansioso quanto ele — é uma aparência tão vulnerável.

Em vez de elaborar, é evidente que ele só quer que eu abra o arquivo já. E eu acho que é melhor, senão ele vai ter um ataque de ansiedade causado pela antecipação de esperar por muito tempo.

Colocando dois dedos na pasta, abro-a devagar. Não há fotos dessa vez, nenhuma cena de crime horrível; apenas um monte de texto, com alguns pequenos parágrafos aqui e ali em negrito. Primeiro, passo a informação, mas quando vejo algumas palavras-chave aparecendo para mim como sangue vermelho vivo em um chão branco estéril — amostra de cabelo, DNA, fêmea -, eu leio tudo palavra por palavra. Porque eu tinha um pressentimento de que esse dia chegaria; coisa boa eu me preparei para isso com antecedência.

Quando termino, fecho a pasta e olho para Ware, não impressionado.

— É uma possibilidade — eu digo, — mas duvidoso.

Ware pisca.

— Duvidoso? — Sua excitação se transforma em decepção. — Mas está tudo bem aqui — ele gesticula para o arquivo — e é a maior pista neste caso que eu vi em dez anos. Como você pode eliminar a teoria tão facilmente sem dar uma chance? — Ele está verdadeiramente fora de si sobre isso.

Porque você está chegando perto demais, Sr. Ware, e eu não posso ter isso.

— Mesmo o fato de que todas as vítimas são do sexo masculino — prossegue ele, — é uma pista concreta, como você poderia pensar o contrário?

— Porque, com base nos arquivos do caso — começo — as cenas de crime, tudo sobre esse assassino, na minha opinião de especialistas, aponta em uma direção.

Ware se inclina para longe da mesa e cruza os braços; ele me dá um olhar que basicamente diz: *bem, eu estou ouvindo*; e ele parece um pouco agravado também; tão chateado quanto pode estar com alguém que ele admira muito, é claro.

Deslizo minha pasta sobre esse tempo, insiro o código para desbloqueá-lo e, em seguida, pego dentro dos meus próprios arquivos. Enquanto eu estou espalhando fotos da cena do crime na mesa entre nós, os olhos de Ware se desviam nervosamente, preocupados que alguém vá passear e ver coisas horríveis.

Deslizando uma foto na direção dele, eu digo:

— Diga-me o que você vê nessa foto. — Antes de dar a ele uma chance de responder, coloco mais algumas ao lado dela. — Diga-me o que você vê em todas essas fotos.

Ware olha para eles, estuda-os por um momento.

— Eu posso te dizer exatamente o que eu vejo, mas nós dois sabemos que você vai apontar algo que eu obviamente não faço. Então, provavelmente é melhor você me dizer o que é.

Aponto para a estante atrás da cabeça da vítima.

— Um espelho. — Eu aponto para vários pontos nas outras fotos. — Há um espelho em cada cena de crime, talvez não em todas as fotos que você me mostrou, mas posso garantir que se você voltar e olhar todas as fotos tiradas de cada cena do crime, você encontrará um espelho em todos eles.

Ele medita por um momento.

— Ok, então mesmo que haja um espelho em todas elas, o que é que isso quer dizer?

Embaralho as fotos em uma pilha e as coloco de volta na minha pasta enquanto uma mulher passava. Eu sinto seus olhos em nós, olhando por cima do meu ombro secretamente. Sentindo que ela provavelmente viu ou ouviu algo que ela não deveria ter feito, eu a observo do canto do meu olho enquanto ela se dirige para os banheiros. É por isso que eu odeio me encontrar em lugares públicos sobre coisas como essa; as pessoas comuns são tão insensatamente curiosas. E intrometidas.

— Esse matador se odeia — digo a Kenneth Ware -, mas ele quer se amar. — Deslizo a primeira folha de papel para a visão de Ware e aponto para o texto enquanto explico. — Todas as vítimas, não só são homens, mas são homens bastante grandes — aponto para uma linha em particular — Kamir Rashad pesava duzentos e quarenta quilos,

todo músculo. — Eu embaralho outra folha no topo. e aponte novamente. — Abner Marin era um faixa-preta de jiu-jitsu brasileiro.

— Eu vejo no que você está chegando — ele corta, e então se inclina para frente novamente, descansando os braços sobre a mesa, — e nós já consideramos essa informação, mas isso não significa que não pode ser uma mulher. Conheço mulheres que poderiam me dar uma surra e tenho 1,62 cm e peso 87 quilos.

— Eu não terminei — indico, e seus lábios se fecham.

Eu movo os papéis de lado.

— Todas as vítimas eram homens. A maioria deles era fisicamente forte e maior que a mulher de tamanho médio; e alguns deles, como Abner Marin, eram habilidosos em algum tipo de arte marcial (e um era policial, outro era militar) então, o que estou vendo aqui, ao invés do óbvio, deve ser uma mulher. — Porque a teoria das vítimas são homens, é que todas as vítimas eram homens *viris* e que o assassino também é um homem *viril*, e é por isso que ele as escolhe: porque essa é a parte sobre si que ele odeia. Também explica melhor como o assassino poderia derrubar tantos homens de seu tamanho e habilidade por conta própria, e não ser morto fazendo isso. Se o assassino fosse uma mulher, ela provavelmente não teria durado tanto tempo. Eu sei que isso não é verdade, pelo menos não com a maioria das mulheres que eu já conheci, mas o que quer que seja que guie Ware na direção oposta...

Ware não parece convencido, como eu sabia que ele não estaria a princípio; ele cruza os braços sobre o peito e balança a cabeça.

— Mas o que fez você chegar a essa conclusão? — Pergunta ele. — Você precisa de algo sólido a partir da evidência que aponta nessa direção, ou então é apenas outra teoria.

Eu sorrio.

— Os espelhos — eu digo. — Eles estão lá por uma razão. Você estudou serial killers toda a sua vida, Sr. Ware; você já sabe que a maioria, senão todos, ou pega um troféu ou deixa alguma coisa para trás. — Inclino-me para frente como ele e descanso meus braços na mesa. — Mas eu acho que você está olhando para o lado errado: seu assassino tem um interesse óbvio nos dentes de sua vítima, eu concordo com isso, e ainda estou tão perplexo quanto você, mas eu não

acho que os dentes são o que você precisa focar, ou que todas as vítimas são homens, você precisa se concentrar nos espelhos; os dentes provavelmente são apenas o rescaldo de sua raiva — aponto para Ware em breve — mas os espelhos são a parte do quebra-cabeça que conta a história real.

OK, agora ele está começando a parecer convencido — inferno, estou começando a me convencer!

Ware olha para o nada; sua expressão é a de um homem contemplando o quebra-cabeça mais complexo que ele já tentou juntar.

Finalmente, ele balança a cabeça e respira fundo.

— Então, nessa direção que você acha que este caso está apontando? — Ele me lembra.

Descanso minhas costas contra a cadeira novamente.

— Acredito que este assassino, este *homem*, quer ser uma mulher ou absolutamente acredita que é uma mulher. Acredito que ele odeia homens e mata homens, homens aos quais ele se assemelha de maneiras que, estereotipando, *fazem* dele um homem, porque, ao matá-los, ele está matando essa parte de si mesmo. É claro que o sentimento só dura por tanto tempo antes que desapareça, como acontece com todos os serial killers, e ele tem que matar novamente. Há também uma boa chance — aponto meu dedo indicador para cima — que o assassino foi molestado e estuprado por homens, talvez apenas um homem, eu não sei, mas acho que é daí que tudo vem.

— E a amostra de cabelo e o DNA feminino encontrados na cena do crime? — Pergunta Ware.

Inclino minha cabeça para um lado, tocando meu piano com a habilidade de Chopin.

— Há quanto tempo você está caçando esse assassino, Sr. Ware?

— Dez anos.

— E o que é algo comum em muitos serial killers, especialmente depois de tanto tempo matando, e não sendo pego?

— Eles tendem a *quererem* serem pegos.

— E na mídia, quando há uma reportagem sobre a possibilidade de seu assassino sem título atacar novamente, como a mídia sempre se refere a ele?

Ware parece agora como se uma luz brilhante tivesse sido acesa dentro de sua cabeça.

— Eles se referem a ele como um homem — ele responde. — Como *ele*.

— E o que é uma coisa que muitos serial killers desejam além de sua necessidade de satisfazer seus desejos?

— Atenção. E reconhecimento apropriado.

— Então, não só ele não está sendo reconhecido corretamente porque ele é constantemente chamado de *ele*, mas ele nem sequer recebeu um título, portanto ele não recebe a atenção que procura. O DNA, a amostra de cabelo, é tudo uma tentativa de fazer com que você e a mídia o vejam por quem ele acredita que é: uma mulher.

Ware se sente um idiota total, eu posso ver isso na cara dele, mas ele está recém-energizado; eu praticamente posso ouvi-lo falando sozinho, como ele está mudando todos os seus planos, abrindo espaço para os novos. O cara pode me admirar em níveis insalubres, mas ele está pronto para levantar-se agora e me deixar sentado aqui para que ele possa começar a trabalhar nesta nova teoria que ele acredita que vai quebrar seu caso.

Claro, tudo o que eu disse a ele é besteira.

Este serial killer é definitivamente uma mulher; a evidência estereotipada de que todas as vítimas são homens é verdadeira. Não tenho nada concreto para apoiar minha crença, mas não preciso disso. Às vezes você apenas sabe, você confia, você sente isso em seu intestino. Embora, com essa nova evidência de DNA que Ware me deu, pode muito bem ser a prova concreta de *que* preciso. E isso pode me levar diretamente a ela. É isso que ela queria? Ela quer ser pega? Por mim, de todas as pessoas? Eu acho que ela faz. Eu acho que nossas estranhas semelhanças são muito mais do que coincidência.

Eu conduzi com sucesso Kenneth Ware na outra direção. Por agora. Mas ele é um homem inteligente, e o que torna um homem inteligente mais perigoso é aquele que tem essa necessidade motriz de

realizar o que ele mais deseja. Essa elaborada história que eu apresentei o deterá por algum tempo, mas um homem como Ware, eu sei, não pode ser detido indefinidamente.

Mas eu tenho tempo. E, como Ware, eu tenho uma necessidade de encontrar esse serial killer antes dele.

E eu vou.

IN THE COMPANY
OF KILLERS

J.A. REDMERSKI

SEIS

Niklas

Bato meus dedos na porta e espero; não há muito o que olhar enquanto espero, mas eu olho, no entanto. Um pequeno pedaço de grama, não muito maior que uma amostra de carpete, fica ao lado do último degrau; é uma coisa tão fora do lugar, cercada de sujeira e pedaços de cascalho e vidro da garagem. Toneladas de buracos parecem minas terrestres — o maldito parque de trailers é um enorme buraco de merda. E eu sinto cheiro de merda. Em toda parte. Olho para baixo e viro meu pé esquerdo para o lado para verificar a parte inferior da minha bota, então a direita, aliviado por não entrar em nenhum dos meus passos na calçada de terra e tijolos. Mas há pilhas de merda espalhadas pelo pátio — fico surpreso que esse pequeno pedaço de grama não tenha sido tocado. Gatos. Eles estão em toda parte também; sinto que eles estão apenas esperando o momento certo para me emboscar.

Bato na porta novamente, com mais urgência neste momento.

Jackie, minha amiga e companheira de foda — ao contrário de Nora, que eu realmente não suporto — abre a porta e seu rosto se ilumina quando ela me vê.

— Niklas! — Ela vem em minha direção, braços para os lados, e abraça o inferno fora de mim; eu a acaricio desajeitadamente nas costas, não sendo muito o tipo de abraços.

— Entre — ela pede, apontando para mim.

Coloco a minha mão para cima.

— Eu gosto de você e tudo, mas se há sessenta gatos lá, ou você tem algum tipo de problema de acumulação, eu prefiro apenas ficar de pé aqui.

Ela revira os olhos, agarra meu cotovelo e me arrasta para o trailer de caixa de fósforos, que é limpo, apesar da vizinhança.

— Os gatos não são meus — diz ela, indo para a cozinha em plena vista da sala de estar. — Eles são meio que todo mundo por aqui, eu acho. Mas eles começaram com a dama no lote três: dois gatos ficaram com sessenta; você consegue a imagem.

— Por que eles cagam em todo o lugar? Eu pensei que os gatos deveriam ser limpos?

— Eles são selvagens — diz ela, tomando duas cervejas da geladeira. — E inatos.

— Oh. — Dou de ombros, deixo cair o assunto do gato, e volto ao que eu estava pensando quando parei do lado de fora, antes de sentir duzentos olhos nas minhas costas. — Então, é aqui que você mora, né? — Meus olhos examinam o pequeno trailer, o velho sofá surrado, a poltrona reclinável marrom e a televisão de tela plana de vinte e oito polegadas; uma pilha de DVDs fica no carpete marrom feio ao lado.

— Sim, este é o meu lugar — diz ela, acenando com a mão sobre o quarto antes de me dar a cerveja. — Algo errado com isso? Você tem aquele olhar de julgamento, querido.

Eu tomo a cerveja.

— Não há nada de *errado* com isso — digo a ela, e tomo um gole. — É só que imaginei que cinquenta mil dólares iriam te ajudar. — Eu dei a ela o dinheiro não muito tempo atrás, depois do caso Francesca Moretti na Itália.

Ela sorri, toma um gole.

Eu sigo e sento com ela no sofá.

— Isso me ajudou — diz ela. — Eu paguei muitas dívidas. E eu comprei aquele carro lá fora; não é nada extravagante, mas é confiável. Eu paguei um ano de aluguel adiantado deste lugar, eu não tenho que me preocupar com aluguel por um tempo. Isso é sempre bom.

— Mas você poderia ter *comprado* um lugar — aponto; olho em volta da pequena área novamente. — Você poderia ter comprado cinco ou seis *destes*.

Ela encolhe os ombros.

— Eu tinha muita dívida.

Hmm...

Há uma batida na porta; Jackie coloca sua cerveja na mesa de café e vai atender a alguns metros de distância. Ela sai a meio caminho de fora, os dedos enrolados em volta da porta, abrindo-a atrás dela. Eu ouço vozes fracas, mas apenas pedaços da troca.

— Este não é um bom momento, Shell — Jackie sussurra, faz uma pausa para deixar — Sheik — falar, e depois acrescenta: — Não, você terá que voltar mais tarde. Posso te dar um cigarro. Aguenta.

Jackie fecha a porta todo o caminho, e enquanto eu finjo estar interessada em minhas unhas — ou a falta delas — ela pega um cigarro de uma mochila na mesa da cozinha e leva para a mulher.

Dívida de drogas, respondo a mim mesmo. Por que mais uma mulher que dorme com homens que ela mal conhece, e que fica em bares desprezíveis todas as noites, e mora num parque de trailers na pior parte da cidade, gasta cinquenta mil dólares em outra coisa que não seja drogas? Eu sabia que ela tinha um problema com drogas no dia em que a conheci — ela estava cheirando uma linha de cocaína no bar atrás das costas do barman naquela noite — então, eu acho que não posso esperar mais nada dela. Não é da minha conta, de qualquer forma. Ela pode ter todos os medicamentos que quiser, estragar tudo o que quiser, e eu nunca pensaria menos dela por ser quem ela é. Isso só me surpreende, é tudo; eu esperava que ela apreciasse o dinheiro um pouco mais e fizesse algo para melhorar sua vida.

Não é possível alterar as manchas de um leopardo e tudo isso. É uma pena, porque ela é uma mulher linda.

— Desculpe por isso — diz ela, sentando ao meu lado novamente. — Shellie é meio intrometida; provavelmente viu o seu clássico Mustang lá fora e queria saber quem está dirigindo. Estranhos e agradáveis carros estacionados por aqui se tornaram o grande tópico de notícias do parque de trailers. Provavelmente os policiais estão

prontos para invadir a casa de Carson. Ele mora no lote doze; acho que ele está dirigindo um laboratório de metanfetamina ali, então, sobre o que você gostaria de conversar comigo? — Ela sorri e se aproxima mais, colocando a mão na minha coxa. — Provavelmente uma pergunta idiota, hein? — Ela bate os olhos castanhos.

— Na verdade, não é por isso que eu vim aqui — digo a ela.

Um pouco surpresa, Jackie tira a mão da minha perna e olha para mim com curiosidade.

Tomo outro gole, pego um cigarro no bolso, coloco entre meus lábios acendo o final em chamas.

Esta é provavelmente uma má ideia — *sei* que é uma má ideia — mas não sou conhecido pelas minhas boas ideias, pelas minhas boas decisões ou — as manchas do leopardo e tudo o mais.

— Se você está interessada — eu começo, e dou outra tragada. — Eu tenho um trabalho para você.

— Que tipo de trabalho?

— Um duro — eu digo, fumaça saindo da minha boca. — E eu não vou mentir para você, ou não disfarça nada — é perigoso. Mas paga bem, e você não terá que fazer isso sozinha; se é algum consolo, tenho quase certeza de que *você vai* ficar bem, mas não tenho tanta certeza de poder aguentar as coisas que você pode ver sendo feitas a outras pessoas.

Suas sobrancelhas endurecem e ela inclina a cabeça para o lado.

— Hmm — ela diz. — Eu não sei, Niklas, você não está me vendendo muito bem. Existe alguma coisa sobre este trabalho perigoso, possivelmente traumatizante, que tornaria isso mais... tentador?

— Um milhão de dólares — eu digo, e ela pisca. — E tudo isso adiantado; nada disso de metade antes, metade depois da merda.

Ela coloca sua cerveja para baixo, atordoada, quase perdendo a mesa completamente.

— Uau... bem, isso é muito dinheiro — ela está tendo problemas para encontrar as palavras certas — Quero dizer, isso é uma coisa boa e ruim: bom, porque é *muito dinheiro*; ruim, porque significa que esse trabalho, seja ele qual for, realmente é perigoso. E você está disposto a

dar tudo adiantado? Isso me preocupa ainda mais. Então, pare com o suspense e me diga o que é.

Passo uma hora explicando tudo: os perigos do trabalho e seu papel nele; a merda que ela vai ver, não importa o quanto ela tente evitá-lo; e quando terminar, nem um milhão de dólares pode convencê-la de cem por cento. Ainda estamos em, ah, eu diria, setenta e quatro.

— Puta merda, Nik — diz ela, de pé no quarto com os braços cruzados; ela está andando nos últimos quinze minutos. — Eu sabia... quer dizer, eu imaginei, de qualquer forma, você estava em algumas coisas estranhas; que cinquenta mil você me deu, eu sempre achei que fosse algum tipo de dinheiro de sangue, e me perguntei onde você conseguiu. Não sei, acho que nunca esperei nada assim.

— Bem, o *que* você esperava? — Estou sentado com as costas apoiadas no sofá, minha bota esquerda apoiada no meu joelho direito.

— Eu não sei — diz ela, balançando a cabeça, andando de um lado para o outro no tapete. — Eu acho que o que eu estou realmente tentando dizer é que eu sabia que você estava em algumas coisas ruins, mas, na verdade, ouvindo tudo isso, sabendo o que você quer que eu faça, isso torna tudo tão... real.

— Sim — eu digo, — você provavelmente teria estado melhor apenas imaginando em que tipo de merda eu me meteria.

— Sim. Provavelmente.

Ela para de andar e se vira para mim.

— Mas eu vou fazer isso.

— Huh? — Surpresa, eu apenas olho para ela por um momento; eu me convenci de que, aos setenta e quatro por cento, ela voltaria a zero. "Então você é..."

— Dizendo que sim — ela interrompe. — Eu não me importo com o quão perigoso é; com esse tipo de dinheiro — ela faz uma pausa, olhando para baixo, provavelmente imaginando-se tomando banho e todas as drogas que ela pode comprar. — Eu definitivamente farei isso. Eu seria um idiota em deixar passar uma oportunidade como essa. Alguém como eu: trinta e dois anos de idade, recém-saída da reabilitação, sem auto respeito, sem talento que eu conheça, a menos que você queira contar minha atuação, mas como não era boa o

suficiente para Hollywood, suponho que conta como não ter talento. Onde diabos eu vou conseguir metade dessa quantia de dinheiro?

Ela meio que tem razão, mas eu me sinto mal abertamente concordando com ela, então eu não digo nada.

— A atuação — digo ao invés disso, — será útil, com certeza. E foda-se Hollywood, eles assinam atores de merda todos os dias, então suas opiniões sobre seu talento são inválidas. — Pelo menos eu espero que sim, para o bem dela, indo por isso, é melhor que ela canalize Charlize Theron.

Ela cora, como se precisasse ouvir alguém dizer isso desde o dia em que Hollywood a dispensou.

Ela se senta ao meu lado novamente; tenho a impressão de que ela está se preparando para dizer algo que não sabe ao certo como vou reagir; mas ela não tem medo de mim — Jackie não tem medo de nada.

— Parece que você realmente se importa com essa garota — ela diz, e eu sabia que isso ia acontecer, — fazer tudo isso para protegê-la.

— Não, eu só me preocupo com ela.

— Você não se preocuparia com alguém que você não gostasse.

— Não é o que você pensa.

— Ok — ela diz, e eu detecto facilmente o que ela realmente quer dizer: Ok, mas você está cheio de merda.

Talvez ela esteja certa; talvez eu me importe mais com Izzy do que deveria. Mas o maior problema aqui é que meu irmão é quem deve estar se preocupando com ela, pagando a alguém um milhão de dólares para vigiá-la. Mas ele é um idiota. E alguém tem que pegar sua folga.

Eu ainda não consigo acreditar que ele realmente concordou em deixar Izzy passar por esse plano estúpido, ou que ele concordou em não interferir. Foda-se ele e todos os outros em sua Ordem que estão deixando isso acontecer. Foda-se todos.

— Bem, o que faz você pensar que eu não vou apenas pegar o dinheiro e fugir? — Jackie pergunta com um sorriso.

— Porque eu confio em você. — Coisa estranha é que eu realmente confio nela.

— Tudo bem — diz ela, mudando de assunto e seu tom de voz, — então quem são esses dois caras que você está enviando comigo? E quanto você confia *neles*?

— Não tanto quanto você — eu digo. — Mas eles vão mantê-la segura no simples fato de que a outra metade do pagamento depende disso.

— Eles trabalham com você? — Ela está tentando se sentir melhor sobre tudo isso.

— Eu não trabalho *com* eles — eu digo, — mas eles trabalham para mim.

Os homens que vou mandar para o México com Jackie não fazem parte da Ordem do meu irmão e nem sabem o que é. Eles são apenas caras que eu conheço há muito tempo, ex-militares, e que viram algumas merdas confusas em suas vidas, então seus papéis no México não os incomodam muito. Eu os contratei pela mesma razão que estou contratando Jackie: não consigo envolver ninguém da nossa Ordem, porque qualquer pessoa leal a Victor, não necessariamente os torna leais a mim.

Passo outras três horas com Jackie, repassando todos os detalhes; mostro as fotos a dela de Izzy e, como quero que Jackie tenha certeza disso, também mostro fotos e vídeos das meninas em complexos — não apenas no México, mas em todos os lugares também — e as coisas que acontecem com eles. Jackie não quer fazer isso — está em toda parte -, mas o dinheiro é O Grande Negociador, e um milhão é difícil o suficiente para um homem rico deixar passar, muito menos uma mulher que mora em um parque de trailers e dirige um 2001 Acura com um enorme amassado na porta do motorista.

— Fisicamente, você vai ficar bem — digo a ela. — Você é considerada velha demais para ser sequestrada e vendida no tráfico de escravos, e meus ex-militares que estão indo com você podem protegê-la do ocasional idiota que poderia tentar fazer o seu caminho com um dos ricos compradores. Mas duvido que você tenha que se preocupar com isso, mesmo. Eles geralmente não mexem com os compradores; mas manter sua história em ordem e ser capaz de provar que você é quem diz ser é o trabalho mais importante. Você faz o papel e eu provarei.

— E você tem certeza absoluta de que a minha história será apoiada se eles tentarem verificar quem eu sou? — Ela pergunta.

— Não se — eu digo, — mas *quando*. Eles sempre fazem verificações de antecedentes. Você apenas faz sua parte e não se preocupa com o resto. Eu não enviaria você lá se não tivesse essa parte sob controle.

— Ok. — Ela não pode mais manter contato visual comigo; seus olhos se perdem em qualquer outro lugar.

— Jackie — eu coloco minha mão em seu joelho — você tem certeza que pode fazer isso? Você não pode entrar lá com esse olhar no seu rosto.

Ela endireita as costas e força um sorriso crível com facilidade.

— Tenho certeza de que posso fazer isso — diz ela. — E eu quero. Eu sempre quis agitar um pouco as coisas na minha vida — ela ri sob seu fôlego — não exatamente imaginando fazer qualquer outra coisa semelhante. Eu sempre sonhei em ser atriz e ir a festas de Hollywood onde eu me sentia importante — ela olha diretamente para mim; seu sorriso nervoso torna-se algo mais confiante. — Mas nada acontece como imaginamos, Nik?

— Não, realmente não faz. — Eu rio um pouco também.

— O que *você* sonhava em ser — ela pergunta, — antes de sua vida tomar o caminho que levou?

Livre, eu penso comigo mesmo. *Livre para ser... assim como você, Jackie Young.*

Eu nunca respondo a sua pergunta.

Eu a fodo antes de sair, e vou direto para o bar onde eu moro em um quarto no andar de cima, o mesmo bar onde a conheci. E eu não durmo — muita merda em minha mente — mas eu apenas olho para o teto até a noite se tornar dia, e não posso deixar de me perguntar se Izzy já está morta, e que nada disso realmente importa mais.

SETE

A Cótus Vermelha

Horas. Cinco horas e vinte e um minutos. Funcionários de companhias aéreas estão conversando entre si sobre a estranha e destacada mulher sentada na mesma cadeira por mais de cinco horas. Ela não move nada além de sua cabeça; seus olhos acompanham as pessoas enquanto caminham, rolando as malas puxadas ao lado delas, pastas apertadas nas mãos, malas de viagem penduradas nos ombros.

Um homem se aproxima dela, vestido com seu uniforme de avião; outros funcionários atrás do balcão vigiam de longe.

— Senhora — ele começa, desconforto em sua voz: — Qual o voo que você está esperando?

A mulher levanta os olhos; ela vê os minúsculos cabelos ficarem de pé ao lado de seu pescoço enquanto ela olha para ele sem expressão, sem piscar. Ela inclina a cabeça, estudando-o, como se ele fosse um espécime intrigante.

Depois de um momento, sem resposta:

— Senhora? — O empregado dá um pequeno passo para trás, precisando de mais distância entre eles.

E então... ela sorri.

O homem pisca, confuso com a estranha mulher.

— Estou esperando por um voo retornando do México — ela responde gentilmente.

O homem acena com a cabeça.

— Você sabe qual deles? Eu poderia te ajudar; parece que você está esperando há muito tempo.

Outro sorriso, sutil, mais ao redor dos olhos que a boca; seus movimentos ainda são poucos, mas ela parece menos ameaçadora para o homem do que antes.

— Eu cheguei cedo — diz ela. — Eu não queria perder isso, então cheguei cedo.

O homem acena de novo; como a maioria das pessoas, ele instintivamente sabe que algo está errado sobre essa mulher, mas também como a maioria das pessoas, ele a ignora. Porque ela está sendo gentil. Porque ela é bonita. E pequena. E aparentemente inofensiva. Porque ela é mulher.

Finalmente, ele sorri de volta.

— Bem, há algo que eu possa fazer para tornar sua espera mais confortável? Você gostaria de algo para beber? Um café talvez? — Ele olha para o largo caminho em direção ao café.

— Não, mas obrigada. — Ela dobra suas mãos delicadas no colo.

— Ok, bem, deixe-me saber se você precisar de alguma coisa. — Ele acena em direção ao balcão. — Eu apenas estarei lá; pelo menos até meu turno acabar em poucas horas.

— Obrigada — diz a mulher.

O homem começa a se afastar, mas a mulher o detém.

— Senhor.

Ele se vira.

— Você gostaria de tomar um café juntos?

Sua postura muda. Ele tira o celular do bolso da calça e verifica a hora.

— Eu acho que posso fazer a minha pausa cedo — diz ele e coloca o telefone de volta no bolso. — Deixe-me dizer-lhes o que está acontecendo e eu vou acompanhá-la até lá. — Ele sorri.

A mulher também sorri, e então ela observa o homem voltar para o balcão, onde as mesmas três mulheres que as observam de longe estão esperando. Alguns segundos depois, depois de informá-las de sua

primeira pausa — e, sem dúvida, dá-lhes informações sobre a estranha troca — ele se aproxima da mulher novamente, mantendo as mãos ao lado do corpo e apenas para manter o encontro profissional.

— Vamos? — Ele diz.

A mulher sai com ele; sua única possessão é sua bolsa, pequena e feita de couro sintético, amarelo brilhante, com espaço suficiente para fazer um homem imaginar o que ela está escondendo lá dentro.

Eles caminham lado a lado até o café.

OITO

/zabel

Essa noite é a grande noite; depois de semanas treinando com Cesara — ou fingindo treinar, porque conheço esse tipo de coisa melhor do que ela — posso participar da minha primeira festa de leilão. Bem, tecnicamente não é a minha primeira, mas será a primeira vez que eu participo como treinadora, como uma das coisas que mais detesto. Mas, eu aprendi com o melhor deles — e Cesara está longe de ser o melhor — e que melhor maneira de desempenhar esse papel de forma eficaz, com credibilidade, do que daquele que me ensinou? E é por isso que escolhi Izel, a irmã de Javier, que por tantos anos fez da minha vida um inferno.

As garotas aqui estão com medo de mim, como deveriam estar; eu tive que fazer exemplos com algumas, e as punições que eu escolhi foram cruéis, eu admito — porque eles tinham que ser, para evitar desmascarar meu disfarce — mas era melhor do que matá-los. E eu nunca farei isso; eu me mataria antes de ir tão longe com uma vida inocente. Além disso, parte do meu plano é tirá-las daqui também, sempre que eu fizer a minha saída.

— Você parece bem — Cesara me diz, olhando-me com a varredura faminta de seus olhos. — E você parece tão... relaxada. Achei que você ficaria pelo menos um *pouco* nervosa pela primeira vez.

Deslizo outro anel no meu dedo e, em seguida, uma pulseira de ouro em volta do meu pulso. Quando vou para o colar, vejo Cesara atrás de mim no reflexo do espelho; sinto seus seios nus pressionados contra as minhas costas, sua respiração de menta se movendo ao longo da concha da minha orelha, seus dedos no meu pescoço, fechando o fecho do colar para mim.

— Eu esperava que você estivesse um pouco nervosa — diz ela, e um arrepio se move ao longo da minha espinha, atacando a parte de trás dos meus olhos.

— É isso que você quer que eu esteja, Cesara? — Eu sussurro sedutoramente, meus olhos fechados, formigando.

O calor de sua língua traça minha orelha, sobre minha bochecha, até que sua boca encontra a minha. Ela me beija, uma mão contra o lado do meu rosto, virando-a rudemente na direção dela, a outra mão deslizando pelo meu quadril, minha coxa e depois até meu joelho onde meu vestido de seda para.

— Eu quero que você seja você mesma — diz ela, e depois beija meu pescoço. — Sua selvageria, o modo como você se comporta diante de homens que querem você, como você os nega e despreza; faz coisas para mim que ninguém jamais foi capaz de fazer.

Eu suspiro e descanso minhas mãos contra a penteadeira quando sinto seus dedos dentro de mim; ela aperta a outra mão nas minhas costas e gentilmente me empurra para a frente, de modo que estou debruçada sobre a penteadeira na frente dela. A frieza da seda desliza sobre o meu traseiro e eu a sinto no meio das minhas costas, expondo-me nua embaixo dela; suas mãos quentes acariciam meu traseiro, seguido por seus lábios enquanto ela beija tudo, levando seu tempo com cada ponto.

— Você tem certeza que quer que eu seja eu mesma, Cesara? — Eu pergunto, minha respiração mudando com o seu toque. — Mesmo com você? Pensei que você... — ofego de novo — pensei que você gostasse do controle.

— Eu gosto — diz ela enquanto se agacha atrás de mim. — Só comigo, eu sempre quero que você mostre fraqueza, Lydia. Isso está entendido?

— Só com você... — Eu digo, e fecho meus olhos enquanto sua língua me atira em euforia cheia de culpa.



É só depois das nove, e os convidados — dizem alguns, os maiores compradores do ramo — estão começando a chegar. Este lugar é uma

fortaleza, localizada a aproximadamente cinquenta e cinco quilômetros da mansão de Cesara e do complexo que ela administra. Como todas as mansões em que eu já estive, tem que haver cem homens armados guardando os terrenos e as estradas a pelo menos cinco milhas em todas as direções. Ninguém entra em um lugar como esse, nem perto disso, sem um convite e uma identificação adequada. E quem tenta é baleado à vista. Nenhuma pergunta feita. Nenhuma chance de provar inocência.

Cesara e eu entramos no teatro, onde um palco está empoleirado na parede do fundo, cercado por cortinas de veludo pretas pesadas. Em vez de assentos de teatro alinhados ordenadamente em filas, há cerca de cem mesas redondas com quatro cadeiras correspondentes empurradas para baixo; os marcadores são colocados sobre as mesas mais próximas do palco, reservados para aqueles "grandes compradores" que todos estão sussurrando nos corredores. É certo que os grandes compradores são os que mais me interessam também. Se Vonnegut estiver aqui esta noite, ele teria que estar entre eles.

Estou nervosa; eu não posso mentir para mim mesma para me fazer sentir melhor — se Vonnegut está aqui, é provável que ele saiba quem eu sou antes que eu possa reconhecê-lo.

— Venha — eu ouço Cesara dizer, e ela gesticula para eu segui-la pelo teatro e sair pela lateral.

Duas garotas escravas, não treinadas o suficiente para vender ainda, estão atrás de nós em todos os lugares que vamos. A ruiva, Sabine, pertence a mim. Eu olho para ela para ter certeza de que ela está acompanhando e não fazendo nada para me fazer parecer mal.

— Eu quero que você conheça alguém especial — Cesara me diz quando entramos em uma sala muito menor.

Meu coração quase cai aos meus joelhos quando vejo o mexicano alto em pé, de terno escuro e gravata de seda chique, e espero por um momento que ninguém, a não ser eu, tenha de me calar — a semelhança é assustadora.

— Lydia — Cesara diz, me levando pelo cotovelo, — este é Joaquin Ruiz. — Ela é toda sorrisos orgulhosos e beijador-de-bunda linguagem corporal na presença deste homem, e eu acho que é apropriado e engraçado. — Ele organiza todos os leilões.

Eu ando até o homem, que se parece tanto com seu irmão mais velho, Javier, que por um momento quase tempo demais, não consigo falar.

Finalmente, estendo minha mão para ele como um gesto costumeiro para que ele possa sacudi-lo ou beijá-lo — se sacudir, significa que ele não está impressionado comigo.

Joaquin segura minha mão na dele e se dobra o suficiente para plantar seus lábios quentes acima dos nós dos dedos; seus olhos castanhos-leitosos nunca deixam os meus e me vejo nadando neles, pensando em seu irmão e na estranha vida que tive com ele.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Ruiz — eu digo com uma voz estritamente profissional. Assim como o resto da família de Javier, pretendo matar Joaquin também, antes de sair daqui. Mas eu tenho que pegá-lo sozinho para matá-lo — outra tarefa, como encontrar Naeva, que eu não posso pensar agora.

— Me chame de Joaquin — ele oferece; um sorriso apenas mal puxa um canto de sua boca.

Percebendo seu interesse por mim, Cesara chega mais perto — não sei dizer se o ciúme dela de mim ou de Joaquin — e ela entrega a Joaquin uma taça de champanhe.

— Lydia está comigo há três semanas — Cesara diz a ele. — Ela já superou todo mundo que já tive debaixo de mim.

— Então, então talvez esta durará mais que as outras? — Joaquin diz de um jeito sombriamente cômico, e então leva o copo aos lábios.

Cesara sorri e, em seguida, enrola os dedos em volta do meu cotovelo. "

Oh, sim — ela diz, — eu gosto dessa. Muito.

Joaquin capta facilmente o significado oculto por trás de seu comentário.

Sua atenção muda quando outro homem entra na sala atrás de nós. Joaquin levanta a mão e acena para o homem, sorrindo imensamente como se conhecessem um ao outro há muitos anos — agora Joaquin é aquele que tem a linguagem corporal de beijador.

— Robert — diz Joaquin, — conheça Cesara e Lydia; Cesara, Lydia, conheça Robert Randolph. — Ele dá a volta para ficar ao lado de Robert, de frente para nós, com a classe de champanhe na mão. — Elas são as treinadoras de dez das meninas no leilão hoje à noite.

O homem chamado Robert beija a mão de Cesara e, depois, com relutância, ele aperta a minha.

— Prazer, Sr. Randolph — Cesara cumprimenta.

Aceno respeitosamente, já sabendo que ele não se importa em falar comigo.

— Qual é a cor do seu cartão? — Ele pergunta.

— Somos os vermelhos — responde Cesara.

Os cartões vermelhos identificam os treinadores com as meninas.

Robert concorda com a cabeça.

— Vou prestar mais atenção ao vermelho hoje à noite — diz ele, e beija a mão de Cesara novamente.

Este homem, provavelmente um dos grandes compradores, é, sem dúvida, um bastardo cruel e sem coração que qualquer garota que tenha a infelicidade de ser vendida a ele hoje à noite desejará que ela tenha morrido durante o treinamento. Eu posso ver nos olhos dele, seu rosto de quarenta e poucos anos, incapaz de um sorriso em qualquer forma: ele é um estuprador e um assassino, e não tem tolerância a erros ou imperfeições. É por isso que ele não beijou minha mão — com a cicatriz na garganta eu valho menos do que lixo para ele. O aperto de mão foi simplesmente por respeito, provavelmente por Cesara, que é muito bonita. E sem mácula.

Mas este é "Robert Randolph", o sempre evasivo Vonnegut?

Não, eu não penso assim; eu nunca vi esse homem antes, e não há nada em seus olhos que sugira que ele também tenha alguma ideia de quem eu seja.

Em menos de trinta minutos, o lugar está lotado; todas as mesas e cadeiras do teatro foram preenchidas. Alguns compradores levaram suas propriedades, mulheres e homens jovens, sentados no chão a seus pés — nojo de mim ver essas coisas; eu gostaria de poder pegar uma arma de um dos guardas e borrifar o local com balas. Olho para

Sabine, minha propriedade, sentada obedientemente aos *meus* pés, com a cabeça abaixada, as costas retas, as mãos cruzadas no colo, as pernas enfiadas debaixo do traseiro dela. *Me desculpe, Sabine, que você está aqui. Farei tudo o que puder para impedir que isso seja o resto da sua vida.* Ela relaxa, e como se o fantasma de Izel vivesse dentro de mim, minha mão se solta e eu a agarro pela parte de trás de seu cabelo, puxei sua cabeça para trás em seu pescoço e a forcei a olhar para mim. "Mantenha as costas retas ou eu vou dobrá-lá permanentemente — eu assobio em seu rosto encolhendo.

Eu sei que Cesara está assistindo — esse era o ponto principal.

Joaquin Ruiz entra no palco e dezenas de conversas acontecendo ao meu redor cessam em um instante. Enquanto Joaquin fala em um minúsculo microfone fixado na lapela de seu paletó, as mãos livres, gesticulando, sua voz desaparece dos meus ouvidos, substituída pela minha: *nenhum deles parece familiar*, digo para mim mesma enquanto estudo os grandes compradores sentados nas mesas mais próximas do palco na minha frente. *Não é um deles!* Joaquin continua, detalhando as regras e procedimentos de licitação para compradores novos e de retorno; ele discute com a plateia a importância de "não tocar" e "não falar com a mercadoria" e todas as outras coisas que propositalmente fecho meus ouvidos — eu ouço, mas também bloqueio tudo. Além disso, é algo que ouvi tantas vezes na minha vida que está gravado no meu cérebro como uma lesão cancerosa.

Decidindo que talvez eu estivesse errada sobre Vonnegut ser um dos grandes compradores, volto minha atenção para os outros homens menos visíveis na sala.

— O que você está fazendo? — Cesara sussurra ao meu lado.

Saio da minha investigação, e viro minha cabeça em sua direção, já sabendo o que ela está se referindo: eu não estava prestando atenção.

— Eu pensei ter reconhecido alguém — respondo sem esforço, e me inclino mais perto dela, aponto discretamente na direção que eu estava olhando quando ela me pegou, e eu sussurro: — Aquele homem, a segunda mesa do Sr. Randolph está certo, não posso ter certeza, mas acho que já o vi em algum lugar antes.

Cesara olha com curiosidade para o homem em questão, a quem escolhi da multidão por um capricho, e então ela sorri para mim confusa.

— Você não pode estar falando sério, Lydia, você não sabe quem é?

Eu olho para o homem de novo, realmente não tendo ideia, mas sentindo que estou prestes a parecer uma idiota para Cesara.

Ela se inclina mais perto, seu ombro tocando o meu.

— Esse é Andreas Cervantes; você provavelmente já viu um ou dois de seus filmes; ele é um dos principais diretores dos EUA.

Eu nunca assisto a filmes, nem à televisão, nem preste muita atenção em nada a respeito de pessoas famosas, a menos que isso esteja diretamente relacionado ao meu trabalho — uau, sou uma mulher de oitenta anos de idade, aos meus vinte anos. Eu me arrependo, surpresa com o quão desapontada isso me faz sentir, e eu apenas jogo junto.

— Eu nunca me importei com quem *fez* os filmes — eu digo. — Eles não são *em si* os mesmos, então por que eu deveria? — Dou de ombros.

Cesara sorri e sinto sua mão acariciando minha coxa.

Quando a licitação começa, eu uso a distração das garotas saindo do palco uma a uma, para continuar a focar nos compradores. E depois de uma hora, e ainda não vendo uma pessoa que eu sinto que poderia ser Vonnegut, fico frustrada. Eu sabia que isso não ia ser fácil, e eu sabia que não havia realmente nenhuma chance no mundo que eu o encontrasse no primeiro leilão, mas isso não me impede de ser impaciente.

Enquanto estou amaldiçoando a mim mesmo, minha atenção se quebra quando ouço Joaquin rir durante uma das guerras.

Eu olho para cima e cada cabeça no cinema está olhando para uma mulher em particular: longos cabelos loiros, vestido prateado — tudo que eu posso ver são as costas dela. E ela é a única na sala de pé, o que é estranho porque ninguém fica de pé enquanto faz uma oferta; eles apenas levantam silenciosamente as pás coloridas quando vêem algo que querem.

— Eu não ligo para quem você é — a mulher diz friamente para um homem em uma mesa na frente dela, é Robert Randolph, extraordinário pedaço de merda — eu quero menina número onze.

Robert Randolph, como todo mundo, olha para a mulher com descrença e confusão. *Quem está mulher louca pensa que é?* Essa é a questão em todos os rostos no teatro. Incluindo o meu.

Joaquin não está mais rindo. Ele se aproxima da borda do palco, as mãos fortes juntas na frente dele, e ele olha para a mulher criticamente.

— Senhora — ele começa, — a melhor maneira de... conseguir o que você quer — ele abre a mão, com a palma para cima, em gesto — é fazer uma oferta. Silenciosamente. Se você não se importa.

— Sim, eu entendo isso — diz ela, — mas este homem está determinado a superar-me, e eu não o permitirei.

Uma onda de riso baixo circula pela sala.

Joaquin tenta manter a cara séria, mas ele acha o mesmo humor em seu comentário como todo mundo.

— Esse é o ponto, senhorita...?

A mulher engasga drasticamente; sua mão voa graciosamente para o peito.

— Quem sou eu? — Ela pergunta, tão ofendida que até me sinto ofendida *por* ela. — Quem sou *eu*? — ela ofega de novo, balança a cabeça loira. — Primeiro, eu me sento atrás de outras mesas; segundo, nem sequer consigo um cartão com o meu nome; e agora você me pergunta quem eu *sou*, meu pai ficará *enfurecido* com a forma como fui tratada aqui!

Estou tão atordoada pela explosão dessa mulher, em uma sala literalmente cheia de piores tipos de pessoas, que estou congelada na minha cadeira. Mas acho que estou mais impressionada com o quanto gosto dela.

Oh. Meu. Deus. Essa é Nora? De repente, minha cabeça parece quente, minha pressão sanguínea subindo a alturas furiosas. *Eu mato ela... eu juro por Deus...*

Robert Randolph sai da cadeira e fica em pé. Ele abre a mão para a mulher, inclina a cabeça e diz:

— Senhora, se você quer tanto a menina, eu serei um cavalheiro e deixarei você tê-la.

Cavalheiro, minha bunda, seu idiota.

A cabeça da mulher se vira — não é Nora. Estou tão aliviada, mas tenho apenas uma fração de segundo para aproveitá-la antes que o drama dessa mulher me leve de volta. Ela olha espantada para o público, alheia ao fato de que todos acham que ela é louca, e então se volta para Robert Randolph.

— Eu *vou* comprar todos elas — ela diz confiante, travando o queixo como se fosse a pessoa mais importante na sala, e então ela se senta de novo, segurando o remo na mão, pronta e esperando.

— Eu nunca vi nada assim — Cesara sussurra ao meu lado.

— Eu também — eu sussurro de volta. — Ela é louca. Ela realmente espera comprar *todas* as garotas?

— Ela comprou até agora — diz Cesara.

Olho para Cesara e depois para a estranha, e percebo o quanto não prestei atenção ao processo de licitação. Ela comprou todas as garotas até agora? Uau. Claro, eu pretendo já saber disso, ou então Cesara vai se perguntar o que diabos eu tenho feito o tempo todo.

— O pai dela deve ser carregado — diz uma mulher sentada à mesa ao nosso lado, — para poder pagar todos eles.

— Carregado é o que gostamos — responde Cesara. — Ela pode ser uma putinha mimada, mas se o papai tiver dinheiro, ela pode fazer tantas birras quanto quiser.

A mulher concorda, concordando.

— Mmm-hmm — diz ela. — Mas isso poderia afastar os outros compradores.

— Eles são meninos e meninas grandes — diz Cesara. — A melhor maneira que qualquer um deles pode lidar é superando-a. Estou ansiosa para vê-lo, o olhar no rosto dela quando ela perde.

— Isso provavelmente vai acontecer em breve — a outra mulher diz. — Ela vai gastar todo o seu dinheiro nas garotas de abertura e não

terá mais nada quando as especiais aparecerem. Nunca vi ninguém se interessar tanto pelos abridores.

— Eu também, mas quem se importa? — Cesara diz. — Embora, quando o papai descobrir, ele não a mandará mais em seu lugar.”

— Você sabe quem ela é? — Pergunta a mulher. — Eu não tinha certeza antes — Cesara começa, — mas agora eu me lembro, eu corri suas informações eu mesma. Seu nome é Frances Julietta Lockhart, filha de Brock Lockhart, um rico investidor e político nos Estados Unidos. Eu já o vi antes, em leilões anteriores; a primeira vez que vi a filha dele veio em seu lugar.

— E provavelmente a última — a mulher coloca.

Cesara assente com a cabeça. Então ela olha para mim.

— O que você acha, Lydia?”

Acho que Frances Julietta Lockhart é uma fraude — como eu. Ao contrário de mim, acho que ela nunca fez nada assim antes. Eu acho que ela está na cabeça dela. E eu acho que quem a enviou aqui é um idiota, porque ela vai se matar.

— Eu acho que você está certa — eu respondo Cesara. — Mas vai ser interessante de assistir.

Todos nós estamos certas na segunda hora e "Frances" está sem dinheiro. Cesara e a mulher sentada à mesa ao nosso lado maravilham-se com o antecipado “olhar em seu rosto” quando Frances percebe que não pode pagar a próxima garota cuja candidatura inicial é meio milhão de dólares — uma enorme diferença em relação aos dez, vinte, e cinquenta mil dólares que ela está acostumada. Todos os outros na sala veem uma "birra" quando Frances se senta calmamente em sua cadeira, de boca fechada, tensa, um nó se movendo no centro de sua garganta a cada dois ponto quatro segundos. Eu vejo alguém finalmente percebendo que ela está acima de sua cabeça, alguém que está tão assustada quanto ela está com raiva, e alguém que pensa que quem a enviou aqui é um idiota, porque ela pode não sair daqui viva.

Joaquin tem o hábito de olhar para Frances sempre que uma nova garota é levada ao palco e é hora de fazer uma proposta, esperando que ela levante o remo antes de qualquer outra pessoa. Mas depois da quinta e da sexta garota, que vendem por um milhão cada — para

Robert Randolph, presunçosamente, é claro — ninguém olha mais para Frances Julietta Lockhart, exceto os dois corpulentos guarda-costas que sentam com ela em sua mesinha solitária.

A primeira noite de um leilão de três noites termina com Frances voltando para seu hotel, presumivelmente — porque ela não reservou um quarto na mansão como muitos convidados — com treze novas escravas, todas totalizando um milhão, cento e cinquenta mil. Uma garota, a última que ela comprou, mais pagou, e sem dúvida levou tudo o que tinha. Foi uma guerra de lances com Robert Randolph, mas ele era inteligente e experiente demais para Frances. Ele sabia quando continuar a levantar o remo; ele podia ver a ansiedade e a frustração no rosto de Frances, assim como eu podia, e ele usou para sua vantagem: ele pediu contra ela até que soubesse que ela estava sem dinheiro, e então ele a deixou ter, forçando-a a gastar tudo o que ela tinha, e colocá-la fora do jogo. Para uma garota que não valia nem metade do que Randolph obrigava Frances a pagar.

E embora ela fosse uma “putinha mimada” e ela estivesse aqui para comprar garotas, eu não pude deixar de me perguntar o que era sobre ela que eu gostava tanto.

Mas Frances é a menor das minhas preocupações, e não para o que eu vim aqui. Então, afasto o meu interesse por ela, e focar na tarefa em mãos — e encontrar Naeva — é tudo que tenho espaço para me preocupar.

Infelizmente, vou ter que descobrir como *não* ter que foder Joaquin Ruiz, porque ele acabou de entrar no meu quarto e no de Cesara, e eu já sei para onde isso está indo.

NOVE

/zabel

Cesara cumprimenta Joaquin, tira o paletó dele e o pendura nas costas de uma cadeira perto da porta. Ele desabotoa os dois primeiros botões de sua camisa enquanto caminha mais para a suíte espaçosa; um ar sexy e confiante sobre ele que é surpreendentemente desanimador. Seu rosto parece ter sido esculpido por um artista renascentista que lhe deu maçãs do rosto perfeitamente contornadas, lábios bem torneados e olhos penetrantes que de alguma forma parecem vazios, mas são cheios de intensidade e expectativa. Ele é um homem atraente, admito; a versão mais jovem e viva de seu irmão infame; mas ele ainda não é Javier, não importa o quanto eu acredite que ele queira ser.

Cesara entra e sai do quarto, voltando com uma garrafa de vinho e três copos vazios na mão.

— Nós nos saímos bem esta noite — diz ela. — Vendi todas as dez garotas por mais do que o esperado. Amanhã a noite está parecendo ainda mais lucrativa. — Ela coloca a garrafa e os copos em uma mesa e serve as bebidas.

Joaquin acena com a cabeça.

— Claro — diz ele, — mas muitos deles foram vendidas para a mesma mulher. Uma personagem, aquela. — Ele se senta em um sofá antigo luxuoso, descansando o braço esquerdo sobre o comprimento do braço do sofá, seus longos, dedos masculinos pendurados na borda.

— Acho que o pai dela está tentando transformá-la no negócio — diz Cesara, — jogando-a de cabeça.

— Maneira dispendiosa de fazer isso — Joaquin indica

— Claro — concorda Cesara, — mas aprender com os próprios erros através da experiência inicial é a maneira mais rápida e eficaz. — Ela faz uma pausa e depois acrescenta: — Acho que ela não vai se juntar a nós amanhã à noite.

Joaquin sorri.

— Eu ficaria surpreso se ela fizesse; uma vergonha, na verdade, um comprador inexperiente é sempre bom para nós. — Ele encolhe os ombros. — Não importa; nós temos mais compradores grandes chegando amanhã à noite, isso, estou confiante, compensará a ausência da senhorita Lockhart.

Seu comentário chama minha atenção. Mais grandes compradores? Talvez nem tudo esteja perdido ainda.

— É por isso que você faz um evento de três noites? — Pergunto.

— Sim — responde Joaquin, coloca os lábios no copo e bebe enquanto me olha. — Nem todo mundo pode aparecer no mesmo dia; nós gostamos de dar opções aos nossos compradores.

— Bem, se eu fosse um comprador — eu digo, — eu me preocupo com as melhores meninas sendo vendidas na primeira noite. — Eu permaneço de pé, e evito contato visual com ele o máximo que posso.

Cesara me entrega uma taça de vinho e, com um olhar nos olhos, e a sutil inclinação para trás de sua cabeça, ela insiste em que eu me junte a ela e a Joaquin no sofá.

Porra...

Relutantemente, eu faço. E vejo que ela percebe isso imediatamente, a relutância.

Pense rápido, Izabel... você tem que sair dessa.

— Conte-me sobre os compradores — eu digo quando me sento, bem ao lado de Joaquin, porque é onde Cesara me quer, entre eles e tento manter a conversa como a atividade número um pelo maior tempo possível. — Há algum que eu deveria estar... ciente dele, por qualquer motivo? — Eu estou pescando por pistas sobre Vonnegut; eu só espero que isso pareça um inquérito inocente.

— Com o tempo, você aprenderá essas coisas — diz Cesara, penteando os dedos com cuidado no meu cabelo.

— Sim, mas desde que estamos no meio do meu primeiro evento de leilão, seria bom ter alguns ponteiros.

— A primeira cabeça é a melhor maneira de aprender, lembra? — Cesara diz com um sorriso, e então seus olhos dançam sobre a borda de seu copo enquanto ela bebe lentamente.

Eu respiro fundo, cobrindo-a com o movimento da minha própria bebida, assumindo que falhei em minha tentativa de informação.

Ela coloca o copo numa mesa lateral.

— Mas nessa situação em particular — ela diz, comprometendo-se, — a primeira coisa pode parecer ruim para *mim*.

Ok, talvez não seja um fracasso, afinal.

Joaquin sorri, concordando.

Ele endireita as costas contra o sofá, coloca o copo numa mesinha lateral e depois se vira em ângulo para melhor nos encarar, com o sapato social brilhante apoiado no joelho.

— Os maiores compradores — Joaquin começa, — costumam comparecer no terceiro dia: são mais tranquilos e menos lotados. E por causa do nosso relacionamento com eles, escolhemos as meninas para eles com antecedência, com base em suas compras habituais, suas preferências e as colocamos de lado.

— Oh sim — acrescenta Cesara, — sempre salvamos as melhores garotas para os maiores compradores. Custa três vezes mais apenas entrar pela porta da frente no terceiro dia do evento e eles estão dispostos a pagá-lo.

— E até mesmo as meninas menos caras — diz Joaquin, — começam com duzentos mil dólares.

— Uau — eu digo, fingindo me surpreender com essa informação. — Imagine alguém como a senhorita Lockhart tentando fazer uma proposta contra um desses compradores.

Joaquin ri.

Um sorriso se espalha pelos lábios pintados de Cesara.

— Sim — ela diz, — seria um espetáculo para se ver.

— Eu admito — acrescenta Joaquin, — eu gostei bastante do show da senhorita Lockhart hoje à noite — ele gira a mão no pulso e seus olhos castanhos ricochem momentaneamente — esses eventos podem ser tão monótonos às vezes; eu realmente não consigo mais nada deles.

— Eu diria que sua conta bancária — Cesara indica

A expressão de Joaquin concorda.

— Verdade. E essa é a única razão pela qual eu faço isso.

— Oh? — Eu pergunto, embora eu não quisesse dizer em voz alta; acabou de sair.

Joaquin acena com a cabeça.

— Eu prefiro estar executando *tudo*, sou praticamente apenas um organizador de eventos e, na verdade, esse é o trabalho de uma mulher, ou uma fada; as fadas fazem isso ainda melhor.

— Você é tão homofóbico, Joaquin — diz Cesara, brincando. — Você sabe o que isso significa, não sabe? Ser homofóbico?

A sobrelanceira direita de Joaquin se ergue curiosamente.

— Isso significa — Cesara diz, — você pensa secretamente sobre os homens um pouco mais do que você gosta.

Joaquin não parece tão ofendido quanto eu esperava.

— Você é uma vadia desagradável, Cesara — diz ele, sorrindo. — Às vezes as coisas que você diz me fazem querer colocar minhas mãos em volta da sua garganta.

— Mas você já faz isso — diz ela, sugestivamente. — E você sabe o quanto eu gosto.

Oh, Jesus... Figurativamente, rolo meus olhos diretamente na parte de trás da minha cabeça.

Antes de seu jogo sexual ir longe demais, e eu me tornar a *mayonesa*² em um sanduíche mexicano, eu tusso fingindo, jogando minha mão sobre a minha boca e fazendo o mais grosseiro barulho de tosse com a garganta que eu posso fazer.

Ambos olham para mim como se eu tivesse acabado de arruinar o momento.

— Oh, desculpe — eu digo, casualmente. — Então, você ia me dizer como *não* fazer você parecer mal?

Cesara parece pensar nisso por um momento.

Joaquin fala primeiro.

— Os três maiores compradores — ele começa, — chegam no terceiro dia: Jorge Ramirez; ele possui duzentas boates no México, Estados Unidos e Porto Rico. A única coisa que você precisa estar ciente com Jorge é que você não quer ficar sozinha em um quarto com ele. Ele... arruinou uma de nossas garotas mais caras seis meses atrás (é claro, nós o fizemos pagar por ela depois) mas ele é um estuprador em série, e ele não se importa com quem é, treinador ou mercadoria, velha ou jovem, atraente ou repulsivo, ele vai foder.

— Soa como um encantador — eu digo, mordaz.

— Ele tentou me colocar em um banheiro uma vez — diz Cesara. — Então, sempre que se espera que ele esteja em um dos nossos leilões, eu sempre levo um homem comigo para todo lugar que vou.

— Se ele tentar alguma coisa comigo — eu ameaço, canalizando Izel, — eu o cortaria, e enfiaria na garganta dele."

Joaquin e Cesara olham um para o outro de cada um dos meus lados — parece que eu disse algo errado.

Joaquin balança a cabeça de maneira punitiva.

— Você nunca vai atacar ou insultar um comprador — ele avisa. — Nem mesmo em autodefesa. Eles são o que nos mantém no negócio; mate um, e os outros vão começar a se perguntar se eles serão os próximos.

— Nossos compradores não são santos — insiste Cesara, e eu me viro para vê-la. — Eles são tão fodidos quanto você ou eu ou Joaquin, veja em que estamos envolvidos, o que *você está* envolvido — e as mesmas regras que se aplicam lá fora no mundo, não existem aqui. Simplificando: os compradores são mais importantes do que você, ou eu, ou Joaquim: matar um, ou dar um fora, e você vai acabar em uma cova rasa — seus olhos vagam por mim para encontrar Joaquin — não está certo, Joaquin?

Olho para ele novamente. Ele pega seu copo de vinho e traz para sua boca comprimida; e depois de tomar um gole que parece precisar mais de uma distração, ele olha para o nada com um olhar duro em seus olhos.

— Sim — ele responde, a contragosto. — O *jefe*³ é um homem brutal, e nenhum de nós está imune às suas... punições.

Tenho a sensação de que ele queria usar outra palavra, algo muito mais ofensivo do que *jefe*.

Sabendo melhor do que insistir em investigar mais sobre esse assunto em particular, concentro-me em tentar acalmar meu coração enfurecido; engulo e de bom grado mudo de assunto.

— E os outros dois compradores?

Joaquin se solta em um instante, provavelmente feliz por não ter que pensar em seu "jefe", a quem ele obviamente odeia, um segundo a mais.

— Iosif Veselov — diz Cesara. — Um dos homens mais ricos da Rússia; ele praticamente possui a indústria de escravos sexuais lá; compra homens e mulheres de todo o mundo. Ele é muito parecido com o seu amigo, Robert Randolph: impecavelmente rude; acha que ele é o homem mais importante a andar na face da terra; e não tem absolutamente nenhuma tolerância para a imperfeição. Mas Iosif é pior: não só nunca vai beijar sua mão, Lydia, mas se você falar com ele sem falar ele primeiro, ele vai bater em você na frente de todos.

— Mas eu não sou escrava — eu digo, com raiva de apenas o pensamento dele correndo solto.

— Você não precisa ser — diz Joaquin. — Mesmo na Rússia, as mulheres sabem que nunca devem falar com ele; ele nunca viu o interior de uma cela de prisão porque nenhum policial jamais ousaria prendê-lo, certamente não por algo tão pequeno quanto bater em uma garçonne porque ela o cumprimentou em sua mesa.

— Todo mundo conhece seu rosto — diz Cesara. — E, se não, aprendem rapidamente.

Eu quero esse homem morto quase mais do que Vonnegut. Talvez ele *seja* Vonnegut — isso seria perfeito; matando dois pássaros e tudo.

mais. Ah bem; se eles não são iguais, pelo menos eu terei algo para esperar depois que Vonnegut estiver morto.

— E o terceiro comprador — diz Cesara, relaxando no sofá; sua linguagem corporal sugere que esse homem não é tão brutal quanto o último. — Bem, ela e eu temos... um passado."

Ela? Ah, entendi Cesara; não há necessidade de elaborar, mas eu quero que você de qualquer maneira.

— O nome dela é Callista — diz Cesara. — Vale cinquenta milhões. Ela é rica e bonita, e adora comprar homens estritamente para atender a todas as suas necessidades. Não há muito que você precise se preocupar com ela.

Não tenho certeza se acredito nela, talvez o sorriso que se seguiu tenha algo a ver com isso.

— Oh, agora não minta para ela, Cesara — diz Joaquin de brincadeira, e eu volto minha atenção para ele. — Callista amava Cesara uma vez, acho que ela *ainda* a ama. Se você quiser chamar para o que elas tinham de amor.

Finjo estar irritado com esta notícia "enfurecedora" e "inaceitável" — outra mulher e Cesara? Eu vou matar uma cadela! Claro, eu não poderia me importar menos, mas não posso deixar que *ela* saiba disso.

Eu me volto para Cesara, linhas de raiva se aprofundando em volta dos meus olhos, o interior da minha boca entre meus dentes.

— E você espera que eu trate esse... comprador... com respeito? Isso será difícil de fazer quando querer matá-la é a única coisa em minha mente.

Cesara sorri e ela se inclina para mim; eu posso sentir o calor de sua boca se aproximando da minha e depois a umidade de sua língua. Eu a beijei forte, quase esquecendo que com ela eu deveria ser a submissa. Mas com Joaquin na sala? Não tenho certeza do que ela espera de mim em uma situação como essa. E eu não quero estar em uma situação como essa! *Merda... não sei o que fazer!*

— Como eu disse — ela sussurra na minha boca e eu ainda posso sentir o gosto dela, — você não terá que se preocupar com Callista. Ela é fraca, nada como você.

— Então, por que Joaquin te chamou de mentirosa? — Eu puxo seu lábio inferior com os dentes.

O calor do corpo de Joaquim pressionando contra mim por trás me enche; uma mão se move ao longo do meu quadril, a outra afasta meu cabelo do meu pescoço.

— Callista não faz nada sozinha; ela tem outros fazendo isso *por* ela — ele diz, sua respiração no meu pescoço.

Quando a mão de Joaquin desliza entre as minhas pernas, isso desencadeia o plano de sair disso, que eu nem sabia que tinha. Eu ligo Joaquin como um leão em cativeiro virando seu treinador; meu cotovelo estica seu rosto, e ele cai de costas no sofá comigo em cima dele, minhas pernas sobre sua cintura; minhas mãos ao redor de sua garganta, meus polegares pressionando contra sua traqueia; meu rosto se contorceu de raiva: dentes à mostra, olhos rodopiando com toda a loucura que posso invocar.

— Lydia! — A voz de Cesara é como um chicote; suas mãos seguram meus braços por trás, tentando me puxar para fora dele. — Pare com isso! Pare com isso agora! Que porra está *errado* com você?

Eu agarro a garganta de Joaquin com mais força e abro seu rosto tenso, mas, infelizmente, ele é muito maior, muito mais forte do que eu, e posso sentir as mesas girando rapidamente.

Dois segundos depois, estou voando pela curta distância e bato no chão de costas com um *baque*!

— LYDIA! — Cesara grita; antes de notar Joaquin vindo em minha direção, Cesara está entre nós, tentando segurá-lo. — Joaquin, espere! Apenas espere a porra de um minuto, tudo bem!

Mas ele não está ouvindo, e ele agarra o braço de Cesara e a empurra para o lado antes de se abaixar sobre mim como uma sombra imponente e assassina. Os olhos de Joaquin... ele vai me matar; meu plano "brilhante" foi o pior plano que eu já fiz.

Não obstante, permaneço no disfarce, travando meu queixo desafiadoramente, desafiando-o a fazer o pior; um sorriso dança nos meus lábios.

— Faça — eu desafio. — Faça!

— Por favor, Joaquin — Cesara implora, chegando por trás dele.
— Pelo menos deixe que ela se explique... *por favor!*

Isso é implorar de *verdade*? Ela está realmente implorando a este homem pela minha vida. *Interessante.*

Sem reconhecê-la, Joaquin se agacha diante de mim, apoiando os braços sobre as pernas; ele inclina a cabeça para um lado, e depois o outro, estudando-me, como se indeciso se eu era a coisa mais intrigante que ele já encontrou, ou o mais estúpido.

— É isso que você quer? — Ele me insulta. — Para matar você?

— Eu não me importo com o que você faz — eu respondo, — apenas não me toque assim.

Uma sugestão de um sorriso aparece em torno de seus olhos.

— Joaquin...

Ele levanta a mão e silencia Cesara.

— Eu não vou matá-la — diz ele, e isso me surpreende. — Assim como você não a matou quando você a trouxe aqui, como você, Cesara, vejo algo nela que vale a pena estudar. Como você, Cesara... — ele sorri para mim e, lentamente, se levanta. — ... Vejo algo nela que quero, algo que terei em breve.

— E o que é que isso quer dizer? — Eu pergunto, ainda sentado com as minhas costas pressionadas contra o sofá; minhas pernas se abriram; um eu-fodidamente-desafio-você-ousar olhar no meu rosto.

Ele passa os dedos pela parte de cima do cabelo e depois ajusta a gravata.

— Eu gosto de uma mulher difícil de conseguir — diz ele. — Mas essa que odeia tanto os homens, apresenta um desafio ainda mais intrigante, e eu nunca recuo de um desafio.

Ele se vira para Cesara.

— Tire suas roupas — ele diz a ela, e ela sabe que ele significa negócios; ela sabe que esta não é a hora de parar, discutir ou jogar duro para si mesma.

Cesara sai do vestido vermelho, deixando-o em volta dos pés.

Joaquin pega um punhado da parte de trás do cabelo dela e ele vira seu corpo nu ao redor, dobrando-a sobre o braço do sofá.

Ele olha diretamente para mim quando se empurra para ela por trás.

— Eu quero que você me veja foder a mulher que você é... — ele empurra seus quadris —... tão apegada.

Minha mandíbula apertada, rangendo meus dentes; minhas narinas se dilatam; meus olhos atiram nele com ódio e vingança. Mas eu não testo sua paciência, sabendo que eu já fiz não apenas uma vez, mas duas vezes agora, beijei a boca de Senhora Sorte e me salvei da morte certa. Mas a Senhora Sorte, como todas as putas cruéis, raramente oferece terceiras.

DEZ

Niklas

Jackie respira pesadamente no telefone.

— Você deveria ter visto — diz ela. — Eu sabia que coisas assim aconteciam no mundo, mas... Niklas, foi horrível... horrível!

— Acalme-se — digo a ela. — Lembre-se do que conversamos: você precisa permanecer na personagem o tempo todo, mesmo quando pensa que está sozinha

— Eu não posso! — Ela me interrompe. — Estou surpresa de poder manter isso bem enquanto estava lá; eu quase perdi isso. Você enviou a pessoa errada, Nik, que diabos você estava pensando, afinal?

Estou começando a achar que ela está certa — eu não deveria tê-la enviado; eu deveria ter enviado alguém experiente. Mas é tarde demais para fazer algo sobre isso agora. Eu só preciso mantê-la calma e no disfarce o tempo suficiente para conseguir isso.

— Você está bem, Jackie? — *Izzy está bem? Ela estava lá mesmo?* Eu realmente preciso saber o que Jackie descobriu sobre Izabel, mas agora Jackie é prioridade.

— Claro — ela responde sarcasticamente: — Eu estou *perfeita*! Estou no México, fingindo ser alguém que gosta de comprar escravos, cercado por dezenas de doentes, pessoas torcidas que realmente *fazem* como ele, e eu estou à beira de perder minha merda aqui mesmo na frente de todos, eu posso voltar amanhã; eu simplesmente não posso fazer isso, Niklas. Além disso, eu... — Ela se interrompe.

— Você o que?

Eu a ouço suspirar no telefone.

— Jackie?

— Estou sem dinheiro — ela confessa.

— Como você pode ser... ?

— Eu tentei comprar todas elas — diz ela, e minha garganta seca ouvindo-a, — mas eu só podia comprar treze.

— *Tre-Treze?! Você está brincando comigo? Você comprou treze garotas?*

— Sim! — Ela diz. — E você não fala comigo assim, seu *filho da puta!*

— Você só deveria comprar um ou dois — eu digo, rangendo os dentes. — E aquelas eram apenas para mostrar, agora você está me dizendo que você passou todo o cento e cinquenta mil na *primeira* noite? — *Jesus Cristo, Jackie!* Espere.... treze garotas, cento e cinquenta mil, algo não se soma.

— Não — ela diz, — gastei seu dinheiro e meu dinheiro também.

Eu pisco e chupo bruscamente... *Que porra é essa?*

Por um momento, minha boca está muito seca para falar; rolo minha língua de lixa contra a minha bochecha; minha mão livre está enrolada em um punho ao meu lado.

E então me ocorre que ela gastou seu próprio dinheiro, *um milhão de dólares*, que ela sabe que provavelmente nunca mais verá em sua vida, nessas garotas. Eu me sinto como o maior pedaço de merda.

— Aquelas pobres garotas — ela diz com dor em sua voz, — quem vai salvá-las e levá-las de volta para suas famílias se *eu* não o fizer, Niklas? Eu não podia simplesmente sentar lá e deixar isso acontecer.

— Onde elas estão? — Eu pergunto rapidamente.

— Quem?

— As garotas.

— Eles estão aqui — diz ela. — Comigo no meu quarto de hotel.

Minha cabeça cai para trás e solto um suspiro longo e irritado, fechando os olhos e tentando juntar as coisas. Eu me acalmo e me preparo para falar, sabendo que não posso mais perder a paciência — essa coisa toda é muito frágil, agora mais do que nunca.

— Jackie — eu digo com cuidado, — você deveria esperar até o terceiro dia e levar as garotas com você, o que você pretende fazer com elas quando voltar?

Ela zomba; eu posso imaginar uma mão no quadril e um olhar azedo no rosto dela.

— Eu não planejava voltar — diz ela. — É por isso que eu as trouxe comigo.

Calma, Niklas, fique calmo.

— Ok — eu digo, — mas você viu Izabel?

Eu estou começando a assumir que ela não viu, ou então ela provavelmente teria dito algo agora.

— Sim — ela responde, e meu coração para de bater por um momento. — Ela está lá. E ela está bem. *Mais do que bem*, na verdade. — (há uma mordida em sua voz que me confunde) — Estou muito desapontada por você ter me enviado àquele lugar para alguém como ela. Acho que não te conheço tão bem quanto pensei que conhecia.

— O que você quer dizer?

— Ela não é uma das garotas escravas, Nik. diz ela, como se achasse que eu já sabia disso. — Eu acho que ela é uma das proprietárias. Ela parecia importante. O homem que administra o lugar, Joaquin Ruiz, eu o vi com ela e uma mulher loira depois que o leilão acabou. Sua Izabel tinha uma escrava sentada a seus pés a noite toda. Foi nojento.

Eu não posso deixar de sorrir. *Deixe para Izzy encontrar um caminho...*

— Tudo bem, Jackie — eu digo: — Eu preciso de você para me ouvir.

— Eu não vou voltar lá — ela me interrompe.

— Você quer comprar mais meninas?

Silêncio — eu sabia que isso chamaria sua atenção.

— Se você conseguir ficar mais uma noite — eu começo, — vou colocar dinheiro suficiente na conta para você comprar tantas meninas quanto puder. — *Espere, oh, me diga que ela não!*

— Jackie, vou lhe fazer uma pergunta importante.

— Está bem.

— O milhão que eu te dei; eu não coloquei esse dinheiro em outra conta, foi colocado em sua conta *pessoal*. Como diabos você pagou a eles?

— Eu disse a eles que eu estava... bem, que eu pagaria o dinheiro deles amanhã.

— Como você planejou fazer isso: escrever um cheque com seu nome real e endereço no topo?

— Eu não sei! Eu apenas fiz e disse o que tinha que fazer! Você descobre isso!

Não perca a cabeça, Niklas, não perca a cabeça, tornou-se meu mantra.

— Tudo bem — digo calmamente, — vou transferir esse dinheiro para a outra conta, certifique-se de pagá-los amanhã, exatamente quando você disse que faria, ou eles vão te matar antes de você sair do seu hotel.

— Ok — diz ela.

Depois de um momento, ela pergunta: "Quanto?"

— Quanto o quê?

— Você disse que ia colocar mais dinheiro na conta para que eu pudesse salvar mais meninas.

Ela está mais do que interessada — inferno, ela já saiu pela porta; ela está na maldita limusine; ela está na entrada da mansão batendo no vidro para entrar!

— Cinco milhões de dólares — eu digo, e Jackie engasga. — Isso deve ser suficiente para você entrar amanhã à noite e comprar mais algumas garotas. — *Quatro ou cinco no máximo, mas é melhor não contar isso a Jackie.*

— Mas e amanhã à noite? — Ela pergunta.

Ah, agora ela quer ir para todas as três! Faça a sua maldita mente, mulher!

— Eu preciso de você lá na noite final — explico. — E se você for na segunda noite, vai acabar gastando os cinco milhões e não terá mais nada para a noite três.

— Mas...

— Não — interrompi-a desta vez, — você faz do meu jeito, ou você não compra mais garotas.

— *Salvar* — ela me corrige friamente.

— *Salvar* mais garotas — eu me corrijo apenas para fazê-la feliz. — E não seja tão crítica com Izabel; ela está desempenhando um papel como você. Você apenas fica de olho nela por mim; relatar tudo de volta para mim: com quem você a vê, o que ela faz, tudo o que acontece com ela.

— Ok — Jackie concorda, faz uma pausa e depois acrescenta: — Mas agora o que eu faço com essas meninas?

Eu rio longamente.

— Você vai ter que levá-las com você — digo a ela. “Não posso deixá-las sozinhas porque elas podem expor seu disfarce. Não pode libertá-las agora, ou parecerá suspeito. Como elas estão levando isso? As garotas, como elas se sentem em relação a você? — *Por favor, não diga que você disse que as resgatou.*

— Eu disse a eles que as estava salvando — ela responde, e eu balanço a cabeça. “A maioria está indo bem, elas estão esperançosas e prontas para ir para casa.

Eu soltei uma respiração longa e profunda; os dedos da minha mão livre esfregam em um movimento circular contra a minha têmpora, tentando domar uma dor de cabeça crescente.

— Jackie, me escute — eu aponto meu dedo com firmeza, como se ela pudesse ver — você tem que levar as garotas com você, e esperar como o inferno que nenhuma delas enlouqueça sendo forçada a voltar para lá, e acabar expondo seu disfarce.

— Por que eu não posso simplesmente deixá-las com Schwarzenegger e Stallone no hotel?

— Porque então quem vai cuidar de *você*?

Ela suspira.

— Eu acho que posso lidar com isso sozinha — diz ela. — Eu fiz um grande show, na verdade foi meio divertido, a parte de atuação e ninguém me ameaçou, ou me arrastou para longe; honestamente, acho que eles gostaram.

— Que tipo de show — Eu tenho medo de saber.

— Bem, eu sei que conversamos sobre atuar como se eu fosse boa demais para conversar, para evitar que as pessoas entrassem no meu negócio, mas... eu meio que fui em outra direção no último minuto.

Minha sobrelanceira esquerda se contrai.

— Sim? — Eu pergunto desconfiado.

— Aconteceu — explica ela. — Mas pareceu mais natural no momento. — Seu tom muda de nervoso para orgulhoso. — Esse é o trabalho de uma atriz de verdade, uma ótima atriz: siga o que parece certo; isso sempre contribui para um caráter mais crível.

— Diga isso para Spielberg — eu digo.

— Tenho certeza que Tom Cruise diz a ele o tempo todo — ela volta.

Eu dou de ombros.

— Sim, você provavelmente está certa.

Espere, estou realmente tendo essa conversa?

— Olha — eu digo: — Eu não me importo com o papel que você está interpretando, contanto que você não se mate, ou o seu disfarce queimado.

— *Aww*, você está preocupado comigo, Niklas? — Ela brinca.

— Bem, claro que estou — eu digo. — Você morre e eu perco todo o meu maldito dinheiro.

Ela ri e é óbvio que ela não acredita no meu raciocínio.

— Ok, bad boy Nik, você continua dizendo isso a si mesmo.

Eu sorrio. Só um pouco.

Eu termino a chamada aliviado. Aliviado que Jackie esteja viva e parece confiante de que pode continuar assim. Aliviado que Izabel esteja exatamente onde eu esperava que ela estivesse. E ainda mais aliviado

por ela estar em uma posição que representa menos risco para sua vida.

Indo para isto, eu não tinha como saber se Izabel estaria neste leilão, mas era o único programado naquela área, e parecia uma sem cérebro.

Eu gostaria de poder dizer a mim mesmo para dormir bem esta noite, mas eu não estou em casa, infelizmente. E eu não vou dormir.

Deslizando meu celular no bolso da frente, volto para a sala pouco iluminada e para o homem sentado na cadeira, me observando.

— Você não vai se safar dessa — ele avisa. — Quando tudo isso acabar, meus homens vão te caçar, e eles vão te matar.

Casualmente, me sento em seu sofá caro, chuto minhas botas sujas em sua cara mesa de café e pego um cigarro em minha jaqueta de sessenta dólares.

Eu acendo, tomando meu tempo.

— Quando tudo isso acabar — digo, dê uma tragada e segure-a nos pulmões, — desde que você faça o que deveria fazer, talvez esteja vivo para dizer a seus homens que me caçam.

Ele rosna para mim; ele quer me bater até a morte aqui mesmo em sua sala de estar, mas isso não é provável que aconteça.

Olho para a filha dele; ela se senta quieta, de boca fechada, as mãos enfiadas entre as coxas.

— Ela sabe o que você faz?

— Deixe-a fora disso — ele exige.

— Eu não sou o único que a trouxe para isso — eu indico. — Você foi, Sr. Lockhart.

— Papai, do que ele está falando?

— Não se preocupe com isso, baby.

Ela parece assustada. Ela deveria estar. O "papai" de Frances Julietta Lockhart é uma merda assassina que gosta de mergulhar seu pênis enrugado em mulheres que aterroriza até a submissão.

Ele olha para mim de novo, embora sempre ciente da arma na minha mão.

— Mais dois dias -digo a ele. — Espero que você tenha cerveja; eu gosto de tomar uma cerveja no fim de semana.

Ele me atira com o olhar mais indignado e eu fumo meu cigarro.

ONZE

Fredrik

— Eu não a vi, chefe — diz Dante ao telefone. — Havia algumas garotas que pareciam com ela, mas ela não era uma delas, nenhuma cicatriz no pescoço.

Droga. Eu tinha certeza que se ela fosse ser vendida nesse leilão em particular, teria sido no primeiro dia; suas cicatrizes fazem seus bens danificados para essas pessoas, mas ela ainda é uma mulher bonita. E eu conheço Izabel: se ela quer entrar em um lugar, ela vai entrar nisso; se ela quer ser digna o suficiente para vender, apesar de suas cicatrizes, então ela vai fazê-los acreditar que ela é digna.

Ando. Talvez ela não esteja lá; talvez eu tenha entendido tudo errado e ela não está nem perto desse leilão. Ou... talvez ela não tenha chegado tão longe. Sacudo o pensamento rapidamente, e passo de novo.

E então isso me atinge.

Paro.

— Dante — eu digo ansiosamente, — e todo mundo? Você prestou atenção aos compradores e aos mestres?

— Uhh, um pouco — diz ele, — como você me disse, mas principalmente eu assisti as meninas escravas.

— Ok — digo a ele, — ligeira mudança de plano. Amanhã à noite, quero que você comece a olhar para as mulheres no meio da multidão. Quantas pessoas participaram?

— Muitas — ele responde. — Eu não sei, mais de cem; isso não inclui os escravos que muitos dos participantes trouxeram com eles,

eles estavam sentados no chão... chefe, isso é uma coisa esquisita e bizarra.

— Dante, você costumava vender heroína — lembro-lhe, — e pegar boquetes de homens para pagar por isso, sua hipocrisia está aparecendo.

— Oh, sim, certo. Desculpe.

— Agora ouça atentamente — prossigo. — Você pode ter que fazer alguma mistura, só assim você pode dar uma olhada melhor em todo mundo...

— Mas eu não sou tão bom nesse tipo de coisa — diz ele. — E se eu estragar tudo?

— Você não vai — encorajo-o. — Lembre-se do que eu te disse: confiança; ser alguém que você sempre quis ser; você pode fazer isso. Mas você terá que se socializar mais com os compradores, ou talvez nunca a veja. Você consegue.

— Tudo bem, chefe. Eu vou fazer isso.

Antes de terminarmos a ligação, eu digo:

— Dante, sem drogas. Entendido? Socializar não inclui aceitar a oferta de alguém.

— Eu sei, chefe — diz ele. — Eu lembro o que você me disse.

Ele se lembra, e eu acredito que ele quer fazer um bom trabalho e não estragar tudo, mas eu também sei que Dante costumava ser um viciado, e não importa quanto tempo um viciado esteja limpo, ou o quanto sua vida está melhorando, um olhar para uma linha de cocaína e está tudo acabado.

— Não use esse trabalho como uma desculpa — eu aviso. — Você faz alguma droga, e você vai acabar na minha cadeira novamente.

— T-tudo bem, chefe; você tem minha palavra.

Eu deixo cair o celular no bolso da minha jaqueta.

— Quando ela vai voltar? — Pergunta Apollo, ainda amarrado à cama do hospital.

— Você precisa ir ao banheiro? — Eu pergunto, ignorando a conversa sobre Izabel.

— Foda-se não, cara, mantenha essa agulha para si mesmo.

Eu sei que ele está mentindo; ele está se contorcendo em suas amarras nos últimos trinta minutos, tentando não se mijar. Mas eu estou protegendo-o sozinho, e não confio nele para usar o banheiro sem companhia, então quando ele tem que ir, eu o drogo primeiro; dessa forma, ele não pode se concentrar o suficiente para escapar, e ele não é forte o suficiente para me atacar. Eu não gosto de lutar — sempre fica com meus ternos sujos.

— Eu não posso ter você sujando a si mesmo — digo a ele, e preparo a agulha.

— Foda-se, cara! — ele luta com as amarras, os punhos apertados; seus dentes rangendo — Por que você se importa, afinal?

— Porque fede — eu digo. — E isso me enoja.

Apolo ri.

— Isso te enoja, mas a coisa esquisita que você faz... Os olhos dele voam para a parte de trás de sua cabeça, e seus punhos relaxam.

Dou-lhe cinco minutos antes de desatrelá-lo, e levo-o para o andar de cima para esperar que a enfermeira que contratei cuide de tudo isso: banheiro, banho e coisas do tipo. Ela acha que Apollo é meu amigo viciado em drogas, a quem estou tentando ajudar; ela acha que eu sou um "grande amigo e um grande homem" para estar fazendo isso; ela acha que deveria haver mais homens no mundo como eu.

Não, enfermeira Karlee, certamente não deveria haver mais homens no mundo como *eu*...

DOZE

/zabel

Leilão — segundo dia

Não há sinal de Naeva, e estou chegando ao ponto de me sentir desesperada o suficiente para perguntar sobre ela. Mas sei que não posso fazer isso, especialmente desde que joguei e esperei demais. Se eu tivesse perguntado sobre ela mais cedo, de uma maneira desordenada, poderia ser crível. Mas agora que já se passaram três semanas, "improviso" não se aplica, e as perguntas sobre a garota com quem fui trazida aqui, mas fingia não ter sentimentos, indicariam apenas isso — sentimentos por ela.

Nas últimas semanas, gastei mais tempo e energia procurando Naeva do que tentando identificar quem seria Vonnegut. E eu não vejo isso mudando. Eu acho que vou ter que tentar dar a mesma atenção, mas cada vez que uma nova garota é trazida para o palco, Naeva empurra quase todos os traços de Vonnegut para fora da minha cabeça. Eu sabia que trazê-la comigo causaria problemas, mas nunca esperei isso.

Talvez ela tenha divulgado, como ela disse que faria, e o amor de sua vida, Leo Moreno, a encontrou, como ela disse que faria. Talvez. Mas se eu estou ouvindo meus instintos, eles estão me dizendo que não, não foi o que aconteceu, e...

— Boa noite, senhorita...? — Diz um homem magro com cara de rato e cabelos oleosos.

Pisco de volta para o mundo real e olho para ele enquanto ele fica desajeitadamente na minha mesa. O intervalo começou e os convidados deixaram as mesas para esticar as pernas e socializar. Não sei ao certo o que levou esse homem a se aproximar de mim, uma das mulheres de

aparência mais inacessível do lugar, mas eu poderia usar uma mudança de cenário.

Olhando-o desdenhosamente, digo com um aviso:

— Afaste-se da minha propriedade, Sr....?

Ele olha para Sabine, sorri nervosamente e depois pisa à sua direita.

— Dante — ele apresenta, oferecendo sua mão, palma para cima, para que eu possa colocar a minha dentro dela.

Eu não; alcanço meu copo de champanhe.

Depois do incidente de ontem com Joaquin, e ele não me matando por isso, sinto que posso levar esse papel de Izel ainda mais longe. *Quão* longe ainda está no ar; eu tenho que ter cuidado com os compradores, é claro, mas este parece bastante nervoso — nada como o notório Iosif Veselov, que eu ainda tenho que conhecer — e eu provavelmente posso me safar com um pouco de desrespeito, e provar minha intolerância para os homens. tudo o mais.

— Sr. Ruiz me diz que você é a treinadora das meninas vermelhas — diz Dante.

— Na verdade — Cesara entra, sentado ao meu lado, — *eu* sou. Lydia é minha assistente. — Pego a ofensa em sua voz; ela lança um olhar através da sala para Joaquin falando com alguém, mas ele não percebe. — Meu nome é Cesara.

— Ah, eu vejo. — Dante acena, e então oferece uma mão. — Prazer em conhecê-la, Cesara.

Ela aceita o convite e ele beija o topo da mão dela. Ele sorri como se deliciosamente surpreso que ela o deixasse tocá-la, e leva um momento a mais do que deveria para ele soltar.

Há alguma coisa nele que noto imediatamente — ele parece desconfortável em sua própria pele, em frente a qualquer outro comprador nesta sala. O que alguém como ele está fazendo aqui, comprando escravos, quando ele não parece o tipo capaz de usá-los? Não é da minha conta e não me importo. Naeva, Vonnegut. sair daqui viva e com o que vim aqui — é tudo com o que me importo. Ah e Sabine. E as outras garotas. E matar Joaquin e Cesara — nem sei porque tento me concentrar em uma coisa.

— Como podemos ajudá-lo, Sr. Dante? — Cesara oferece.

— Apenas Dante — ele diz, educadamente.

Percebendo que Dante se aproximava muito de Sabine — sem querer; ele está nervoso demais para notar — eu a agarro pela nuca dela, puxando-a para longe dele.

— Sinto muito — diz Dante, e ele se move a dois metros de distância dela desta vez para ficar mais perto de Cesara. — M-me perdoe.

Depois de um momento, eu aceno, só para dar uma folga ao pobre rapaz. Tanto para usá-lo, sinto muito por ele! *Espere — por que sinto pena de um homem comprando escravos aqui? Hmm.*

Balançando a minha maldita cabeça para mim mesma, eu vou para o meu copo novamente, e evito o contato visual.

— Bem, eu só queria cumprimentá-la pelo seu trabalho — ele diz a Cesara. — A-A garota que eu comprei hoje à noite é de... qualidade incrível.

Impressionante? Eu olho em volta da sala só para ter certeza de que eu não entrei acidentalmente no baile do colégio no final do corredor.

Até mesmo Cesara acha que sua escolha de palavra é embaraçosa; eu posso sentir seus olhos em mim, procurando os meus; nós levantamos uma sobrelanceira encoberta um para o outro.

— Bem... obrigada, Dante — diz Cesara. — Diga-me — ela se inclina para frente, um olhar inquisitivo em seu rosto — de onde você é?

— Oh, uh, eu sou de New Hampshire — ele responde. — Estados Unidos.

Olho para cima, me unindo a Cesara, olhando ansiosamente para ele, esperando pelo resto, mas isso parece ser tudo.

Cesara acena com a cabeça algumas vezes.

— *E* — ela tira a palavra — o que é que você *faz* em New Hampshire, Estados Unidos, Dante? — Ela está brincando com ele.

Ele ri tenso, percebendo.

— Oh, bem eu não, eu não moro mais lá. Estou em Boston há dez anos. Ótima cidade. Você gostaria de lá.

Cesara bebe do copo, provavelmente porque é a única coisa que a impede de dizer algo que não deveria.

O sorriso de Dante desliza do rosto dele. Ele suspira, seus ombros caindo em uma queda derrotada, e de repente é como se o verdadeiro Dante assumisse o lugar do fracasso.

— Olha, eu não sou bom nesse tipo de merda — diz ele, e nós dois olhamos para ele. — Um cara (meu chefe) me mandou aqui procurar alguém; me pagou muito dinheiro. Eu nunca fiz nada assim antes. E é tudo realmente — ele olha ao redor da sala — bem, é realmente muito estranho. E... — ele ri levemente. — Eu tenho uma merda muito esquisita, então está dizendo muito.

Ele tem a nossa atenção agora; Cesara e eu simultaneamente nos inclinamos para frente com grande interesse; meus instintos estão chutando de novo, mas não sei por quê.

— Ele te mandou aqui para procurar exatamente *quem?* — Cesara pergunta desconfiado.

— Quem é seu chefe? — Eu pergunto, prendendo a respiração.

Algo pisca dentro da cabeça de Dante e, de repente, parece que nosso interesse está à beira de dominar seu minúsculo cérebro. *Eu deveria ter continuado a jogar de idiota, Dante*, seu rosto lê.

— Eu sou um assistente também — diz ele, olhando para mim. — Para o Sr. Amell Schreiber — (*Onde eu ouvi esse nome antes?*) — Ele é um homem muito particular, tem problemas de ansiedade social, se você sabe o que quero dizer. Eu praticamente faço tudo para ele que envolve ter que ir em público: fazendo compras, sentando-se para ele durante as reuniões, coisas assim. É difícil porque eu estava em um vício em heroína até o joelho quando o conheci, e tão longe de saber qualquer coisa sobre as coisas que eu conheço — ele acena com a mão no palco — nada disso.

— E ele te mandou aqui para encontrar *quem?* — Cesara repete, porque é principalmente com isso que ela se importa.

— De vinte a vinte e dois — começa Dante, — cabelos escuros, olhos azuis, seios pequenos; a garota que eu comprei — sua garota —

eu acho que é perfeita, mas vou ficar por aqui e ver os outros, só por precaução; talvez eu deva levá-la de volta, então ele tem escolhas. — Ele ajeita a gravata; ele ainda está nervoso, posso dizer, mas já que é a primeira vez dele, acho que isso é esperado.

Eu praticamente me derreto em uma poça de alívio — eu pensei que ele estivesse aqui por mim. Uau, eu tenho uma cabeça grande ou o que? Eu sacudo isso.

Eu acredito que Cesara estava pensando na mesma linha, embora não que ele estivesse procurando por mim, mas que ele era um implante aqui procurando por uma garota em particular que havia sido sequestrada. Eu olho para ela e vejo a rapidez com que ela perde o interesse nele novamente; ela suspira e fica confortável na cadeira.

Sentindo que ele passou por cima de suas boas-vindas em nossa mesa, Dante endireita a gravata novamente, e então se curva na cintura, o que também é estranho e embaraçoso.

— Bem, foi bom conhecê-la — diz ele.

— Oh, você também — diz Cesara com um grande sorriso forçado; ela até estende a mão para ele para um efeito adicional. "— spero que você encontre a garota perfeita para o seu... chefe incrível.

Dante pega esse golpe seco; uma pontada de humilhação cintila em seus olhos por um momento, mas ele sorri, engole em seco, inclina-se para beijar a mão de Cesara e nos deixa, dando-me apenas um aceno de cabeça em seu caminho.

— Esteja sempre à procura de infiltrados — alerta Cesara em voz baixa. — Não é fácil entrar nesses leilões, nos esforçamos para garantir que todos os participantes sejam quem eles dizem ser, mas você nunca sabe que tipo de aranhas pode estar à espreita em nosso meio.

Mortais, Cesara. Mortais. Eu sorrio, me inclino para ela e beijo seus lábios vermelhos para um efeito adicional.

TREZE

/zabel

Terceiro Dia — Meio da Manhã

Eu posso realmente sentir *algo* no ar; sinto isso nos meus ossos, no meu batimento cardíaco irregular, nas palmas das minhas mãos suadas. Esta noite será muito diferente de qualquer noite que passei aqui desde que cheguei com meus pulsos e tornozelos amarrados e meu cabelo e rosto ensanguentado. Eu não sei o que é, mas eu sei que está aqui, esperando nas sombras, em algum lugar.

Deitei-me entre os lençóis frios com Cesara em sua gigantesca cama de pilares, cercada por paredes de estuque pintadas e um amplo espaço sem parede à nossa frente que permite que a brisa do México e o sol entrem no quarto; os pisos de azulejos espanhóis se estendem por muitos metros em todas as direções; a única coisa que o quarto não tem é uma vista para o mar.

A menina de Cesara espera perto da parede aberta; a minha, Sabine, senta no chão perto da cama.

O calor do corpo nu de Cesara se enrola ao redor do meu, sua perna está sobre a minha cintura. Penteio seu cabelo macio através dos meus dedos.

— Você nunca vai me dizer, Lydia — ela diz — por que você *realmente* odeia os homens tão ferozmente quanto diz? — As pontas dos dedos dela caminham ao longo do meu osso ilíaco, avançando em direção à minha parte interna das coxas e voltando novamente.

— Os homens são o câncer desta terra — digo a ela. — Acho que nasci odiando-os.

— Sim, mas algo tinha que acontecer para você se sentir assim, algo diferente do homem que você matou. É preciso mais do que um homem, um incidente, para sair como você fez. — Ela levanta a cabeça do meu estômago e olha para mim. — Você pode me dizer qualquer coisa, eu *quero* que você diga.

— Por quê?

Ela pressiona os lábios no meu umbigo.

— Porque todos nós precisamos de alguém em quem possamos confiar, acreditar, contar nossos mais profundos e obscuros segredos. — Ela sobe e beija meus seios. — Eu quero ser essa pessoa para você, Lydia.

— Não muito tempo atrás, você queria me matar — eu a lembro.

Um pequeno sopro de ar sai do nariz dela; ela sorri para mim.

— Bem, isso foi antes de eu conhecer você; havia uma razão pela qual não te matei naquele dia e agora sei o que era.

Ela se inclina para cima em direção ao meu rosto, beija meus lábios suavemente. Eu acho que ela está prestes a me dizer que ela tem sentimentos por mim, mas ela muda de marcha no último segundo.

Cesara fica de pé ao lado do meu quadril; meus olhos deslizam por todo seu corpo, bebendo seus seios perfeitos, e sua cintura lisa e curva que termina em uma bunda redonda e gorda.

Ela sorri e diz:

— Eu vou te dizer um meu primeiro, se isso vai fazer você se sentir melhor.

— OK — eu digo. — Qual é o seu segredo obscuro, Cesara?

O sorriso encorajador desaparece de seu rosto, e ela olha para baixo em suas mãos no colo.

— Eu costumava ser uma *delas* — ela confessa, olhando para Sabine. — Eu tinha onze anos quando minha mãe e meu pai me venderam por cinquenta mil pesos — ela parece abatida por apenas um momento — Foi há muito tempo, mas sempre será como ontem. E eu sempre irei odiá-los por isso.

— Você nunca foi vendida? — Eu levanto totalmente agora, e dou a ela toda a minha atenção.

Ela sacode a cabeça.

— Não — ela responde, — mas não era porque eu não era boa o suficiente, alguém me queria em vez disso. — Seus olhos se desviam, e eu tenho a sensação distinta de que a pessoa que ela fala que pode ter amado uma vez a muito tempo.

— Quem era ele? — Eu estendo a mão e coloco-a em sua coxa para o conforto. — Ou ela?

Ela faz uma pausa e depois decide que quer falar sobre isso, afinal.

— Seu nome era Javier; ele era o irmão mais velho de Joaquin.

Os músculos do meu estômago ficam tensos; mantenho uma cara séria, mas por baixo da máscara há uma expressão cheia de dor. Não é incomum, ou uma coincidência, que Cesara e eu compartilhemos essa parte de nossas vidas — Javier teve relacionamentos com muitas das escravas antes de mim, e provavelmente depois de mim também — mas ouvindo seu nome em seus lábios, olhando para dentro dos olhos de uma mulher que uma vez compartilhou a cama de Javier, assim como eu, é um choque para o meu sistema, no entanto.

— Javier costumava possuir todos os compostos Ruiz —, diz ela. — Ele se interessou por mim; me levaram para longe dos quartos do chão de terra e das repulsivas governantas e das punições cruéis de sua irmã, e ele me tratou como... uma pessoa. Eu pensei que ele me amava, mas um dia ele apenas me jogou de lado. — Ela respira fundo. — Não que eu possa reclamar, realmente; ele poderia ter feito muito pior; ele poderia ter me vendido ou me jogado de volta com as outras garotas, mas ele me deu para Joaquin, e Joaquin me deu um emprego. Foi assim que me tornei treinadora, desde então.

— E esse, “Javier”, nunca lhe deu uma razão? — Eu pergunto, consolando-a. — Por te dar a Joaquin?

Ela sacode a cabeça loira.

— Javier nunca deu razões para qualquer coisa que ele fez, e ninguém o questionou... bem, exceto talvez sua irmã, Izel. Ela era uma cadela sem coração, aquela mulher. Eu comemorei quando eu descobri que ela tinha sido morta. — Um sorriso empurra através de um rosto de outro modo desalentado.

Você e eu juntas, Cesara... você e eu juntas.

O sorriso desaparece, substituído por algo indicativo de ressentimento. Ela olha para o céu azul; possibilidades irritantes que atravessam sua mente, parece.

— Mas havia rumores — diz ela, ainda olhando para frente. — E por aqui, os rumores são quase sempre verdadeiros.

— Que tipo de rumores?

Ela olha para mim e sorri; sacode a cabeça e volta para o céu azul.

— E eu sabia que eles eram verdade porque até Izel falava sobre isso com tanto ódio e vingança; era a única razão pela qual eu desejei que Izel nunca tivesse sido morta, ela queria matar aquela garota, e ela teria eventualmente.

Ela se afasta do cenário e olha para mim.

— Todos disseram que ela era a queda de Javier. E ela foi Izel?

— Havia uma escrava — prossegue Cesara, — em um complexo diferente. Javier se apaixonou por ela. Não como eu pensava que ele fazia comigo, ou do jeito que ele fazia com as outras garotas; não, essa era diferente, e eles estavam certos quando disseram que ela seria a morte dele. Mas ele empurrou todas as outras para o lado dela; ele perdeu o seu caminho... e a sua vida.

Meu coração está na minha garganta; tento engoli-lo, mas ele está preso ali, me sufocando, batendo nos meus ouvidos. *Eu estou mantendo um rosto calmo?* Eu gostaria de ter um espelho.

— Eles a chamavam de sua princesa — diz Cesara, com veneno em sua voz, — a pequena víbora; a flor com pétalas envenenadas. O grande Javier Ruiz, conhecido por sua liderança inabalável, coração impiedoso e táticas bárbaras, não era tão inabalável, afinal. O gigante foi derrubado por uma garota, reduzido a nada mais que uma lembrança apagada.

Ele é mais do que isso para você, Cesara, ou você não falaria sobre ele com tanto ressentimento.

Respiro fundo novamente, e tento conter minha necessidade de perguntar a ela mais sobre... eu.

— Como ele morreu? — Pergunto, imaginando a noite na casa de Samantha, no Texas.

— Um assassino o eliminou — diz ela. — Alguns dizem que a garota o matou, mas eu não acredito nisso, um dos rumores que *não* são verdadeiros, de jeito nenhum uma escrava poderia fazer isso. Javier pode ter sido cegado por aquela putinha, mas sei que ela não era boa o suficiente para matá-lo.

Agora sou eu quem olha o céu azul e o sol, mas não vejo nada disso.

Sacudo isso. E eu sorrio para ela.

— Você soa com inveja, Cesara. — Eu me aproximo, escovo seu cabelo para longe do seu pescoço com as costas da minha mão. — Eu deveria estar preocupado? — Eu pergunto sedutoramente, arrastando a ponta da minha língua ao longo de sua garganta.

Ela me puxa para o seu colo nu e eu a monto.

— Não, Lydia — ela sussurra, sacudindo a língua contra o meu mamilo, meu peito em concha na mão. — Você fez coisas para mim, para meu... meu coração... que Javier nunca poderia fazer.

— Diga-me mais — eu digo, ofegante, me esfregando contra o colo. — Diga-me o que eu fiz ao seu coração.

Sua boca encontra a minha e nos beijamos com intensidade febril; meus olhos vibram quando sinto o movimento dos dedos dela entre as minhas pernas.

E então ela simplesmente para.

Abro meus olhos e olho para os dela.

Ela sorri.

— Esse não era o negócio — ela sussurra, roçando os lábios contra os meus. — Eu te disse meu segredo sombrio, e agora eu quero conhecer o seu.

— Diga-me como você se sente sobre mim, Cesara — eu digo, beije-a levemente. — Você nunca teve que me contar quaisquer segredos obscuros para eu me abrir para você. Tudo o que você tinha que fazer foi me dizer como se sente.

Com os braços em volta de mim, ela planta beijos entre meus seios.

— Eu me importo com você, Lydia. Eu nunca me importei com alguém assim. Eu sinto que posso te contar qualquer coisa, ser alguém e...

— E o que? Me diga? — Eu beijo o topo de sua cabeça.

— Eu sinto que podemos ir a qualquer lugar juntos, matar qualquer um que fique no nosso caminho, imagine as coisas que poderíamos fazer, Lydia.

Meus quadris param de se mover; eu seguro o rosto dela em minhas mãos e olho em seus olhos, procurando por eles.

— Você quer sair deste lugar, não é? — Eu pergunto, sabendo. — Você está cansada de ser o trapo de Joaquin; você está cansado da sujeira e dos olhos famintos dos homens te seguindo em todo lugar que você vai, cansada deles estuprando você, e você não pode fazer nada sobre isso porque Joaquin vai te matar por matar seus homens.

Não há mais nada carnal no rosto de Cesara; seus olhos estão cheios de escuridão, o tipo de escuridão que cria pessoas como eu.

Inclino-me para mais perto, ainda segurando seu rosto em minhas mãos, ainda procurando em seus olhos.

— Você está cansada de ser propriedade de alguém — eu continuo, sabendo que eu tenho ela na palma das minhas mãos, literal e figurativamente, — cansada de viver no mundo de um homem — eu toco meus lábios nos dela; meus dedos puseram uma leve pressão em suas bochechas com ênfase. — Eu também estou, Cesara; estou *tão* cansada de seguir nas sombras dos homens. E... vou segui-la a qualquer lugar, matar qualquer um que esteja em nosso caminho, ou que tente nos impedir — eu a beijo de novo, e minha boca permanece na dela — tudo o que você precisa fazer é dizer a palavra.

Depois de um beijo apaixonado, Cesara olha nos meus olhos como uma mulher diferente com uma nova confiança — ela é finalmente quem eu queria que ela fosse desde que a conheci, e agora sei que posso fazer com que ela me conte quase tudo, sem o medo de ela está ficando desconfiada. Porque ela está se apaixonando por mim, e o amor é a

única força no mundo que pode cegar uma pessoa até mesmo para as verdades mais óbvias.

— Como você sabia? — Ela diz. — Sobre os guardas?

— Eu vejo como eles olham para você — eu digo a ela, acariciando seu cabelo longe de seu rosto. — Eles não têm medo de você; eles se parecem com homens que sabem que são os que estão no controle, e estão apenas esperando o momento certo. Há quanto tempo eles estão fazendo isso com você?

— Desde que estou aqui — diz ela, solenemente. — Desde que Javier me deu a Joaquin, eles nunca ousaram me tocar quando Javier estava vivo.

— Eles vão pagar — prometo, olhando profundamente em seu rosto torturado. — Nós seremos os que esperam pelo nosso tempo, esperando nas sombras pelo momento certo; e antes de deixarmos este lugar *juntas* — eu aperto minhas mãos contra suas bochechas — nós vamos matar cada um deles.

— Sim — ela sussurra. — Sim... — Eu vejo a escuridão em seus olhos dançando ao ritmo de um novo futuro, de vingança e amor e desejo e perigo. “*Sim, juntas* podemos transformar o mundo de um homem em escombros; podemos atravessar os ossos dos homens; podemos nos banhar no sangue de nossos opressores — *juntas*, Lydia, podemos fazer *qualquer coisa*.”

— Sim. Nós podemos. — Eu sorrio para ela. — É o nosso destino.

— Você nunca se perguntou — ela diz um momento depois, — por que os guardas nunca te incomodaram?

— Um pouco — eu respondo. — Mas eu percebi que você tinha algo a ver com isso.

Ela acena com a cabeça.

— Quando você veio aqui — ela começa, — eles sabiam melhor do que tocar em você, porque eles nunca tocam na mercadoria. Mas depois, quando você começou a trabalhar comigo, eu disse a eles que Joaquin estava de olho em você, tecnicamente isso não era mentira, e que, se algum deles tocasse em você, eles pagariam com a cabeça.

— Você tem me protegido.

— Sim. E vou continuar protegendo você. Por quanto tempo você vai me deixar. Mas eu preciso te perguntar uma coisa.

— Você pode me perguntar qualquer coisa — eu digo a ela imediatamente, embora isso me deixa nervosa.

— Aquela garota, Uma, com quem você veio aqui — *(Finalmente! Eu posso descobrir algo sobre Naeva, e sem ter que citá-la eu mesmo!)*

— Eu só preciso saber: ela era especial para você? Seja honesta, eu conheço uma ligação quando vejo uma.

Ah, Cesara está com ciúmes; ela está preocupada meu coração está com outra pessoa.

— Uma e eu formamos um pequeno vínculo no caminho até aqui, tecnicamente, ela era a única a fazer toda a ligação; eu apenas fui junto para o passeio. — Eu escovo o bloco do meu polegar ao longo de seu queixo. — Mas não, ela não era especial para mim. E eu não me importo com o que acontece com ela. Por que você pergunta? — Tradução: Por favor, me conte tudo o que você sabe sobre o que aconteceu com ela.

— Eu só queria ter certeza de que sua lealdade não estava com outra mulher — diz Cesara. — O jeito que ela assumiu você naquele dia, eu só tinha que ter certeza. Mas eu acredito em você; eu posso ver nos seus olhos que você está me dizendo a verdade.

Sorrio por dentro, no fundo, onde ela não pode ver, porque se ela soubesse, ela saberia que eu estava rindo dela. Cego para as verdades mais óbvias...

Beijo seus lábios e seu queixo e sua testa — *ah, a testa; um beijo lá e você sabe que o amor é real.*

Depois de um momento, eu digo:

— Meu segredo obscuro, a razão de eu ser quem eu sou, não é tão diferente da sua, Cesara. — Se ela soubesse...

Ela inclina a cabeça, curiosa, interessada.

— Eu fui praticamente doada a um homem por minha mãe, quando eu tinha quatorze anos de idade. Eu a odiava por me levar para aquele lugar. E eu a matei por isso. — Eu levanto minhas mãos entre nós e olho para elas. — Com essas mãos, eu a matei. — Eu as deixo entre nós novamente. — Como você, como tantas mulheres, fui violada; Fui humilhada; fui enganada, amada e traída; e eu estava *cansada*

disso. Depois que matei minha mãe, escapei do homem que me fez lavagem cerebral; deixei todo esse mundo para trás e meu filho com ele. E desde então, eu encontrei tantos homens como aqueles que me fizeram o que eu me tornei. E eu matei todos eles. E vou continuar a matá-los até o dia em que me juntar a eles no inferno que me aguarda.

Cesara cobre meu rosto com as mãos, olha profundamente nos meus olhos com compaixão e dor.

— Nós vamos matá-los juntos, Lydia; você e eu, uma força imparável.

— Nós vamos viver, verdadeiramente *viver* por uma vez, e morrer juntas — eu digo com convicção. *Cadê meu Oscar?!*

Cesara me empurra para baixo na cama e imagino apenas o rosto de Victor pela próxima hora.

Como eu cheguei tão longe? E o que está acontecendo comigo? Algo está acontecendo. Quando acordei esta manhã, pude sentir as mãos à espreita da inevitabilidade ao meu redor, dentro de mim, e sabia que algo aconteceria antes que este dia acabasse. Mas... eu assumi que era algo completamente diferente; eu pensei que tinha tudo a ver com esta noite no leilão final; eu estava meio convencida de que descobri o verdadeiro Vonnegut.

Mas eu estava errada sobre a origem desse sentimento.

Apesar do ato digno do Oscar, acho que descobri a verdadeira Izabel.

CATORZE

/zabel

Terceiro° dia — final da tarde

Quatro horas até que os compradores cheguem para o final do leilão, e eu estou no limite. Não necessariamente porque é a grande noite, minha última chance — a menos que eu queira ficar aqui por mais tempo — para encontrar alguma coisa, *qualquer coisa* que me aponte na direção de Vonnegut, mas porque não sei por quanto tempo mais posso afastar os avanços de Joaquin. Eu não posso matá-lo. Ainda não. Ele dirige o show; ele faz tudo que é importante para o leilão, se ele está faltando, todos vão notar, e não *haverá* show.

Com Sabine no reboque, e nós dois já estamos vestidos para hoje à noite, eu me movo rapidamente, mas graciosamente para não chamar atenção indesejada, pelo longo corredor em direção ao teatro. É cedo para ir para lá, mas está cheio de gente — trabalhadores, principalmente — e em qualquer lugar com as pessoas é melhor do que ser pego por Joaquin, sozinha. Cesara tem negócios próprios; algo sobre um intruso no local; imagino, *espero*, que Joaquim foi com ela.

— Eu vi ela — fala Sabine baixo, nervosamente por trás.

Paro frio no meio do corredor e me viro para olhar para ela; meu primeiro instinto toma conta, e não é Izet — é Izabel.

— O que você disse? — Eu sussurro duramente; eu puxo o cotovelo dela na minha mão, mas sei que não a estou enganando — se eu fosse tão horrível quanto fingi ser, Sabine já estaria no chão, limpando o sangue da boca por falar comigo sem permissão.

— S-sua amiga — diz ela, olhando para o chão, — eu vi.

— Do que você está falando? — Isso poderia ser um truque; Joaquin, até mesmo Cesara, poderia ter colocado Sabine nisso; assim que esse pensamento entra em minha mente, Izel finalmente assume o controle. Minha mão se levanta como um martelo e Sabine está no chão um segundo depois.

Ela se arrasta para trás em seu traseiro e suas mãos, tremendo, o sangue escorrendo de seu nariz.

— Por favor... eu... eu só queria te dizer onde a vi."

— Viu quem, garota? Fala!

— Uma — ela responde. — Ela estava na sala de banho, com as outras meninas e comigo. Ontem eu — ela limpa o sangue do nariz com as costas da mão — Eu a ouvi falar.

— Eu não conheço uma Uma — eu minto. *Me conte mais, por favor; conte-me tudo sobre o Naeva que você conhece.* — Você está me acusando de alguma coisa, garota?

Ela sacode a cabeça rapidamente.

— Não. Eu estou assumindo um risco. Me mate se quiser; Eu prefiro estar morta do que passar outro dia neste lugar. Pelo menos eu vou ter feito algo que eu me sinto bem.

Viro minha cabeça rapidamente, olhando para o longo corredor, para a esquerda e para a direita, preocupado que alguém possa ouvir, e então pego Sabine pelo braço e a coloco de pé. Arrastando-a para uma despensa vazia usada pelas donas de casa, fechei a porta atrás de nós.

— Por que você está me dizendo isso? — Eu a pressiono, apertando meus dedos ao redor de seu braço. — E o que faz você pensar que conheço essa garota ou que sou sua amiga?

Os olhos de Sabine brilham no quarto escuro; a única luz vem de baixo da porta. Ela treme e seu rosto se encolhe de medo, mas isso não a impede de falar.

— Esta manhã — ela diz, — quando você estava falando com Cesara sobre aquela garota, ela disse o nome Uma. Era o nome da garota no banheiro.

E a bordo.

— Mas o que te faz pensar que eu...

— P-Porque você mentiu para Cesara. — Sabine corta, e ela recua como se esperasse que eu batesse nela novamente. — E-e porque você não pode me enganar; você pode estar enganando todo mundo, mas eu conheço uma pessoa boa quando vejo uma. V-você mentiu para protegê-la.

Desistindo do ato — porque da mesma forma que Sabine sabe que eu estou mentindo para ela, eu sei que ela está me dizendo a verdade — meus ombros caem em uma depressão enquanto eu deixo a respiração escapar por três semanas.

— Por favor — eu digo em voz baixa, — diga-me tudo o que você sabe.

Sabine sorri baixinho e não gagueja mais quando fala.

— Não é muito, me desculpe, mas achei que você pelo menos gostaria de saber que ela ainda está viva.

— Como ela parecia?

— Como o resto de nós: sem mácula e pronta para ser vendido. Eu acho que ela está sendo colocada em leilão hoje à noite. Ela falou sobre como ela *sabia* que seria vendida; mas o que achei estranho foi que ela não parecia preocupada ou com medo. Ela parecia... ansiosa.

Leo Moreno. Ele vai ser o comprador dela. Eu não sei como Naeva fez isso, mas estou impressionada.

— O que mais ela disse?

— Não muito. Ela foi cuidadosa, como você. — Ela enrola seus pequenos dedos em volta do meu pulso, e isso me leva a olhar diretamente para ela. — Eu não sei quem você é — diz ela, — e eu não estou pedindo para você me dizer, mas eu sei de uma coisa.

— O que é isso?

— Deus enviou você aqui — diz ela. — Eu tenho orado todas as noites desde que me sequestraram, e eu sabia, quase na primeira vez que você falou comigo, que Ele te enviou.

Zombo, balançando a cabeça.

— Desculpe, mas Deus definitivamente não me enviou."

— Não, Ele fez, eu apenas sei. — Sinto sua mão apertar em volta do meu pulso. — Eu vejo em você, o que você está fazendo em seu nome, sem saber."

Oh, ótimo — uma fanática religiosa.

— Você *quer* nos ajudar a sair daqui — ela continua, — e você vai, porque Deus quer.

— Você nunca se perguntou por que Deus não os impediu de sequestrar você em primeiro lugar?

— Isso não importa — diz ela, e eu já sei que, não importa o que eu diga, nada a convencerá do contrário.

Vozes se espalham pelo corredor além da porta; pego o braço de Sabine e a puxo contra mim.

— *Shh!*

As vozes se tornam mais distintas à medida que se aproximam, e meu estômago nada num mar de ansiedade quando percebo que um dos homens é Joaquin. Os passos se aproximam, e então a luz do corredor começa a piscar quando passam pela porta. Dez segundos parece uma eternidade quando ficamos imóveis, mal respirando, no armário de utilidades cercado por toalhas de banho e lençóis e prateleiras cheias de rolos de papel higiênico, caixas de sabonetes e xampus minúsculos.

Finalmente, eu a solto e a viro, minhas mãos apoiadas em seus pequenos ombros.

— Essa conversa nunca aconteceu — eu aviso. — Quando voltamos lá, você não pode agir nem um pouco diferente, entendeu?

Ela acena com a cabeça.

— Eu não posso prometer que vou conseguir tirar você ou qualquer outra pessoa daqui; então, por favor, estou te implorando, para não confiar na esperança.

Ela sorri e tudo me diz que Sabine está cheia de esperança suficiente para nós dois. E isso é lamentável.

Abro a porta devagar e olho através da rachadura, olhando pelo corredor em direção aonde Joaquin foi. Confiante o suficiente para

seguir em frente, abro a porta o resto do caminho e saio para o corredor, puxando Sabine com a mão em torno do cotovelo.

— Ele confundiu as portas — ouço Joaquin dizer atrás de mim, e me viro rapidamente. — Pensei que era o armário de utilidades ao virar da esquina; aparentemente, o idiota que assiste as câmeras está trabalhando nesta mansão há cinco anos e ainda fica confuso nos corredores.

— Sinto muito, senhor — o homem, presumivelmente o idiota que assiste as câmeras diz. — Todos os corredores parecem iguais.

Joaquin acena para ele e o homem nos deixa em pé aqui. Sozinho. Na situação, tenho tentado evitar todo o maldito dia — mas agora é muito pior. *Muito, muito* pior.

— O que você quer, Joaquin? — Travei o meu queixo, canalizando o destemido Izel, e esperando como inferno, é suficiente que ele compre.

Joaquin inclina a cabeça, e ele se aproxima de mim, seus olhos me estudando curiosamente e com fome — mas principalmente ele quer saber o que eu estava fazendo em um armário de utilidades com minha escrava.

E eu tenho uma resposta para ele.

— O que exatamente você estava...

— A privacidade não parece existir neste lugar — digo a ele. — Você nunca levou uma garota para um armário antes?

O sorriso de Joaquin é tão escorregadio quanto ele.

— Claro — diz ele, olha para Sabine sem mover a cabeça, e olha para mim. — Mas eu não esperava isso de você — encolhe os ombros presunçosamente — sabe, ter Cesara na ponta dos dedos sempre que você quiser.

— O que Cesara e eu temos é diferente. — Eu olho em seus olhos, desafiando-o a me ameaçar. — Cesara e eu temos um entendimento.

— Então Cesara não se importará se ela — ele gira a mão no pulso — de alguma forma, acabar descobrindo que você está recebendo prazer de alguém além dela.

— Tenho certeza que ela faz isso o tempo todo — devolto. — Isso é só sexo. Com o Cesara, é muito mais que isso. E ela sabe disso. Vá

em frente e diga a ela, mas isso só vai fazer você parecer um pedaço de merda ciumento e *fraco*.

Sua boca se contorce de um lado, indicando seu aborrecimento por ter que concordar comigo.

Joaquin olha para trás em direção a Sabine.

— Você sabe o que — diz ele, mudando sua atitude, — eu não acredito em você.

Merda.

— Você não acredita exatamente o quê?

Merda. Merda. Merda!

Ele dá outro passo à frente, e eu também, para impedi-lo de chegar mais perto de Sabine, mas ele agarra meu ombro, me impedindo. Ele olha para o meu rosto, *me* desafiando agora, para ameaçá-lo.

— Lembre-se de seu lugar, Lydia — ele diz friamente. — Você só está viva enquanto eu permitir; você só me nega enquanto eu te deixo. — ele se inclina para o meu ouvido — Eu estou jogando o seu jogo porque eu gosto, então não confunda minha relutância com fraqueza. Agora. Recue.

Mostrando meus dentes para ele, faço o que ele diz.

Ele pega Sabine pelo braço, nunca tirando os olhos dos meus. Ele levanta o vestido, expondo seu corpo nu da cintura para baixo. Eu sei que ela quer olhar para mim, esperando que eu o pare de alguma forma, mas ela não o faz porque não pode, e eu não o faço porque não posso, também.

Joaquin desliza a mão entre as pernas

— Ela não está molhada — diz ele, e então se agacha na frente dela, olhando para mim. — Por que ela não está molhada?

Rosno para ele.

— Porque eu ouvi você vindo pelo corredor, e tomei isso como um sinal para parar.

Com a mão movendo-se, os olhos de Sabine vão do medo reprimido ao início do prazer, mas ela mantém um rosto reto e sem emoção.

Ele se levanta, deixa cair o vestido de volta.

— Lembre-se, Lydia — ele sussurra perto do meu ouvido, colocando os dedos molhados nos meus lábios. — Eu sou o único no controle aqui; não você, não Cesara... *eu*.

Na verdade, Joaquin, isso não é verdade e você sabe disso.

— Eu vou ter você, de bom grado, antes que esta semana termine — ele continua, tão seguro de si mesmo que me faz rir por dentro. — E quando eu terminar com você, você não vai querer nada com Cesara, ou essa beleza de cabelos escuros que é tão facilmente estimulada. — Ele coloca os dedos na minha boca para que eu possa provar sua vitória.

— Não se atrase esta noite — ele me diz, ajustando a lapela de seu terno, — nesta noite de todas as noites. — Um sorriso misterioso aparece em seu rosto; ele se vira e caminha pelo corredor, desaparecendo na esquina.

Nesta noite de todas as noites? Ele poderia ser mais enigmático? Bem, o que quer que ele quis dizer com isso, parece ter feito seu trabalho triplicando meus níveis nervosos.

Pesquisando as paredes e os tetos mais de perto dessa vez, procuro a câmera escondida que me expôs, mas nunca a encontro. Eu coloco meus sapatos de mestre de escravos novamente, pego Sabine pela parte de trás do pescoço dela e empurre-a para frente.

— Mova-se — ordeno, e Sabine faz o que eu digo sem vacilar.

QUINZE

Nora

— Você está brincando, certo? — Eu digo no celular suado pressionado no meu ouvido. — Nós estamos com o joelho na merda por aqui; vamos embora agora, vamos perder o rastro de Artemis. Tem certeza de que quer correr esse risco?

— Essas são as minhas ordens — diz Victor na outra ponta. — Largue o que você está fazendo, pegue o primeiro voo para o México e encontre meu contato no endereço que eu lhe dei.

— Ela nunca vai te perdoar por isso — eu digo, e balanço minha cabeça para Osiris e sua cadela de uma irmã, Hestia, esperando as notícias; mas eles já têm uma ideia do que é a chamada.

— Você não vai interferir — ele me diz. — Eu só quero você lá no caso de algo cair.

— Se algo cair, você espera que eu a ajude, e isso está interferindo. Além disso, duvido que, mesmo no primeiro voo, cheguemos lá antes que o leilão termine.

— Você está mais perto do que eu — diz Victor.

— Eu não vou para o fodido México — diz Osiris. — Eu não dou a mínima por essa garota, estamos trabalhando com você para encontrar nosso irmão e irmã, e é isso.

— Não nos inscrevemos para isso — acrescenta Hestia.

— Diga a eles que eu não esperava que eles fossem com você, nem quero isso deles — diz Victor, capaz de ouvir suas vozes ao meu lado. — Primeiro vôo — ele recoloca. — Toda a sua identificação e seu convite

estarão com o meu contato. Vista-se apropriadamente; você estará posando como uma compradora.

— Ela vai me ver, Victor, ela te avisou sobre interferir, e você sabe também que isso também significava ir lá assim. Na verdade, isso é pior, ela vai pensar que estamos cuidando dela; isso seria o suficiente para *me* irritar, com certeza. Por que não manda o Niklas?

— Ele não pode ser alcançado.

— Fredrik?

— Faça como eu digo.

Ele termina a ligação.

Soltando o telefone esmagado na minha mão ao meu lado, eu suspiro profundamente, seriamente irritada.

— Eu não posso acreditar que ele quer que eu faça isso — eu digo, embora mais para mim mesma. — Estamos *tão* perto — pressiono meu polegar e indicador a uma polegada de distância na frente do meu olho apertado — e ele quer foder tudo porque ele... Deus, eu odeio até mesmo dizer isso.

— O que? Que ele a ama? — Diz Osiris. — Muito ciumenta?

Meu rosto se contrai.

— Oh, inferno não, eu não *faço* amor. Isso só me enoja, é tudo. Eu não me importo com quem é.

— Mulher sábia — Hestia coloca, e pela primeira vez desde que começamos a trabalhar juntos, concordamos em algo.

Eu penso nisso por um momento, olhando entre Osiris e Hestia em pé sob o sol poente. Nós nos parecemos com assassinos desonestos saídos de um videogame, vestidos de preto do pescoço aos pés; armas em nossos quadris, nossas botas e nossas costas; a brisa soprando dramaticamente através do meu longo cabelo loiro enquanto eu fico no topo do prédio mais alto da cidade; o cheiro da caça é espesso no ar; o frio, formigamento de excitação correndo pela minha espinha. É para isso que eu vivo — a caçada, a perseguição, o jogo, a captura — não sendo babá de alguém que não precisa disso. Ou babá em tudo.

— Vamos — digo a Osiris e Hestia, acenando para eles seguirem.

— Não estou indo com você, lembra? — Osiris ressalta.

Eu me viro.

— Eu também não vou ao México. Então venham; vamos voltar ao trabalho antes de perdermos a trilha da sua irmã.

Osiris levanta uma sobrancelha escura em meio àquele rosto marrom e esculpido de um deus — ainda não o tive, mas ele está na minha lista de afazeres.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — Pergunta ele.

Hestia não se importa nem um pouco — ela está tão pronta para se mexer quanto eu.

— Victor vai superar isso — eu digo.

— Bem, eu estou falando sobre a menina — diz Osiris. — Se algo acontecer com ela, imagino que Victor não será tão indulgente.

— Izabel pode cuidar de si mesma — eu puxo a arma do meu quadril, verifico a câmara, e depois a deslizo de volta — e assim que Victor, e todos os outros em sua Ordem descobrirem isso, e deixa de gastar tanto tempo precioso nela, melhor será a organização. — Eu aponto um dedo para os dois. — Você marca minhas palavras: se todos continuarem se concentrando em seu bem-estar, em vez de apenas deixá-la cometer seus próprios erros, Izabel será a queda da Ordem de Victor, e provavelmente a morte de todos nela.

— Isso inclui você? — Hestia pergunta.

— Nah — balanço minha cabeça, franzindo meus lábios — definitivamente não eu. Eu já descobri que ela pode lidar com ela mesma, é por isso que eu não estou indo para o México.

Viro-me e vou para a porta do telhado.

— Estão vindo, ou não?

Eles me seguem.

DEZESSEIS

Victor

Cerro meus dentes e jogo o celular na cadeira atrás de mim que ainda tenho que sentar. A arma parece pesada na minha outra mão; eu quero usar isto, mas eu não posso, entretanto, quanto mais eu seguro isto, mas eu sinto como a outra parte de mim assumirá e puxará o gatilho.

Também deixei a arma de lado, ao lado de uma pilha de revistas antigas, não confiando nela. Apollo morrerá pelo que ele e Artemis fizeram com Izabel, mas eu preciso dele vivo para atrair sua irmã gêmea, para que ela possa morrer com ele. Osíris e Héstia podem estar próximos e no rastro de Artemis, mas a melhor maneira de pegá-la é com uma isca. E a casa de Dina Gregory é o lugar mais provável onde Izabel esteja e o melhor lugar para atraí-la. Izabel sabia disso — é por isso que manteve Apollo aqui embaixo — mas também tenho a impressão de que não foi o único motivo.

— Você deve dizer ao meu irmão e irmã que eu disse oi, e que eu sinto falta deles — diz Apollo, com sarcasmo.

Quando não respondo, ele tenta outra coisa:

— Na verdade, eu prefiro essa cadeira de rodas — diz ele, — para a cama do hospital em que o psicopata me teve. Agradeço, cara. Eu fiquei realmente cansado de olhar para o teto. — Ele olha para mim. — Mas essa merda de um lado para o outro — ele continua a divagar, — está ficando um pouco cansativo. Vocês são loucos, você sabe disso, certo? Quero dizer, *merda*, eu nunca vi tanto drama, e eu venho de uma grande família; e você conhece *minha* família, Victor, então está dizendo muito. — Ele faz uma pausa. — Ei, você quer saber de uma coisa?

— Não, Apollo, eu não quero.

— Sua menina — ele diz de qualquer maneira, — ela parece chateada... com você, eu quero dizer. O que você fez com ela? Não é preciso ser um gênio para descobrir que ela nunca disse a você que me tinha aqui embaixo. E aquele outro cara, Big Fred, seja como for, quando ela fala com *ele*, ela tem aquele brilho nos olhos, se é que você entende o que quero dizer. Ouvi-a com ele no telefone um dia. Você deve ensinar a sua garota a não ter conversas particulares na frente dos prisioneiros.

Ele vai dizer qualquer coisa para ficar debaixo da minha pele — eu estava me interessando por isso até sua insinuação sobre Izabel e Fredrik. Isso é totalmente falso. Sobre ela estar com raiva de mim — isso é mais do que plausível.

Ainda assim, não ofereço resposta. Eu me concentro nos sons da casa, ouvindo sinais de Artemis. Penso em Izabel guardando isso de mim, tendo Apollo o tempo todo e não me contando sobre isso — algo em que pensei antes que Apollo trouxesse à minha atenção. Mas por mais que me decepcione, não se compara ao Fredrik saber e não me dizer. Ele conspirou contra mim com Izabel, e é algo que não posso perdoar. A confiança que eu tinha em Fredrik se foi.

— Eu ficaria louco pra caramba, mano — ele diz, — se minha mulher fizesse alguma merda assim comigo; me deixou no escuro... olhe para você aqui embaixo, fazendo o trabalho de um agente novato. Ha! Ha! Ha!

Meu peito e ombros se erguem e caem; finalmente, ele chama minha atenção. Eu me separo dos meus pensamentos para reconhecê-lo.

— Mas talvez seja onde você preferiria estar de qualquer maneira — ele continua. — Por que você *não* está lá, Victor? No México? — Ele ri baixinho. — Quero dizer, é simplesmente engraçado para mim, como você diz amar tanto aquela mulher (mais do que você já amou minha irmã) mas aqui está você, comigo neste poeirento, porão de bunda, seus olhos vasculham a área, em vez de estar no México, onde sua mulher está *bem* acima de sua linda cabeça vermelha.

— É complicado — eu digo. Me frustra que Apollo esteja me provocando com uma conversa e que estou me interessando por isso.

Ele sorri.

— Complicado é um eufemismo. O que diabos aconteceu com você, Faust? Bem, eu sei o que aconteceu: você perdeu sua merda! Mas como você *deixou* isso acontecer? Sério, cara, eu quero saber. Sabe, então eu posso ter certeza que isso nunca aconteça comigo. — Ele sorri.

— Isso não vai acontecer com você, Apollo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Oh? Como você pode ter tanta certeza?

— Você não viverá o suficiente para conhecer outra mulher por quem se apaixonar.

— Eu vejo — Ele balança a cabeça, sempre não afetado por ameaças verbais.

Sento-me na cadeira, coloco um tornozelo no joelho e pouso minhas mãos frouxamente no colo.

— Oh, vamos lá, Victor; você sabe que quer estar lá, vigiando ela você mesmo.

— Eu tenho isso sob controle.

— Você? — Ele me insulta. — Ou, você está apenas tentando se fazer acreditar nisso?

— Você fala demais, Apollo.

Ele sorri, mostrando os dentes.

— Sim, é meio que minha coisa; eu gosto de uma boa conversa.

— Então você deve estar terrivelmente desapontado – insulto-lhe em retorno, — então, talvez você deveria calar sua boca.

Ele sorri.

— Você sabe o que eles vão fazer com ela lá — continua ele. — Você sabe que eles provavelmente já fizeram isso. De novo e de novo e de novo...

Movo-me através da sala em um borrão; os olhos de Apollo se arregalam em seu rosto enquanto minha mão aperta sua garganta com toda a força que posso invocar. Eu olho para baixo em seus olhos, meus lábios esticados sobre os meus dentes, minha cabeça queimando quente como um fogo furioso, espalhando-se, espalhando-se,

espalhando-se. Ele engasga, ofegando por ar, sua língua inchada em sua boca; aperto mais forte, a raiva na minha cabeça queimando mais forte. Os brancos de seus olhos aparecem, e então suas pálpebras se agitam.

— Não me teste, Apollo Stone — com força, minha mão bate a cabeça dele contra a parede atrás dele — porque eu posso encontrar sua irmã sem você; você só está vivo porque esse caminho é mais rápido.

Rangendo os dentes, eu o seguro por um segundo a mais e depois solto.

Apolo tosse em um ataque maluco; a vida corre de volta para o rosto dele; a umidade se instala em torno de seus olhos.

Caio pesadamente na cadeira, meus braços pendurados frouxamente ao meu lado, minhas costas relaxadas, minha respiração ofegante. O que há de *errado* comigo? Eu devo me concentrar. Eu não posso deixar esse homem chegar até mim.

Então suspiro, percebendo. Não é Apollo que está chegando a mim — é Izabel. E eu não sei o que fazer com isso. Tudo o que sei é que não posso gastar muito tempo com Apollo e Ártemis; eu preciso estar pronto no caso

Uma onda de energia inunda meu corpo; levanto a cadeira para mais perto dele, e me sento bem na frente dele. Eu não posso acreditar que estou prestes a fazer isso, mas vendo como eu cresço cada vez mais diferente de mim mesmo todos os dias, eu apenas acompanho isso. Até que eu consiga consertar.

— Porra — Apollo tosse, ainda tentando recuperar o fôlego — você está seriamente rachado! — Ele limpa a garganta, e então ele ri.

— Corte o sarcasmo, Apollo — eu digo: — Eu vou te fazer um favor.

— Estou ouvindo — diz ele, com uma dúvida suspeita.

— Eu vou deixar você ir — (a sobrancelha esquerda está mais alta que a outra) — e a razão pela qual eu vou deixar você ir...

— É ensinar essa sua mulher uma lição — ele termina para mim, sorrindo. — Você tem esse olhar em seus olhos. Uau... eu... bem, eu

tenho que dizer, a vingança realmente não parece boa para você. Quero dizer, isso *realmente* não acontece.

— Eu pareço que me importo com o que parece para você?

Ele ri, balançando a cabeça.

— Na verdade, não, você honestamente não... Wooo! Eu ainda estou fudido nessa merda Alto-escuro-e-psicótico me drogou? Eu devo está. Porque se eu não estiver, então este mundo deve ter acertado um inferno... — Ele para no meio da frase, e apenas olha para mim, a compreensão preenchendo as linhas em seu rosto. — Você está *falando sério*?

— Sim. Eu nunca fui conhecido por minhas piadas.

Ele ri, faz um barulho com a respiração.

— Sim, acho que você está certo, embora deva tentar algumas vezes; o riso pode te fazer bem. Espere... qual é o preço? Claro, há um preço.

Inclino-me em direção a ele, deixando cair minhas mãos entre as minhas pernas.

— Quero que você e Artemis deixem Izabel sozinha. Vou cancelar todas as pessoas que eu estou procurando por você, acabar com as recompensas em suas cabeças, e eu mesmo vou deixar você ficar, deixar você viver suas vidas patéticas sem ter que olhar sobre seus ombros, apenas deixe Izabel em paz. — Se eu matar Apollo aqui, nenhum negócio como este poderia ser feito, e Artemis iria caçar Izabel para sempre.

— Oh, vamos lá agora, Victor — diz ele com diversão, — você conhece Artemis; ela não será tão fácil de convencer. Sem mencionar essa sua mulher. Penso que o seu nível de vingança é *muuuuito* lá em cima na o filho-da-puta-que-me-pare variam junto com minha irmã, por isso duvido que ela vai parar de olhar para Artemis.

— Você, Apollo, sabe como convencer Artemis de qualquer coisa — digo a ele. — Você sabe tão bem quanto eu que você poderia ter impedido que tudo isso acontecesse em primeiro lugar, mas você optou por deixá-la continuar com isso. — Eu olho para mais perto dele, inclinando-me para frente na cadeira. — Eu vou cuidar da Izabel. Você lida com Artemis. Ninguém morre. Todo mundo passa a viver as vidas

curtas e cheias de acontecimentos que sempre fomos destinados a ter. Eu tenho sua palavra?

Ele sorri de boca fechada.

— Você acreditaria em minha palavra se eu desse a você?

— Eu suponho que não terei escolha — eu digo. — Mas lembre-se, se qualquer um de vocês for atrás de Izabel novamente, usando qualquer método, eu vou encontrar vocês dois e eu vou matar vocês e nada neste mundo vai te salvar então.

Apollo pensa nisso por um momento, mastigando o interior de sua bochecha.

— Tudo bem — diz ele com um breve aceno, — você tem a minha palavra.

Depois de um momento de minha própria contemplação, falando ainda mais sobre isso, solto suas pernas e depois seus pulsos.

Apolo lentamente se levanta da frágil cadeira de rodas, e suas pernas, fracas por não serem usadas por tanto tempo, quase falham, mas ele consegue o equilíbrio. Ele estica os braços para os lados, para o ar; ele rola o pescoço de um lado para o outro. E então ele olha para mim e para a arma já na minha mão novamente.

— Você realmente ama aquela mulher — diz ele, desta vez com menos zombaria e mais compreensão. — Se ao menos você tivesse amado minha irmã assim, você a fodeu, cara; você arrancou seu coração; você criou algo cruel e cruel.

— Eu sei. E um dia espero recompensá-la pelo que fiz. Um dia espero que ela possa... me entender. — Faço uma pausa, certificando-me se quero ou não dizer isso. — Apollo... eu nunca parei de cuidar de Artemis. Eu fiz o que tinha que fazer, o que *escolhi* fazer, eu sei, sou culpado, mas eu era um homem diferente na época; eu não era nem um homem. Eu era um produto; uma máquina construída pelas mãos de homens, treinada de um menino para pensar e agir apenas como *eles* me ensinaram. Foi tudo que eu sabia há muito tempo. Eu nunca perguntaria ou esperaria que Artemis perdoasse o que eu fiz para ela; eu só quero que ela *entenda* isso algum dia. — Eu abaixo minha cabeça.

— *Ahh*, então, é disso que se trata? — Diz Apoloo; ele inclina a cabeça para um lado e depois para o outro. — Não é vingança porque sua mulher te deixou no escuro; você... — ele ri — ... eu não posso acreditar que estou vendo isso.

— Vendo o que?

Ele sorri.

— Você é um homem diferente, Victor, com certeza.

Então ele se vira e se dirige para as escadas do porão; ele para com um pé descalço no degrau inferior e olha para mim.

— Eu sei que você não pode dizer isso — ele começa, — porque vai fazer você se sentir mais culpado do que você já faz, mas você não *tem* que dizer isso, eu vejo isso em você.

— Diga o que, Apollo? — Engulo em seco. - *Ver o que?*"

Ele sorri.

— Que você ainda está apaixonado por minha irmã.

Não digo nada. Eu olho para a parede.

— Eu conheço você, Victor, Artemis conhece Voxê, e se você realmente a quisesse morta, já a teria encontrado agora. Você sabe que ela está aqui, no Arizona, e você sabe o tempo todo. E você está me deixando ir porque, como você mesmo já disse, sabe que ela vai ouvir de mim. E porque você me quer, sem ter que pedir, para dizer a ela que você ainda a ama.

Eu me sento pesadamente na cadeira novamente, deixando cair minhas mãos entre as minhas pernas; minha cabeça cai perto dos meus ombros caídos.

Depois de um momento, levanto a cabeça e olho para ele.

— Basta dizer a sua irmã para deixar Izabel sozinha — eu reitero. — Eu a arrisquei o suficiente. E... estou cansado de fazer isso.

Meu olhar se dirige para a parede novamente.

Apollo solta o pé do degrau inferior; seu rosto é lançado na sombra.

— Eu estava errado antes, sobre isso fazendo você se sentir pior — diz ele. — Se você diz isso, provavelmente vai fazer você se sentir *melhor*.

— Saia, Apolo, antes que eu mude de ideia.

— Você não vai mudar de ideia.

Eu olho para ele com curiosidade.

— Apenas diga isso. Admita a si mesmo. Alto. É sempre mais real quando dito em voz alta. Mais real? Isso é uma palavra?

— Apollo... se você não sair...

— Se você quer que eu diga a minha irmã a verdade; se você quer que eu a pare, então eu quero que você *me* diga a verdade. Eu só quero ouvir você dizer isso. Diga, Victor, e posso garantir em minha vida que Artemis nunca mais incomodará Izabel. Apenas diga isso.

— Não.

— Diz. Vamos, cara, apenas *diga*!

Eu atiro em um suporte, um punho cerrado ao meu lado.

Apolo sorri; seus dentes brancos e claros visíveis em meio à sombra.

Ele dá um passo à frente e mostra seu rosto.

E ele espera.

Lentamente, eu levanto meus olhos para ele novamente. E eu digo a ele o que ele quer ouvir:

— Eu amo Izabel... mas não tanto quanto amo Artemis. — Minhas mãos estão tremendo; eu vou ainda mais longe, embora ele não pergunte, porque eu sei que preciso — eu *tenho* que fazer.

— O que eu fiz para Artemis é o meu maior arrependimento, e sempre foi. Acho que estou usando Izabel, sem saber, para compensar o que fiz com Artemis. Ela era minha chance de fazer as pazes comigo mesmo, de começar de novo, de fazer as coisas certas. Mas com o tempo, comecei a ver que Izabel nunca poderia substituir Artemis; ela nunca poderia trazê-la de volta à vida; ela nunca poderia reverter o pior erro que eu já cometi. E agora eu fui longe demais, e embora eu não

queira continuar minha vida com Izabel, eu não quero ser a razão pela qual ela é negada a chance de continuar sua vida com outra pessoa.

Apolo pisca, atordoado.

— Uau — diz ele, balançando a cabeça. — Eu não esperava isso, mas eu respeito sua necessidade de tirá-lo do seu peito. Todos nós temos cargas pesadas para transportar, cara. Alguns mais que outros. Obviamente.

Ele suspira.

— Você sabe o que, Victor? Você estava errado sobre uma coisa: Izabel, de certa forma, trouxe Artemis de volta à vida.

Meus olhos encontram os dele na escuridão.

Apollo lidera as escadas do porão, deixando-me sozinho com meus pensamentos.

DEZESSETE

/zabel

Terceiro dia — noite

O teatro parece o mesmo das duas primeiras noites, mas a atmosfera mudou. Os compradores que chegam em dois e quatro parecem diferentes; é o dinheiro — o mais rico geralmente significa o mais corrupto. É como se eu pudesse provar, a corrupção — imagino que a água sanitária tenha o mesmo gosto. Respirando fundo em meus pulmões, endireito meus ombros, olho para trás para Sabine e depois seguimos Cesara pela multidão em direção à nossa mesa. Sabine, como sempre, senta no chão aos meus pés; mas até ela é diferente; ela se senta mais perto, pressionada contra a minha perna como um cachorro leal querendo ficar perto de seu dono amoroso. *Esperança demais, Sabine. Muita esperança...*

Joaquin sai para o palco; o som de seus sapatos batendo no chão ecoa pelo vasto espaço; o microfone preso à lapela do paletó estala e estala enquanto esfrega no tecido. Ouço o zumbido de luzes elétricas acima nos tetos altos; os suaves sussurros da conversa; o farfalhar das roupas; o tilintar de copos — minha cabeça está girando um pouco, a antecipação desta noite ficando mais pesada no meu sangue a cada minuto.

Do canto do meu olho, vejo o homem do outro dia — Dante — caminhando até a mesa; ele olha diretamente para mim, acena com aquele sorriso nervoso que o distingue de todos os outros aqui, e então toma seu lugar. Que homenzinho estranho, aquele; interessante o suficiente para notar, mas irrelevante o suficiente para ignorar.

Todo convidado que passa por aquelas portas que eu faço nota, arquivando cada um dentro da minha cabeça, rabiscando anotações nas laterais, e ficando frustrado que, até agora, nem um único deles se sente como "aquele". Eu não sei o que eu estava pensando, de qualquer maneira. Há muitos lugares no mundo onde Vonnegut poderia estar; e aqui, hoje à noite, no mesmo dia em que espero achá-lo, é, de acordo com o universo, provavelmente o último lugar em que ele provavelmente aparecerá magicamente. Mas que outros planos eu tenho? Que outras pistas Victor ou eu, ou algum de nós, temos além desta? Nenhum. Nem um único maldito. E se eu não conseguir uma pista sobre o verdadeiro Vonnegut hoje à noite, então eu vou ter que ficar por aqui e interpretar o meu papel pelo tempo que for preciso até que eu faça.

— E-aqui-*vem-ela* — Cesara sussurra em uma voz cantada ao meu lado.

Olho para a entrada sul — como todos os outros na sala — enquanto Frances Lockhart vem andando pelo corredor como se os paparazzi estivessem piscando câmeras em seu rosto e o tapete estivesse vermelho sob seus saltos agulha; seus dois corpulentos guarda-costas a seguiram bem de perto — e as treze garotas que ela comprou na primeira noite. Que estranho.

— Minha mesa não deve ser ocupada — diz ela em voz alta para todos que estão por perto. — É *minha* mesa e não *vou me* sentar em outro lugar.

— Não esperava vê-la esta noite — eu digo para Cesara.

— Ninguém esperava — concorda Cesara. — Provavelmente implorou ao papai por mais dinheiro, isso deve ser interessante, para dizer o mínimo.

— Sim, para dizer o mínimo — eu ecoo, minha voz arrastando.

— Não posso dizer que já vi um comprador vir com tantas garotas. — Acrescenta Cesara. — Parece um harém, como uma socialite de Hollywood com um harém. — Ela balança a cabeça para o absurdo.

Depois que um servidor masculino puxa a cadeira de Frances, ela se senta e depois o afasta com o aceno de sua mão.

— Vá antes de você escovar contra uma das minhas garotas — vá!
— Ela grita, e o garçom se afasta.

Frances olha para cima, reparando nos olhos dela, faz uma pausa para beber em desgosto e depois faz uma careta de olhos arregalados para todos; sua boca se abre com uma lufada de ar. "Algo que vocês *precisam*? — Ela pergunta ironicamente, e todos eles desviam o olhar.

Frances rosna, e tão rapidamente quanto os convidados desviou sua atenção, ela perde o interesse e se concentra em suas garotas.

— Não, não — Frances argumenta, apontando para eles, — Eu quero você aqui... e *você*, sente-se ao lado dela... não, *você*. Sim, você senta do outro lado dela.

Poucos conseguem afastar os olhos do espetáculo que é a srta. Frances Lockhart, mas todos fazem isso de maneira menos invasiva; secretamente eles a observam com olhares de desgosto; alguns até parecem ofendidos que um rude e barulhento como Frances é permitido no meio deles. Cesara e eu, por outro lado, estamos ansiosas pelo desempenho da mulher dramática.

A mão de Cesara toca meu braço em cima da mesa.

— E aqui vem Callista — ela sussurra quando uma mulher com longos cabelos negros se move em direção à nossa mesa como um fantasma deslizando graciosamente por um quarto.

Mentalmente, eu me preparo e pulo imediatamente para o personagem. Enrolando meu braço direito ao redor da parte de trás do pescoço de Cesara, minha mão segurando o lado do rosto dela, eu a puxo para mim e mergulho minha língua em sua boca. Callista recua um pouco, mas vejo nos olhos dela antes que ela tenha a chance de escondê-lo.

— Cesara — cumprimenta Callista com um lento aceno de cabeça; seus olhos me encham de ódio.

— Callista — Cesara cumprimenta em troca.

— Eu vejo que você... baixou seus padrões — diz Callista, friamente.

Sorrio, pegajosa e venenosa, em vez de sair da minha cadeira para ela e ceder aos insultos porque sei que é o que ela quer.

Então me inclino para frente e estico minha mão.

— Lydia Delacourt, escória do deserto, Lixo-branco-em-treinamento, mas boa o suficiente para que eu seja a que dorme na cama de Cesara e você não é... prazer em conhecê-lo.

As narinas de Callista brilham.

Um sorriso vitorioso dançando em meus lábios, eu retraço minha mão que eu sabia que ela nunca aceitaria para começar.

— Oh, vamos lá — diz Cesara, tentando acalmar a fúria interna de Callista, — você não esperava que eu ficasse sozinha para sempre, não é?

— Sozinha é como eu gostaria de falar com você depois — Claquista me olha — depois do leilão; eu tenho alguns... negócios para discutir.

Cesara assente com a cabeça.

— Tudo bem — ela concorda. — Eu vou te encontrar depois da última apresentação.

Callista me lança um último olhar antes de se afastar da mesa, entrando nas pessoas em pé e em outras mesas antes de chegar às suas.

— Tenho certeza de que "negócio" é código para "pessoal"? — Eu digo, mordaz.

— É claro que é. — Cesara sorri, e sua mão aperta minha coxa debaixo da mesa. Ela se inclina em direção à minha garganta, passa seus lábios pela minha carne, e então diz contra o meu ouvido: "Você não é ciumenta, não é?"

— Você sabe que eu sou.

— Bem, não fique — ela diz, ofegante, com a boca no meu pescoço. — Além disso, vou levá-la comigo quando me encontrar com ela; isso vai *realmente* irritá-la.

Eu me afasto.

— Espero que você não esteja me usando para deixá-la com ciúmes.

A boca de Cesara aperta de um lado e ela inclina a cabeça.

— Não é nada disso que eu estou fazendo — ela estende a mão e toca meu lábio inferior com a ponta do polegar. — Lydia, você deveria saber agora o que eu sinto por você, o quanto você significa para mim; eu nunca faria nada para comprometer o que temos.

— E o que temos, Cesara? — Eu suavizo meus olhos e inclino minha cabeça contra sua mão.

Ela sorri, e nela sinto fraqueza e força — a fraqueza é que ela se apaixona por mim; a força ainda é essa parte dela resistindo.

— Eu acho que você sabe — diz ela, ainda resistindo. Ela se inclina e beija meus lábios. — Há algo que eu preciso falar com você sobre depois do leilão, também.

— Oh? — Eu pergunto. — Negócios ou pessoais?

Ela sorri.

— Ambos.

Depois de alguns minutos, a decepção que tive toda a noite em não me sentir mais perto de Vonnegut do que quando comecei desaparece em um instante, como homem, nem bonito nem desinteressado, mas algo intermediário, entra no teatro com seis guarda-costas, e exalando algo que ninguém mais na sala tem — rank. É como se toda a gente o conhecesse, ou pelo menos sabe *dele*, e ele não precisa colocar em um desempenho de fazer cada pessoa no teatro virar a cabeça para olhar como ele faz o seu caminho para a sua mesa ao lado do palco. E a aparência dele é o oposto de repugnado, ofendido ou chocado; os rostos que o observam estão cheios de respeito, admiração e medo.

Uma vez que o homem se senta, e seus guarda-costas tomam suas posições ao redor dele e perto do palco, o barulho da conversa aumenta novamente, mas para uma melodia diferente.

— Joaquin deveria ter anunciado que *ele estaria* aqui — um homem em uma mesa à minha esquerda sussurra para outro. — Um pequeno aviso teria sido bom.

— Eu gostaria de conhecê-lo. diz uma mulher atrás de mim para outra mulher, — ver por mim mesmo se os rumores são verdadeiros; eu arriscaria uma surra se ele fudesse com tanta força quanto ele bate.

— Ele vai comprar a melhor garota no palco hoje à noite — diz outro homem em algum lugar à minha direita. — Lá vai minha maldita noite.

— Eu o conheci uma vez — diz outra mulher. — Eu estava bem na frente dele com meu marido e ele nem olhou para mim. Bastardo rude.

— Iosif Veselov, se eu entendi? — Eu digo para Cesara. O comprador russo que eles me avisaram para nunca falar, a menos que ele fale comigo primeiro.

— Em carne. — Ela está olhando através do quarto para ele; seu rosto de repente se ilumina com o que parece ser uma empolgação — Definitivamente vai ser uma noite interessante — ela diz, ainda olhando para Iosif, seu sorriso se espalhando.

De repente, a fonte da reação de Cesara chega ao meu cérebro quando ouço a voz irritante de Frances passando levemente pela multidão. Eu olho através dos corpos embaralhados todos se movendo para seus lugares para ver que a mesa de Frances é apenas uma mesa atrás da de Iosif. E noto que ela é a única pessoa na sala que não parece nem um pouco interessada nesse homem. Mas isso é apenas arrogância da parte de Frances? Ou é algo muito pior? Não sei, mas tenho a sensação de que talvez Frances esteja alheia ao perigo que Iosif representa para ela. Ela não é apenas uma mulher, mas é uma mulher com uma boca grande e combativa com os compradores que a superam, como mostrara na primeira noite. Uma parte de mim compartilha a antecipação de Cesara do confronto inevitável entre os dois, mas a outra parte de mim, a parte humana com uma consciência está dizendo "*Oh merda, oh merda*" repetidamente dentro da minha cabeça.

Concentre-se em Iosif, digo a mim mesmo, e me pergunto por que eu estava preocupado com Frances — ela está comprando garotas como escravas, e a cadela merece o que quer que aconteça com ela. Sim, eu não me importo com ela. *Eu me importo?*

Eu me retiro e olho através das cinco mesas que separam Iosif e eu. Ele faz tudo com a perfeição do TOC: a maneira como ele se senta alto, olhando para frente, com as mãos sobre a mesa à sua frente, exatamente à mesma distância de ambos os lados; como dois guardas, a mesma altura e peso, estão à sua esquerda e direita, também à

mesma distância; como ele coloca suas pás de lances na mesa à sua frente. Meu coração está batendo nos meus ouvidos; a saliva evapora da minha boca — já o vi antes. Eu não posso colocar seu rosto, e eu preciso dar uma olhada mais de perto, mas mesmo a essa distância, eu vejo o suficiente dele para saber que ele é familiar para mim.

Lutando para colocar seu rosto com alguém do meu passado, quase me esqueço que Cesara está sentado ao meu lado.

— Se alguém morrer hoje à noite — ela diz, me acordando, — só espero que não seja uma de nós, ou nenhuma de nossas garotas.

— Por que alguém morreria? — Pergunto.

— Bem, tudo pode acontecer — diz ela, com naturalidade. — Especialmente quando os compradores entram nisso. Já aconteceu antes; houve um tiroteio bem ali no chão em frente ao palco uma noite. Dois homens queriam a mesma garota, e apenas um foi para casa com ela — ela ri — Apenas um foi para *casa*.

Eu não me importo com Frances Lockhart...!

Não é de surpreender que Frances Lockhart ganhe os três primeiros lances. Além disso, não é de surpreender que Iosif Veselov ainda nem tenha feito uma oferta, ou tenha mostrado alguma indicação de que ele poderia mais tarde. Ele é ilegível; eu não posso dizer se ele está interessado, entediado ou prestes a cagar em si mesmo, ele é uma estátua.

Às nove horas, Iosif levanta a raquete de lances pela primeira vez — e Frances levanta a dela.

Aqui vamos nós. Cesara e eu olhamos um para o outro, sobrelanceiras levantadas, bocas apertadas de um lado.

Iosif — trezentos mil.

Frances — trezentos e cinquenta mil.

Iosif — quatrocentos e cinquenta mil.

Frances frustrada — quatrocentos e setenta e cinco mil.

Iosif — um milhão.

Frances bate a toalha na mesa diante dela.

— Um milhão indo uma vez — Joaquin anuncia, — indo duas vezes.

Frances — um ponto um milhão; seus pequenos ombros e peito sobem e caem com respirações pesadas e exasperadas.

— Um ponto um milhão indo uma vez.

Iosif — dois milhões de dólares.

Uma onda de vozes excitadas se move pela sala como uma onda.

— Aquela mulher é louca? — O homem à mesa à minha esquerda disse para outro.

— Oh, isso é emocionante — a mulher atrás de mim diz para outra em uma voz sensual. — Talvez eu devesse fazer uma oferta como essa para chamar sua atenção.

Frances levanta da cadeira e olha para Iosif; suspiros e sussurros afiados perfuram meus ouvidos; olho para Joaquin de pé no palco com as mãos cruzadas atrás das costas, e o maior sorriso que eu já vi esticando o rosto — *filho da puta doente*.

— Por que você precisa dela? — Frances desafia Iosif. — Para o que você precisa de *alguma* delas?

Sente-se, sua mulher estúpida e estúpida. Eu acho que parei de respirar; eu acho que todo mundo no teatro parou de respirar.

Iosif, como um demônio saindo das entranhas do Inferno, lentamente se levanta, e cada rosto na multidão segue seu movimento sem vacilar. Sem tirar os olhos de Frances Lockhart, ele diz em um forte sotaque russo a Joaquin:

— Cinco milhões dolárrres.

Os olhos se arregalam, as bocas batem no chão; os suspiros e sussurros agudos se intensificam e se multiplicam ao meu redor. Cesara e eu nos entreolhamos de novo, os mesmos rostos chocados de antes, o mesmo entusiasmo em Cesara, o mesmo nervosismo em mim, fingindo ser excitante.

Frances bate a palma da mão na mesa; ela olha para Iosif mais uma vez e depois senta-se pesadamente na cadeira, como uma criança mimada que aceita a derrota sem decoro.

— Estou surpreso que ele não foi até lá e a derrubou pela parede — a mulher atrás de mim diz ao outro.

— Estou desapontada — diz outra.

Onde estão os fogos de artifício? Onde está esse grande show que todos esperavam ver? Talvez Iosif esteja apenas esperando pelo momento certo; talvez ele esteja conspirando para fazer coisas piores com Frances depois do leilão — não sei, mas fico feliz por Frances estar segura. Por agora.

Durante a hora seguinte, Frances é mais cuidadosa com seu dinheiro; Iosif continua a ganhar, apenas oferecendo determinadas garotas com atributos específicos; e quase todas elas são cartões vermelhos, fazendo Cesara — e aparentemente eu — muito mais rica toda vez que Iosif levanta a raquete. Joaquin parece feliz de estar em pé no palco; eu praticamente posso vê-lo tomando banho em seu dinheiro e, em seguida, desperdiçando tudo em prostitutas e festas americanas e carros caros que ele dirige uma vez e os esconde em uma garagem chique em algum lugar. Eu odeio pessoas assim — eu vou gostar de ter esse ódio em Joaquin, vendo como eu não posso sair por aí matando homens ricos só porque eles são ricos.

E nessa mesma hora, não estou mais perto de colocar o rosto de Iosif.

Jorge Ramirez, o estuprador extraordinário de acordo com Cesara e Joaquin, vence sua primeira garota da noite e, por algum tempo, preocupar-se com o que acontecerá a ela quando deixar este lugar, tira minha mente da frustração com Iosif. Mas estou apenas trocando uma escuridão por outra.

Deus... esta sala está cheia de demônios; todos os rostos dessa multidão são o epítome do mal — embora eu ainda não possa, pelo que vejo, dois deles da mesma maneira que vejo todos os outros. Frances. E não posso acreditar que vou dizer isso — Dante. Eu simplesmente não consigo me livrar de que há algo de errado nesses dois, apesar da companhia que eles mantêm.

Dante, de vez em quando, olha do outro lado da sala para mim, e ele sorri, e eu quase sorrio de volta, até que eu tenho que me lembrar que estou no personagem e sorrindo está abaixo de mim. Por que ele continua olhando para mim? Eu não acho que seja algum tipo de

atração assustadora — eu simplesmente não sei e isso está me deixando louca!

No meio dos meus pensamentos, Naeva é trazido para o palco, e tudo mais em minha mente desaparece.

DEZOITO

/zabel

Eu sinto necessidade de me levantar da cadeira, mas sei que não posso; eu tenho que sentar aqui, assistir Naeva praticamente arrastada para o centro do palco por seu cotovelo, e não fazer nada para ajudá-la. Não é uma oferta comum — não é uma oferta — e todos no teatro sabem disso; não só por causa da recusa do Naeva a cooperar, como inquebrável ela é, quanto luta com tudo que tem nela, mas também por causa da forma como ela está vestida; o sangue em seu vestido branco; as contusões e sangue em seu rosto e boca. Um silêncio cai sobre a multidão, trezentos rostos aturdidos olhando para o espetáculo enquanto ele se desenrola rapidamente diante dos meus olhos — Naeva está com sérios problemas.

O homem a coloca de joelhos; ela cai de cara no chão do palco; seu cabelo derramando tudo ao redor de sua cabeça. Lágrimas caem de seus olhos quando ela levanta a cabeça e olha para a multidão. Mas ela não está procurando por mim, eu sei — ela está procurando por outra pessoa; os olhos arregalados e assustados se movendo em todas as direções, examinando os rostos dos espectadores que a olhavam com uma fascinação doentia.

Meu coração batendo na ponta dos dedos, mal posso ficar no disfarce; eu olho para Sabine, e embora ela não deva fazer contato visual com seu mestre a menos que tenha permissão, ela não pode evitar. Ela é tão confusa quanto eu sou; quando ela viu Naeva por último, Naeva estava confiante e calma. Então o que aconteceu?

Joaquin se aproxima, e Naeva, aparentemente já familiarizada com suas punições, recua dele, mas ela sabe que não deve tentar correr. Em suas mãos e joelhos, ela olha para a multidão novamente,

procurando desesperadamente por aquele rosto em particular; a que ela quer ver antes de morrer — Leo. Ao captar essa percepção, meu coração cai no meu estômago.

Joaquin ergue a mão em gesto para a multidão, e os poucos sussurros cessam de imediato.

— Isso, senhoras e senhores — Joaquin começa, — é o rosto de uma escrava que traiu seus senhores. Nós iríamos puni-la à moda antiga, mas eu decidi que todos vocês — sua mão varre na frente dele na multidão — nossos maravilhosos compradores, que confiam em nós e gastam muito dinheiro em nosso produto, devem ser dada a experiência completa, uma primeira olhada rara e exclusiva dentro de nossos procedimentos; desta forma, você sabe exatamente o que você está recebendo quando você compra de nós; você sabe o quão estrito é nosso treinamento, como... insensíveis nossas punições — ele se vira da multidão e olha para Naeva — e nossos julgamentos brutais quando se trata de ladrões e fugitivos.

Naeva soluça nas mãos dela.

— E aqui pensamos que Frances e Iosif seriam a parte mais excitante da noite — diz Cesara, sorrindo amplamente. Então ela olha para mim e seus olhos se prolongam. — Isso te incomoda que ela esteja lá em cima, Lydia? — Ela pergunta, desconfiada.

Oh, minha apreensão está aparecendo? Saio rapidamente e coloco minha mão no pulso de Cesara sobre a mesa.

— Por que isso... Oh, espere... — eu olho para o Naeva no palco de novo —... é a garota que eu conheci no caminho até aqui?

Acreditando facilmente no ato, Cesara sorri.

— Sim, é ela.

— O que ela fez?

— Bem, eu só sei o que Joaquin me disse em uma corrida mais cedo. — Cesara explica. — Ele disse que poderia jurar que a tinha visto antes... aparentemente, essa garota não foi forçada a estar aqui; ela veio sozinha.

Minhas sobrancelhas se curvam.

— Por que diabos ela faria isso? — Eu pergunto com risadas leves.

— Essa é a parte que eu realmente não sei — diz Cesara. — Mas ela era uma escrava anos atrás em outro dos complexos, e ela deveria ser dada a Joaquin, mas ela escapou antes que isso acontecesse. Foi uma grande história então; todo mundo sabia disso; ela é realmente famosa, famosa por associação, de qualquer maneira.

— Eu não entendo — eu digo. — Por que fugir e depois voltar anos depois para o mesmo lugar, a menos que ela esteja aqui por vingança; talvez ela nunca tenha esquecido o que aconteceu com ela aqui; talvez ela esteja aqui para matar todo mundo. — *Oh, espere, sou eu.*

Cesara ri.

— Isso é uma teoria — ela diz, — mas se esse era o plano dela, pela aparência das coisas, não funcionava muito bem. — Então ela diz: — Mas há muito mais nisso. Joaquin não confirmou ou negou, mas havia um intruso no local mais cedo, e acho que era Leo Moreno.

Endureço, mas apenas por dentro.

— Quem é Leo Moreno?

Cesara parece perdida em pensamentos de repente, sua expressão suave e... *sonhadora*, se é que posso chamar assim.

— Ele era um lutador clandestino — diz ela, com a voz cheia de admiração. — Era famoso em todo o México; ninguém poderia vencê-lo, e qualquer um que tentasse, ou acabaria com um vegetal, ou morto.

Lembro-me da história que Naeva me contou sobre Leo; é interessante ouvir sobre esse homem de um admirador, em vez da mulher que o amava.

— Você parece que queria transar com ele — indico com acusação.

— Eu *queria*, de qualquer forma — ela confirma, e sua honestidade me surpreende. — Quero dizer, você não encontrará muitas mulheres por aqui que *não* quisessem transar com ele — ela gira a mão pelo pulso — mas isso é passado; ele se perdeu quando conheceu aquela garota. É uma pena, na verdade; Leo tinha tudo, mas ele fodeu tudo por ela.

Você quer dizer que ele desistiu de tudo por amor. Qualquer mulher teria sorte de encontrar um homem assim...

Joaquin agarra Naeva pelos cabelos e puxa-a para os pés; a multidão assiste atentamente; e nenhum deles parece desconfortável, provando ainda mais que isto é um Antro dos Demônios. Não, espere — eu estava errado; há duas pessoas na multidão cujos rostos e linguagem corporal indicam que eles estão muito desconfortáveis, confirmando ainda mais em minha mente que eles podem não ser quem eles estão fingindo ser.

Dante esfrega as palmas das mãos nervosamente contra as pernas da calça; ele enxuga o suor da testa com as costas do pulso; parece que ele está praticando algum tipo de técnica de respiração, seus ombros subindo e descendo ao ritmo de sua boca enquanto forma um O e a respiração é expelida em intervalos de dois segundos.

E Frances Lockhart — agora sei que a mulher não é mais uma compradora de escravos do que eu. Ela se levanta enquanto Joaquin enfia uma arma sob o queixo de Naeva, e ela grita, com as mãos para fora na frente dela:

— Pare! Eu quero comprá-la; eu superarei todos nesta sala! — Ela quer comprá-la para *salvá-la*, assim como fez aquelas treze garotas sentadas ao seu redor, amontoadas *perto* dela, assim como Sabine é para mim. Tudo se torna tão claro agora — e meu trabalho aqui ficou muito mais difícil. Eu não sei quem são esses dois, Frances e Dante, mas, de certa forma, são como eu. Infelizmente, eles não são nada como eu quando se trata de saber o que diabos eles estão fazendo, e quão profunda a pilha de merda em chamam eles entraram.

— Sente-se, senhorita Lockhart — Joaquin gentilmente diz a ela. — Esta não está à venda.

Por favor, sente-se, Frances... Se não o fizer, se continuar a deixar que o seu eu real sangue através dessa fachada frágil, você vai se entregar e não conseguirá sair daqui vivo. Por favor. Sente. Agora. Mordo meu lábio.

Lentamente, Frances se senta e o alívio inunda meu corpo; ela senta com as duas mãos sobre a mesa à sua frente, seu rosto desprovido daquela máscara de mimada que ela usava quando veio aqui, e eu só espero que tudo o que está acontecendo possa distrair a todos — especialmente Joaquin e Cesara — de seus erros gritantes.

O corpo de Naeva treme nas mãos de Joaquim; lágrimas correm pelas suas bochechas — não sei o que fazer; talvez este seja o meu momento, o teste mais difícil que eu já terei que enfrentar sendo o que eu sou agora; talvez essa seja minha única chance de provar — para mim mesma, não para qualquer outra pessoa — que eu possa fazer esse tipo de trabalho pelo resto da minha curta vida. Eu *tenho* que ficar na personagem; estou tão perto de desenterrar o Vonnegut — *sinto* isso — e não posso deixar ninguém ou nada entrar no meu caminho. Não Dante, Frances, Sabine ou qualquer outra garota inocente aqui, nem mesmo Naeva. Este é O Sacrifício, o momento em que devo escolher deixar pessoas inocentes morrerem, para que eu possa matar uma das fontes que alimentam toda essa injustiça — a morte de alguns pela vida de muitos.

Respiro fundo e escolho. Eu escolho fazer o impensável. Eu escolho me tornar... Victor Faust.

Joaquin força Naeva mais perto da borda do palco; ele quer exibí-la para todos verem; ainda assim, ninguém além de Dante e Frances Lockhart parece estar aflito com o que todo mundo nesta sala sabe que vai acontecer em breve.

— Deixe-me contar uma história para você — Joaquim começa, com a voz aguda pelos alto-falantes no teto para todos ouvirem, — de uma garota que seria vendida anos atrás, para um concorrente privado pronto para pagar uma quantia inconcebível de dinheiro — (todos na sala olham diretamente para Iosif Veselov) — Não, não — ri Joaquim — não foi o Sr. Veselov, de qualquer maneira, antes que a garota pudesse ser transferida, ela escapou.

Sussurros surgem sobre a multidão e depois desaparecem quando Joaquim continua.

— Oh, todos vocês vão *amar* isso, eu deveria cobrar uma taxa extra de participação para esta noite. — Joaquim sorri, brincando considerando isso. — Mas você não vai acreditar em quem a ajudou a sair do México.

— *Quem a ajudou?* — Grita uma mulher da multidão.

Joaquin para, com um sorriso cada vez mais sombrio, e ele coloca a mão livre na sua frente e diz:

— *El Segador*,⁴ o próprio Leo Moreno!

Suspiros e sussurros enchem o teatro; rostos atordoados e cabeças se voltam uns para os outros em estado de choque; tudo isso me faz sentir como se eu estivesse entorpecendo através de um mar de devastação — todo mundo sabe quem é esse homem, e provavelmente todos também conhecem a história.

— Leo Moreno? — A mulher atrás de mim diz para a outra. — Uau... então *essa* é a garota... apenas *wow*.

— Eu sabia que Moreno estava vivo! — O homem à minha esquerda diz ao outro. — Se essa é realmente a mulher que ele amava, alguém vai morrer neste lugar hoje à noite, e duvido que seja ela!

— Então, isso significa que Leo está aqui. Agora mesmo. Neste edifício — outra mulher diz a alguém, sua voz cheia de alegria; seus olhos saltam por toda a sala em busca dele.

— Você ouviu bem, senhoras e senhores! — Joaquin anuncia, desafiando. — Você está olhando para o primeiro e único, Naeva Brun! E, em algum lugar, dessa mansão está o outrora famoso lutador subterrâneo, acreditado-para-estar morto, que arruinou sua vida por ela!

Agora sou eu quem está virando a cabeça, seguindo as cabeças da multidão, procurando por esse homem que ainda não se revelou.

— Saia do seu buraco, Moreno! — Joaquin diz em seu microfone. — Você tem dez segundos para se mostrar e se render, ou ela morre!

Todos olham, em todos os cantos, todas as sombras; vozes sobem e caem; no meio de tudo isso, fixei minhas vistas em Iosif do outro lado da sala. Ele é o único que não está olhando; ele é o único que não se importa. Ele enfia a mão no paletó e pega um celular, coloca-o na mesa à sua frente. Eu não posso dizer o que ele está fazendo com isso, e gostaria de poder me aproximar. Ele gesticula para um de seus guardas e diz algo para ele. O guarda então gesticula em um servidor carregando uma bandeja forrada com bebidas, e o servidor corre para a mesa. Iosif toma um copo de uísque, depois uma bebida e coloca-o na mesa perto do telefone. Ele não poderia se importar menos com todo o resto acontecendo; ele é muito importante; ele pode até ficar irritado com a

⁴ O Ceifeiro

ruptura da única coisa pela qual ele veio aqui — não sei, porque ele continua ilegível.

— Dez. Nove. Oito.

A voz de Joaquim, embora seja uma peça central em minha mente, é suavizada pelo homem chamado Dante. Ele está suando profusamente; ele também não está procurando por Leo Moreno para fazer uma aparição, mas ao contrário de Iosif, Dante é muito afetado pelo que está acontecendo no teatro. Ele mal consegue ficar parado em sua cadeira; ele desliza o dedo indicador para trás e para frente atrás da gola de sua camisa; parece que ele está prestes a vomitar ou desmaiar.

— Seis. Cinco. Quatro.

Frances Lockhart está chorando; duas das garotas sentadas a seus pés estão fazendo o possível para consolá-la sem serem vistas; eles deitam suas cabeças em suas coxas, e uma está segurando sua mão. Frances enxuga as bochechas com um guardanapo de pano e tenta desesperadamente se controlar, mas, como Dante, vai desmoronar completamente a qualquer momento. Ela olha para mim do outro lado da sala; nossos olhos se fecham e algo passa entre nós — um entendimento, talvez; uma espécie de parentesco que duvido que qualquer um de nós realmente conheça — antes de desviar o olhar um do outro, em direção à entrada principal e a uma figura que se move pelo corredor.

— Ah, é maravilhoso você se juntar a nós, *senhor* Moreno — diz Joaquin, vitorioso.

A multidão suspira.

Cada cabeça na sala — até mesmo desta vez — olha na mesma direção; um denso período de silêncio se estende sobre a multidão, e nem mesmo o som da respiração a quebra.

E então:

— LEO! — Perfura o silêncio como uma bala cortando uma janela de vidro. Naeva luta contra Joaquin, mas ele aperta a arma mais fundo em sua garganta. — Leo! Por favor! Não deixe que eles te levem! — Lágrimas rolam dos olhos dela.

O lutador lendário, o amor da vida de Naeva, faz o seu caminho em direção ao palco com rostos assustados em sua frente e armas nas costas. Mas ele não vê nada disso — a única coisa que ele vê é Naeva e o homem ameaçando matá-la. Seus olhos escuros se agitam com retribuição; seus punhos são como martelos de ferro ao lado do corpo, sustentados por braços e ombros musculosos que parecem ter sido esculpidos em pedra; seu rosto, cheio de violência e fúria, de alguma forma parece suave e jovem, com maçãs do rosto bem esculpidas e lábios em forma perfeita. Por um momento, eu lamento por ele — que desperdício será ver tal criatura morta por tal animal.

Sem uma palavra, Leo Moreno chega ao primeiro conjunto de mesas ao lado do palco, e num piscar de olhos, antes que qualquer gatilho atrás dele possa ser puxado, ele dá a volta no guarda mais próximo a ele, enfia um cotovelo afiado em seu rosto e um *crack!*, pega a arma de suas mãos. Outro flash de um segundo e Jorge Ramirez, sentado à mesa mais próxima de Leo, agora está pressionado contra o peito de Leo, o cano da arma enfiado contra a têmpora de Jorge — tudo aconteceu tão rápido que ainda estou tentando entender.

— Deixe o Naeva partir, ou eu mato este... primeiro — Leo fala em inglês acentuado, e uma onda de sussurros excitados cobre o teatro.

— Leo...

Joaquin empurra o cano de sua arma mais fundo na garganta de Naeva, cortando seus gritos; seu sorriso é ameaçador quando ele olha para Leo no alto do palco.

— Você não vai matá-lo — insulta Joaquin; ele move a cabeça para indicar a multidão. — Você está em desvantagem.

Leo inclina a cabeça para um lado, e o movimento sutil é suficiente para que Joaquin saiba que este homem é mais do que capaz de retirá-lo. Joaquin engole nervosamente, e tenta manter seu ato destemido, que ele tem a vantagem. E embora tecnicamente ele tenha isso — porque Leo *está em* desvantagem — a linha entre a mão dele e a de Leo é muito fina.

Olho para Cesara, testemunho a fome familiar em seus olhos — passado-tenso, minha bunda; ela ainda se curvaria por Leo Moreno num piscar de olhos.

— Você sabe o que — Joaquín começa com um olhar desconsiderado, — você escolheu o comprador errado para me ameaçar, mate ele, eu não me importo.

Os compradores sentados no meio da multidão se viram e se entreolharam, chocados e provavelmente reconsiderando suas futuras visitas a esse lugar. Sem surpresa, Iosif parece não se incomodar, mas ele está assistindo, no entanto.

Joaquín, percebendo o erro de sua decisão, remedia rapidamente.

— Esse é o único comprador na sala que me deve — diz ele.

— *Joaquín* — implora Jorge, com a voz embargada, — achei que tínhamos um acordo. Por que você...

Leo fecha Jorge da mesma forma que Joaquín havia silenciado Naeva momentos antes.

— Você tem três segundos — avisa Leo em espanhol.

Visivelmente nervoso, Joaquín aperta Naeva com força em seus braços, indicando sua falta de vontade de deixá-la ir, não importa o que aconteça.

Três segundos voam no que parece ser um, e um tiro soa, ecoando nas paredes altas; o corpo de Jorge cai no chão acarpetado em um espetáculo sangrento de câmera lenta. No mesmo momento, Leo corre para o palco com a arma na mão. Outro tiro soa, e outro — os compradores gritam e se agacham embaixo das mesas — mas antes que qualquer bala possa atingi-lo, Leo salta para o palco, rola dois metros antes de parar em uma posição agachada.

— NÃOO! — Naeva grita enquanto a arma de Joaquín se move na frente de seu rosto, e atira em Leo, atingindo-o no ombro.

Leo desce; sua arma bate contra o palco e desliza para fora de seu alcance.

Os suspiros da multidão puxam todo o ar para fora da sala — até mesmo Iosif subiu em uma posição, incapaz de desviar o olhar da cena.

Nem me lembro quando me levantei; mas aqui estou eu, minhas mãos pressionadas contra a mesa, meu corpo uma massa sólida de músculos e ossos; meus olhos e boca se arregalam, parecendo mais Izabel Seyfried do que Izabel Ruiz.

— Agarre-o! — Joaquin ordena os guardas em espanhol, e nove correm para o palco e **barril** em direção a Leo como uma debandada.

Leo não se importa com nenhum deles; ele puxa uma Naeva tremendo em seus braços, protegendo-a com seu corpo; ele sabe que não está saindo disso vivo, ferido e com nove armas apontadas para ele.

— Eu senti tanto a sua falta — ele diz para Naeva, sua voz sufocada pela emoção; Ele agarra o rosto dela em suas mãos, olha nos olhos dela, e meu coração está se partindo em um milhão de malditos pedaços. — *¡Escúchame*⁵! — ele torce o rosto com ênfase, e depois continua em espanhol: — Não importa o que aconteça aqui esta noite, saiba que estou com você; não vou te deixar de novo, nem mesmo na morte... está me ouvindo? — sacode-a — nem mesmo na *morte*.

Antes que Naeva possa dizer qualquer coisa, antes que ela possa beijar seus lábios, os guardas estão separando Leo e Naeva.

— Não! Não o machuque! Eu farei qualquer coisa! Por favor, não o machuque!

Apesar do ferimento a bala no ombro, Leo ainda consegue acertar três socos de quebrar ossos em um dos guardas; mais dois para outro; um terceiro guarda se move atrás de Leo, agarra seus braços e os puxa para trás; a parte de trás da cabeça de Leo bate no rosto do guarda, e o guarda tropeça para trás, a mão cobrindo o nariz sangrando.

Mais cinco guardas correm para Leo, mas é apenas a arma na mão de Joaquin, apontada para Naeva que o impede.

— Apenas me mate, seu *filho da puta*! — Naeva grita. — Dê a Leo de volta sua liberdade e faça o que quiser comigo!

— Oh, *agora* você quer que ele tenha sua liberdade — insulta Joaquin; ele se move em um meio-círculo cuidadoso para poder encarar a multidão atordoada e de olhos arregalados, a arma apontada para Naeva sentada no chão do palco. — *Agora* ela quer que Moreno tenha sua liberdade! — Ele repete para o público.

Uma rodada de risadas faz o seu caminho ao redor da sala; Cesara se junta. Olho para ela de pé ao meu lado — quase todo mundo está de pé agora para que eles possam ver sobre as cabeças das pessoas na

frente deles — e o prazer em seu rosto me enoja. Cesara pode ter sido como eu uma vez, ela pode ter suportado os mesmos horrores, e saiu mais forte do outro lado por causa deles, mas ela e eu somos duas pessoas muito diferentes, que seguiram direções totalmente diferentes.

Joaquin olha para Naeva.

— Ele desistiu de sua liberdade há muito tempo, Srta. Brun — ele diz severamente, — por *you*. Você nunca deveria ter voltado aqui. — ele gesticula com a mão para a multidão, em busca do elogio deles. — Moreno não é o homem que costumava ser! Ele não é o lutador que ele costumava ser! E seus serviços não são mais necessários!

A multidão bate palmas; cabeças acenam; vozes se elevam ao meu redor, a maioria concordando com Joaquin, ou, pelo menos, apenas querendo ver o derramamento de sangue.

Joaquin faz um movimento com a cabeça para o guarda em pé mais próximo do Naeva, e o guarda agarra-a pelos braços e levanta-a do chão.

— Não toque nela! — Leo late; sua respiração é trabalhada; o sangue está escorrendo pelo braço e pelo peito; ele está começando a mostrar sinais de angústia de sua ferida.

— Eu vou fazer mais do que tocá-la — Joaquin diz a ele com satisfação. — Vou mostrar aos meus compradores o que acontece com fugitivos — ele se aproxima de Leo — e ladrões.

Não... Ele vai matar os dois, bem ali no palco; ele vai dar um exemplo com Naeva, que fugiu, e Leo, que eles dizem "roubou" ela.

— Eu sinto muito, Leo — Naeva chora.

— Não se desculpe, você nunca se arrependa — ele diz a ela.

Joaquin e o guarda segurando Naeva acenam um para o outro, e o guarda levanta uma arma para a cabeça de Naeva.

Não...

Meus olhos percorrem a sala freneticamente. O que eu estou procurando? Alguém para invadir aqui a qualquer momento e salvá-los? E embora eu saiba que isso não vai acontecer, eu olho de qualquer maneira, esperando desesperadamente que eu esteja errada. E na pequena fração de um momento que parece mais longo do que é, vejo

Dante inclinado para a frente, as mãos apoiadas nos joelhos e vomitando no chão. Eu vejo Frances Lockhart... ela está andando, quase correndo, em direção ao palco. *Pare, Frances! Não faça isso! Não faça isso, ou você vai morrer com eles!* E sinto as mãos de Sabine agarrando minha perna; as pontas dos dedos dela cavando na minha pele.

O guarda inclina a arma e, em câmera lenta, vejo o dedo deslizando em direção ao gatilho; eu vejo os olhos de Naeva se fechando, lágrimas escorrendo pelo rosto dela. Eu vejo o dedo de Joaquin dançando no gatilho da arma apontada para Leo; vejo os olhos de Leo bem abertos, sem medo; ele está tentando consolar Naeva; seus lábios estão se movendo, mas não consigo distinguir as palavras. *Eu te amo para sempre, Naeva. Através da vida e na morte, eu te amo.* Essas são as palavras que eu imagino que ele está dizendo; essas são as palavras que seu lindo rosto declara.

— PAAAAARE!!!

Minha voz carrega estridente sobre a multidão como o tremor de um chicote, e todos os olhos da sala estão em mim.

DEZENOVE

/zabel

— Pare — repito, mais calma, mas com determinação.

— Que porra você está fazendo, Lydia? — Cesara assobia atrás de mim.

Ignorando-a, eu faço o meu caminho em direção ao palco, e a multidão parte para mim. Sabine tenta seguir, mas eu a empurro de volta com a mão.

Os olhos de Naeva me seguem, mas são tudo o que ela se atreve a mover. Olho para ela uma vez, brevemente, tempo suficiente para deixá-la saber que eu me recuso a deixá-los morrer.

O rosto sorridente de Joaquin me segue até a mesa onde está Iosif Veselov. Por um momento, olho diretamente para Iosif; um olhar em seus olhos, e isso vai me dizer o que eu preciso saber. Ele me vê e lá está ele — o tirano ilegível que veio aqui *me conhece*. Ele sabe exatamente quem eu sou. Mas ele continua quieto — e espero que ele continue assim.

Desviando o olhar do homem que acredito ser Vonnegut, volto minha atenção para a segunda questão mais importante, agora que realizei a primeira.

— Há algo que você precisa, senhorita Delacourt? — Joaquin me pergunta.

— Eu preciso de você para me deixar ter os dois — eu digo, e Joaquin ri, e o mesmo acontece com a multidão, enquanto ele olha para todos eles com uma expressão cômica de descrença.

— E por que na *foda* real eu faria isso por você? — Joaquin diz.

— Porque eu acredito que ambos valem mais vivos do que mortos.

— Oh, é nisso que você acredita, é? — Ele sorri torto e pressiona a arma contra o lado da cabeça de Leo. — Bem, eu discordo. Moreno é uma moda fora de moda, e ele vale tanto quanto você — ele sorri, satisfeito por voltar para mim publicamente por tê-lo negado — e a garota... bem, ela não vale absolutamente nada, como a maioria mulheres.

Algumas cabeças na multidão — do tipo feminino — olham para Joaquin, ofendidas, mas não é suficiente para sacudi-lo.

— Deixe-me provar o contrário — eu ofereço. — Dê-os para mim e me dê uma semana...

— Foda-se — Joaquin estala, me cortando. — Eu prometi à multidão retribuição, não misericórdia. Não está certo?! — Ele olha para a plateia, e eles batem Palmas, assentem e pedem que ele faça o que prometeu.

— Joaquin, não. — Estou ficando desesperada; eu sinto que sei que não há papel que eu possa interpretar, nenhuma desculpa que eu possa inventar e que salvará suas vidas. — Eu sou... — Eu tomo uma respiração profunda e nervosa. —... estou pedindo para você poupá-los.

Algo clica em seus olhos; ele olha para mim. E então ele ri e procura por Cesara no meio da multidão.

— Isso é o que você treinou? — Ele acusa. — Este é seu "achado especial"? Que piada, Cesara! Bem, adivinhe? Adivinha quem vai pagar por seus problemas?

Cesara vem atrás de mim; ela agarra meu cotovelo.

— Qual diabos é a o seu problema? Você não pode fazer isso aqui, na frente de todas essas pessoas — ela sussurra, suas unhas se enterrando em mim. — Eu vou lidar com ela agora — ela diz Joaquin, e tenta me arrastar para longe.

Arrancando meu braço de seu alcance, atiro-a com um olhar.

— Eu não vou a lugar nenhum — eu digo. — E se eles morrerem, eu nunca vou te perdoar, Cesara.

Ela fica em estado de choque, seus olhos piscando rapidamente, seus lábios entreabertos.

— Então, você se importa para essa menina — diz ela, crescer com raiva e ciúmes, e sentindo-se mais traído pelo segundo. — Você mentiu para mim; todo esse tempo você mentiu para mim... sobre *tudo*!

— Não — eu minto novamente, — não sobre tudo, Cesara, meus sentimentos por você.

Eu vejo um flash de luz branca cruzar minha visão depois que a mão de Cesara está no meu rosto. Ela me agarra pelo pulso e me puxa para o peito.

— Eu posso salvar você, Lydia — ela sussurra, — mas você tem que parar com isso agora; venha comigo e vamos conversar sobre isso em particular. — Sua disposição para me perdoar é ainda mais um motivo para acreditar que seus sentimentos por mim são reais.

Muitos rostos na multidão estão empurrando-nos de ambos os lados, tentando ouvir o que Cesara está dizendo para mim, mas ela os empurra de volta, e tenta mais uma vez me arrastar com ela para fora do teatro. E mais uma vez, eu solto meu braço e me recuso a me mover, encarando-a. Ela olha de volta. E então ela recua. E ela fica lá, olhando para mim como se não soubesse o que fazer comigo. Mas Cesara é a menor das minhas preocupações — Joaquin já perdeu o interesse em nós.

— Joaquin, eu sou... vou te dar o que você quer de mim, por favor, deixe-os ir. — Eu sei que estou perdendo o fôlego.

— Eu não quero mais nada de você — diz ele.

O demônio dentro de Joaquin sorri para ele, e eu vejo o dedo dele se mover para pressionar o gatilho pesado; o dedo do guarda se move para pressionar o gatilho pesado.

Não... não... NÃOOO!

Jogo a única carta que me resta.

— SE ELES MORREREM, FAREI COM QUE JAIVER TE MATE POR ISSO!

O mundo para de se mover em seu eixo; o silêncio atordoado se estende para sempre; o único movimento no teatro agora é o meu, é o de selar meu destino e esculpir minhas traições em pedra.

Eu não olho para Cesara de pé atrás de mim, mas sinto que ela está lá, incapaz de se mover, sem compreender. Mantenho meus olhos em Joaquin, observando enquanto seu dedo se afasta do gatilho; enquanto o dedo do guarda se afasta do gatilho. Os pulmões de Naeva se enchem de ar, aliviados de que, pelo menos por um momento, ela e Leo vão viver. Leo não muda; ele permanece sólido, vigilante ao alcance de Joaquin, esperando que, a qualquer momento, possa agarrar Naeva e nunca olhar para mim.

Mas todo mundo está olhando para mim; até eu estou olhando para mim mesma do lado de fora, atordoada, me perguntando por que fiz isso.

— O que você disse? — Joaquin pede (exigi) quebrando o silêncio.

Eu me movo em direção aos degraus que levam ao palco, e os levo devagar.

— Você ouviu o que eu disse — digo-lhe no segundo passo. — Deixe-os ir agora e deixe-me ir ou eu faço o resto da vida que você tem, um inferno vivo.

— E como você planeja fazer isso? — Joaquin está se afastando do óbvio, porque ele e eu, até onde eu sei, são as únicas pessoas nesta sala que conhecem a verdade.

— Se você matá-los — eu começo, no quarto passo, — não há nada que me impeça de *te* matar, a menos que você me mate. E se você me matar — digo, no quinto passo — ou me prejudicar de alguma forma, seu irmão terá a sua cabeça.

Ele está começando a perder o foco; ele engole e, nervosamente, lambe a secura de seus lábios; ele enrola o queixo; suas narinas se abrem.

— M-meu irmão? Eu não acho que você entenda...

— Javier Ruiz está vivo e bem — eu digo, não apenas para Joaquin, mas para todos os outros no teatro. — E eu sei disso porque sou eu quem *não* o matou naquele dia. Eu sou o que ele foi atrás dele, porque eu sou o que ele amava.

Cesara engasga atrás de mim no chão do teatro; uma enxurrada de vozes atravessa a sala.

— Quem é você? — Pergunta Joaquin, provavelmente já sabendo por dentro quem eu sou.

Dou o passo final e fico diante dele no palco; então respiro fundo, limpo minha garganta e sussurro desculpas a Victor em meu coração.

— Sou a única pessoa nessa sala tão famosa quanto Leo Moreno. Meu nome é Sarai. Eu já fui chamado de *La Princesa*. E exijo que você os deixe ir e diga a Javier que estou aqui.

— Do que diabos ela está falando, Joaquin? — Cesara estala; seus olhos se movem entre ele e eu.

— Ela é quem ela diz que é?! — grita alguém da multidão.

— Ela é uma mentirosa!

— Javier Ruiz está *morto*! — Grita um homem.

— La Princesa? A mulher que levou Ruiz para baixo? Eu não posso acreditar!

Eu tenho a atenção de todos, mas o que mais me interessa é Iosif Veselov; até ele parece levemente chocado. E para meu próprio choque, Iosif se afasta de sua mesa; sua forma russa alta e iminente se aproximava do palco. *Não... não faça isso agora; não torne isso impossível para mim.*

— Eu vou pagar dez milhões de dólares por causa da praga.

Até eu suspiro.

— Minhas desculpas, Sr. Veselov — Joaquin começa... se *força* a dizer — mas... a verdade é — ele faz uma pausa, lambendo a secura de seus lábios novamente; gotas minúsculas de suor se formaram em sua testa — a verdade é que se essa mulher é quem ela diz ser, então meu irmão a quer viva. — Foi preciso dizer tudo para ele.

A boca de Cesara praticamente bate no chão em sua confissão; sua cabeça pula de Joaquim para mim; seus olhos se encheram de uma onda de descrença. E traição. E desgosto. E... vingança? Por um momento, ela não consegue falar; ela apenas fica lá, esperando, tentando colocar a roda dentro de sua cabeça se movendo novamente.

Os ombros largos de Iosif se erguem e caem; eu meio que espero que ele argumente, até mesmo ameace Joaquin — afinal, seja ele Vonnegut ou apenas Iosif, ele tecnicamente ainda é o homem mais poderoso desta sala, mais ainda do que Joaquin Ruiz, planejador de eventos e morando debaixo da sombra do irmão.

— Eu-eu-eu preciso me desculpar — diz Dante da sua mesa; ele se apressa em direção à saída mais próxima com um lenço sobre a boca e o outro braço cruzando a barriga.

Eu sinto os olhos de Frances Lockhart em mim; olho para ela por tempo suficiente para ver como ela está confusa. Mas ela não está mais chorando, e se eu salvasse apenas sua vida hoje à noite, pelo menos eu posso me sentir bem com isso.

O público quer respostas, e eles continuam gritando com Joaquin:

— Onde está Javier Ruiz?!

— O que será do El Segador?!

— Eu vou pagar um milhão por El Segador!

— Um ponto cinco milhões para El Segador!

— Onde diabos está Javier Ruiz?!

— DOIS MILHÕES PARA EL SEGADOR.

Dois compradores — uma mulher e um homem — começam a gritar, chamando a atenção da multidão.

— Para que você precisa dele? — O homem pergunta à mulher com um sorriso de escárnio. — Um escravo sexual? — ele ri — Ele te mataria antes que ele ficasse com você.

A mulher rosna.

— E você? Você acha que alguém como ele será forçado a lutar de novo?

— Três milhões de dólares para El Segador e Naeva Brun! — Grita outro homem. Ele se vira para a multidão, sorrindo presunçosamente. — Ela é o modo de controlar El Segador!

Em meio a todos os gritos, olho e vejo Iosif saindo do teatro; sua forma corpulenta empurra através da multidão, seus guarda-costas em todos os lados dele. *E aonde você está indo, Vonnegut?* Não posso perdê-

lo, mas não tenho escolha. Pelo menos eu tenho uma pista. Um nome. Um rosto.

A voz de Joaquin perfurando o microfone afoga todos os outros:

— Nenhum deles será vendido! — Ele anuncia. — Agora, devido a... circunstâncias inesperadas, o leilão está terminando mais cedo hoje à noite! Agradeço a todos por terem vindo, e espero vê-los novamente em seis meses! Boa noite! — Ele repete tudo em espanhol.

Alguns compradores resmungam seus protestos, mas a maioria deixa suas mesas com sussurros e olhares, todos se arrastando em direção às saídas com uma infinidade de notícias excitantes que certamente se espalharão por todo o México em menos de vinte e quatro horas. Javier Ruiz está vivo! Leo Moreno está vivo! Naeva Brun estava lá! La Princesa voltou! Ah, essas manchetes!

Em uma exibição sinistra, enquanto a multidão se afunda, o corpo de Jorge Ramierz é deixado no chão do teatro em uma poça de sangue, e ninguém olha para ele, muito menos se mexem para movê-lo.

Quando o teatro está quase vazio, Joaquim ordena que os guardas prendam primeiro Naeva — ele ainda segura Leo Moreno com a arma na cabeça.

— Se você tentar alguma coisa — avisa Joaquin, — meus homens matarão sua mulher. Você entendeu, você *entendeu*? — Saliva vomita da boca de Joaquin no rosto enfurecido de Leo.

— Si. *Entiendo* — responde Leo, calma e friamente, com a própria morte em seus olhos.

Naeva e Leo são arrastados para longe; Leo na frente, e armas sempre apontavam principalmente para ela, no caso de Leo tentar alguma coisa. Naeva olha para mim uma vez antes de ser empurrada pela saída.

— Obrigado, Sarai — ela gesticula com a boca, e uma lágrima desliza por sua bochecha.

Por fração de segundo que eu estava distraído por ela, vejo um flash do rosto enfurecido de Cesara vindo em minha direção. Sem armas, e pega de surpresa, ela me joga no chão; a parte de trás da minha cabeça bate contra a madeira; manchas de primavera antes da minha visão.

— VOCÊ! — Uma mão sopra violentamente no topo do meu cabelo; o outro segura uma arma debaixo do meu queixo, forçando minha cabeça dolorosamente contra o chão. Espreguiçando minha cintura, os olhos de Cesara rodam com fúria enquanto ela se agarra a mim. — Era você! ERA VOCÊ! — Ela ruge.

— Saia dela! — A voz de Joaquin corta o ar.

Ele a agarra por trás para puxá-la; Arrasto-a pelos cabelos até o chão, onde seu sapato tamanho 14 faz contato com as costelas. Cesara deixa cair a arma e recua contra a dor.

E então ele vem para mim.

Eu não luto. Eu não grito. Eu me movo de bom grado com o fluxo das águas furiosas que me levam rio abaixo até o lugar que eu sempre temi, mas sabia que teria que enfrentar um dia.

VINTE

Fredrik

— E-E-E-u não posso mais fazer isso, chefe... — Dante para, limpando a garganta novamente; ouço o farfalhar de um guardanapo ou pano esfregando contra o telefone. — Apenas me deixe recuperar o fôlego.

Estou tentando ser paciente e deixá-lo se recompor, mas a antecipação de qualquer coisa que ele possa me dizer — e o vômito e a respiração — está rapidamente tentando essa paciência.

— Acalme-se, Dante — eu digo. — Não tenha pressa.

Depressa, já!

Ele limpa a garganta mais uma vez.

E então ele me conta tudo o que aconteceu.

Atordado em silêncio, por um momento não consigo ver nada além da faixa na janela ao lado da minha mesa no restaurante.

— Você tem certeza absoluta de que ela disse Javier Ruiz?

— Sim, chefe, cem por cento.

O silêncio ainda me tem; respiro e saio profundamente.

— Onde você está agora? — Recolho minhas coisas da mesa e guardo-as na minha pasta.

— Eu ainda estou na mansão.

— Ouça-me, Dante — eu começo, — você precisa sair de daí agora mesmo. Você acha que seu episódio de vômito comprometeu você?

— N-Não, eu não penso assim — diz ele. — Ninguém estava prestando atenção em mim naquele momento, ninguém estava

prestando atenção em *ninguém*, exceto a garota e a pessoa que eles chamavam de Leo alguma-coisa. E sua garota, Izabel. Uma bomba poderia ter saído naquele lugar e ninguém teria notado. Ela está com problemas, chefe; ela está em uma merda séria.

— Ok — eu digo, e deixo o restaurante com pressa, — deixe a mansão e pegue o primeiro voo de volta aqui.

— O que você vai fazer?

— Não se preocupe com isso — digo a ele. — Apenas deixe esse lugar antes de se matar.

Nós desligamos e deixo meu celular no bolso do casaco, indo direto para o aeroporto, meus pneus rangendo no asfalto.

VINTE E UM

Niklas

— Jackie — digo bruscamente no telefone, ela é uma bagunça chorona. — Dê o fora daquele hotel, vá para o aeroporto e volte para cá. Não perca mais um minuto.

— Mas e as garotas, Nik? Nenhuma delas tem identidade; como vou colocá-las no avião? — Sua voz estremece; ela tenta sufocar as lágrimas, mas isso só a faz chorar mais.

— Deixe-as lá — eu digo. — No aeroporto. Em um estacionamento em algum lugar. Em um restaurante, não importa; você fez a parte difícil e tirou-as de lá; deixe-as em algum lugar e eles encontrarão o caminho de casa. Agora pare de chorar e vá para o maldito aeroporto.

— Mas...

— *Agora*, Jackie, por favor.

— Está bem.

Olho através do quarto para o Sr. Lockhart sentado presunçosamente no sofá.

— Parece que as coisas não correram como planejado — diz ele com um sorriso.

Acendo um cigarro em sua casa esterilizada e não-fumante.

— Parece que eu não precisei de você, afinal — digo a ele, ignorando o **jab**. — Eu tenho um atirador do lado de fora — aponto para a janela — se você sair daquele ponto pelas próximas seis horas, qualquer um de vocês, ele vai matar vocês dois. Nós temos um entendimento?

A verdadeira Frances Lockhart está sentada ao lado do pai no sofá, o ombro trêmulo tocando o dele, as mãos apertadas entre os joelhos; lágrimas rasgam seu rosto, riscando rímel preto.

— Sim, nós entendemos — diz Lockhart com os dentes cerrados; ele puxa a filha para mais perto.

Confisco seus telefones e todo tipo de comunicação dentro da casa quando cheguei há três dias. Eu os mantive aqui, apenas no caso de Jackie não ser convincente o suficiente e os vendedores poderiam ter ligado para o Sr. Lockhart para verificar se Jackie, como Frances, era sua filha. Eu tinha planejado ficar até que Jackie embarcasse em seu avião em segurança, mas com a inesperada notícia de Javier Ruiz — Javier Fodido Ruiz! — e Izabel estando com o pescoço na merda, não posso ficar para trás e esperar por Jackie. Eu tenho que ir para o México — agora. O atirador que espera do lado de fora não existe, mas estou confiante de que o Lockhart não vai se mexer. Eu espero. Pelo menos até que Jackie esteja a quarenta mil pés no ar, onde a família Ruiz não pode chegar até ela se seu disfarce estiver queimado.

— Eu não sei quem diabos você é — o Sr. Lockhart grita enquanto eu saio pela porta da frente, — mas se você nunca...

Eu não ouço o resto, a porta batendo para calá-lo, e tudo mais. Eu provavelmente voltarei depois que tudo acabar e matá-lo em princípio.

Corro três quadras pela rua abaixo, atravesso quatro quintais, antes de chegar ao meu carro estacionado no campo de softball.

— Tudo bem, Izzy — eu digo em voz alta, fechando a porta com força e empurrando a chave na ignição, — você provavelmente vai me odiar depois disso, mas... com quem eu estou brincando, porra? Você já faz isso! — Eu rio de mim mesmo, ponho o carro em marcha e corro para longe, indo para o aeroporto.

VINTE E DOIS

/zabel

— Cesara, saia daqui... agora! — A voz de Joaquin percorre o espaço. — Eu não me importo com o que ela fez com você; ela quebrou a porra do seu coração, então o que? Sua culpa por chegar perto demais. Você sabe como isso funciona!

— Ela é uma traidora, Joaquin! E você — ela aponta um dedo para ele; o rosto dela se contorceu de raiva — você já sabia todo esse tempo? Me diga que não é verdade. Diga-me que ela é uma maldita mentirosa!

— É verdade — diz Joaquin. — Mas agora, graças a ela — ele olha para mim sentada em uma cadeira com as mãos amarradas nas costas, — *todo mundo* sabe. — Ele caminha até ela, gesticula a mão para o quarto. — Você ouve isso, Cesara? Escute isto.

Cesara coloca sua orelha no quarto e depois de um momento ela parece confusa.

— Eu não ouço nada — diz ela.

Joaquin balança a cabeça.

— É a calma antes da tempestade — diz ele e inspira profundamente, afastando-se dela. — Tudo vai mudar agora, ele provavelmente vai matar todos nós para o espetáculo hoje à noite. Nós provavelmente perdemos vários grandes compradores sobre isso.

— *Nós?* — As sobrancelhas de Cesara se amassam. — Essa coisa toda foi ideia *sua*! Você foi quem quis trazer a garota para o palco; foi você quem pensou que todo esse truque de telenovela com El Segador era uma boa ideia — não tive nada a ver com isso!

O braço de Joaquin dispara como uma flecha, a mão dele desmoronando ao redor de sua garganta.

— Você *sabia* sobre isso — ele ameaça, empurrando as palavras entre os dentes. — Você estava *gostando* — apertada, e as mãos de Cesara se apertam inutilmente em torno de seu pulso. — Mas o pior de tudo — continua ele, — pior do que qualquer coisa que eu fiz, *você* foi a única que se apaixonou por ela, Cesara. Você foi treinada por anos não apenas para ser dura, impiedosa, implacável com essas garotas, mas deveria ser capaz de dizer quando algo sobre qualquer uma delas não estava certo. Você, vendo-a todos os dias, dormindo na mesma cama com ela, colocando a cabeça entre as coxas bonitas, deveria ter visto, mas você estava muito cega... você deveria saber! — Ele solta sua garganta, empurrando ela para trás.

Cesara tosse violentamente, uma mão sondando onde ele quase esmagara sua traqueia; o rosto dela está vermelho; seus olhos avermelhados e lacrimejantes.

Ela olha para mim, tão forte, tão fria, e se Joaquin me deixasse sozinha com ela, nem por um segundo, sei que ela me mataria.

A risada de Joaquin se espalha no ar.

— Ninguém poderia te amar, Cesara — diz ele, um sorriso zombeteiro em sua voz.

Cesara olha para ele, seu olho esquerdo se contorcendo, e então ela vira rapidamente e sai da sala.

Joaquin começa a andar de um lado para o outro, mas para quando a forma alta e zangada de Cesara volta a entrar na sala. Eu suspiro, e meu coração afunda no chão quando vejo Sabine esmagada contra o peito de Cesara, uma arma na cabeça.

— Não faça isso — eu a aviso. — Não faça isso porra.

— O que você vai fazer, *Sarai* — a ênfase no meu nome real atado com vingança — diga ao Javier e me mate?

Os olhos de Sabine se enchem de lágrimas quando ela olha para mim; seu corpo está tremendo.

— Não faça isso!

— *Diga a* ele! — Cesara desafia, e então puxa o gatilho; o estridente disparo na sala fechada ensurdecendo-me momentaneamente; i sangue espirra em seu rosto.

O corpo de Sabine bate no chão, e então Cesara sai furiosa, desta vez para sempre.

Com tristeza no meu coração, eu abaio minha cabeça. *Esperança é besteira, Sabine. Sempre foi. Sempre será.*

Depois de um momento:

— Como é, Joaquin, vivendo na sombra de seu irmão, mesmo quando a maioria das pessoas achava que ele estava morto? — (ele rosna) — Eu conheço você há muito tempo; na verdade, eu ia matá-lo com o resto da sua família quando voltei ao México pela primeira vez. Sorte sua que você não estava em lugar nenhum. Apenas como Javier. Tinha que saber que voltaria, mais cedo ou mais tarde.

— Sim, bem, não parece que funcionou bem para você — ele apunhala de volta para mim.

Ele anda pelo lugar.

— Por que você não o matou? — Pergunta ele. — Ele fugiu naquela noite? A história que ouvi é verdadeira? Javier nunca me diria a verdade.

— Eu não vou dizer a você também. — Eu sorrio.

— Mas eu quero saber! — Ele atravessa a sala para mim; o calor de sua respiração eu posso sentir no meu rosto. — Você deixou meu irmão viver ou ele fugiu? *Diga*— me! — Ele me sacode, suas mãos segurando meus ombros.

Eu sorrio, não intimidada.

— Por que você não o matou se o odeia tanto? — Pergunto. — Você teve a oportunidade perfeita, todo mundo acha que ele já está morto. Por que você não acabou de matá-lo? — Olho ao redor da sala. — Todo o Império Ruiz teria ido diretamente para você, sendo seu único irmão vivo. Você poderia ter possuído tudo, em vez de apenas fingir que fez.

— Eu nunca mataria meu irmão — ele mente. — Eu posso estar com inveja dele, mas eu nunca o trairia.

Eu sorrio, sabendo, provocando-o porque ambos sabemos a verdade: Joaquin é simplesmente um covarde — é por isso que ele nunca tentou matar o próprio Javier.

— Isso não é mesmo sobre mim — ele estala, cortando a mão no ar na frente dele. — Isso é tudo sobre você, La Princesa — a amargura em sua voz é espessa — e eu tenho você; e você é uma cadela idiota e vaidosa, se você acha que meu irmão não vai te destruir quando ele te ver. — Ele se agacha na minha frente. Ele está sorrindo agora; de repente, ele vê essa situação de forma diferente: Javier vai recompensá-lo! Ele vai elogiá-lo por ser aquele que me capturou depois de todo esse tempo! Joaquin não será punido ou executado; ele se tornará algo mais para seu irmão mais velho — Javier verá Joaquin como seu *igual*! Esses são os cenários que vejo correndo em sua mente agora, enquanto ele olha para mim. Eu só espero que ele não esteja certo sobre nenhum deles.

— Então, onde ele está? — Eu pergunto, querendo continuar com isso.

— Por que você veio aqui? — Seus olhos escuros olham para mim. — Para matá-lo? Para me matar? Você vai morrer hoje mesmo assim; pode muito bem tirá-lo do seu peito.

— Eu vou te dizer para a conversa — eu digo. — Eu só vim aqui para encontrar um homem. Um homem poderoso. Um homem pior do que você ou Javier jamais poderiam imaginar ser.

Joaquin parece ligeiramente interessado; ele cruza os braços.

— E você o encontrou? Valeu a pena, visto que você está onde está agora?

— Eu acredito que eu o encontrei — eu digo. — Onde está o Naeva e o Leo?

Joaquin sorri.

— Achei que você queria a conversa? Esquivar-se dos detalhes não te leva longe.

— O que mais você quer saber?

— Qual é o nome desse homem? Aquele que você está procurando?

— Eu não posso te dizer isso. Talvez se você fosse o dono legítimo do Império Ruiz, eu poderia te satisfazer um pouco mais. Mas você não é. E enquanto Javier estiver vivo, você nunca será.

Seu rosto cai sob uma mortalha de ressentimento; Suas mãos se fecham em punhos ao seu lado e ele se dirige para a saída.

— Eu posso ajudá-la — eu digo, e Joaquin pára na porta, de costas para mim. — O fato de que ainda estou viva agora; o fato de você não ter me matado naquele palco quando teve a chance; o fato de que Naeva e Leo ainda estão vivos simplesmente porque eu te ameacei com eles, é tudo prova que você sabe, mesmo depois de todo esse tempo, eu ainda tenho alguma influência sobre seu irmão. Agora eu sei que Javier não é um homem emocional; ele não é de falar sobre sentimentos, ou de se abrir para os outros, mas posso dizer que a simples menção do meu nome na presença de Javier revela os segredos dentro de seu coração negro. Eu posso te ajudar, Joaquin, mas você tem que *me* ajudar.

Depois de um momento, Joaquin se vira para me encarar novamente.

Ele sorri de boca fechada e balança a cabeça, expelindo um breve jato de ar pelas narinas.

— A razão pela qual *eu* deveria controlar o império da minha família — ele diz, — é porque sou imune às mentiras, truques e manipulação das mulheres, ao contrário do meu irmão.

Ele sai da sala, fechando a porta atrás dele.

Metade de mim pensou que havia uma chance de Joaquin ajudar — ele é ganancioso o suficiente para trair seu irmão, não há dúvida — mas a outra metade de mim sabe que Joaquin é mais covarde do que ganancioso, e não havia uma chance no inferno que ele até sugeriria ajudar.

Agora eu sento aqui, amarrada a esta cadeira em uma sala silenciosa onde meus pensamentos e preocupações são tão altos dentro da minha cabeça que eu não consigo ouvir a voz que eu normalmente uso para me confortar. Cesara entrará na sala e me matará agora que estou sozinha? O que está acontecendo com Naeva? Com Leo? Posso sair dessa viva? Foi um erro vir aqui? O que Javier fará comigo quando me vir de novo? Javier... Javier... Javier. Ele é e sempre foi o demônio nas minhas costas, o fantasma à espreita em todas as sombras da minha vida, o fio segurando todas as minhas mentiras juntas. Eu me lembro daquela noite tão vividamente — eu nunca fui capaz de esquecer, não importa o quanto eu tenha tentado. A verdade está

sempre lá para te assombrar. Exige ser ouvida. A verdade... a verdade... a verdade...

Texas — Quando tudo começou...

Tremendo, eu abri a porta do armário e atravessei o quarto de Samantha, pelo corredor até a sala de estar onde Javier estava esperando por mim, com a arma na mão.

— Ah, e lá está ela! — Javier levantou as duas mãos ao lado dele; ele parecia genuinamente animado em me ver. Eu pensei que ele estaria louco.

— Eu senti sua falta, Sarai. — Ele inclinou a cabeça para um lado. — Se você estivesse infeliz, por que você simplesmente não disse isso? Eu teria feito qualquer coisa que você quisesse, você sabe disso.

Eu não me importava com o que ele tinha a dizer, tudo o que importava era ter certeza de que Samantha estava bem. Tentando manter meus olhos em Javier, examinei a sala em busca dela. Finalmente, eu vi seus pés descalços saindo de trás da poltrona reclinável.

— Samantha, você está bem?

Ela não respondeu, então eu sabia que ela estava muito machucada.

Olhei de volta para Javier.

— Deixe-me ir apenas, por favor, ela não tem parte nisso.

Ele sorriu para mim, pensativo mas divertido.

Ele estava vestindo preto de cima para baixo: camisa preta de mangas compridas, cinto preto, calça preta, sapatos pretos, coração negro. Ele levantou a arma para mim e fez sinal para eu ir até ele.

— Deixe-me ver você — disse ele.

Eu andei para mais perto, meus pés descalços se movendo sobre revistas espalhadas pelo chão. O relógio de pêndulo no canto estava ameaçadoramente atrás de mim.

— Javier, ela vai morrer se não chamarmos uma ambulância — pedi enquanto me aproximava. — Deixe-me ligar para nove-um-um⁶. Então podemos sair.

Eu vi os joelhos de Samantha então, mas o resto dela estava obscurecido pela cadeira e a escuridão.

Javier estendeu a mão.

— Você transou com ele? — Ele perguntou e me puxou para perto. — Ou você ainda é minha? — Ele se inclinou e inalou meu cheiro como um animal; enrolou uma mecha solta de cabelo que havia caído do meu rabo de cavalo, em torno de seus dedos.

— Não — eu disse, ofegante. — Eu sempre serei sua.

— Você não sabe o que você fez comigo — disse ele, e senti sua respiração no meu pescoço. — Você não deveria ter me deixado.

Eu estendi a mão e curvei meus dedos ao redor de sua nuca. Eu me inclinei para ele, o lado do meu rosto navegando pelos botões abertos de sua camisa até que senti seu peito na minha bochecha. — Eu sei, e me desculpe. — Eu beijei sua pele quente. — Eu sinto muito por deixar você — acrescentei em espanhol.

Eu estremeci, tanto de prazer como de desgosto, quando ele deslizou a mão pela frente da minha calça e colocou dois dedos dentro de mim. Não importava que ele fosse louco ou que ele fosse um assassino ou que ele pudesse me matar a qualquer segundo; o toque ainda me fez ficar molhar. Foi o meu corpo me traindo, a natureza humana me traindo, não minha mente ou meu coração. Eu havia me conformado anos atrás para reagir a ele dessa maneira; um instinto de sobrevivência distorcido que eles não ensinam em aulas de autodefesa. Javier tinha que acreditar que ele estava me excitando ou ele saberia tudo o mais sobre mim também era uma mentira.

Ele puxou os dedos e levou-os aos lábios, inalou profundamente, os olhos fechados como se quisesse saboreá-lo. Então ele os colocou em sua boca e mamou.

Recuei enquanto ele estava distraído, para colocar a maior distância possível entre nós, embora pequena.

⁶ Famoso número da emergência nos EUA.

— Não tenho certeza se quero mais você — disse ele.

Meu coração parou. Se ele não me quisesse, então eu sabia que ele me mataria, especialmente depois de tudo que eu fiz, todos os problemas que eu causei.

— Javier — eu disse, tentando esconder o nervosismo na minha voz, — vamos embora. Estou pronta para voltar.

Eu dei outro passo para trás e para a direita, pressionando minhas mãos contra a parede atrás de mim. E então eu a vi, Samantha. Ela não estava se movendo. Ela sentou-se caída de costas contra a parede; suas pernas ensangüentadas estavam espalhadas no chão; seus braços jaziam frouxamente ao lado dela, seus dedos se desenrolavam. Os olhos dela; eles estavam abertos, mortos.

A bile se agitou no meu estômago, minhas mãos endureceram ao meu lado. Eu balancei tudo de raiva e ódio e culpa e, porra, *medo*.

— Você a *matou* — eu disse, meus lábios tremendo.

— Eu fiz — ele admitiu. — No quinto tiro.

— Mas você disse... — Eu olhei para ele e para o corpo de Samantha; meu coração parecia estar se fechando. — Você disse que se eu não fiz...

Javier levantou a arma para mim; naquela última bala eu soube então porque ele não usou isso nela.

Eu fiquei congelada, uma mão na parede atrás de mim, a outra de alguma forma fez o seu caminho para o meu estômago, como se pudesse manter o vômito baixo por estar lá. Eu tropecei em mais detritos e, em seguida, pressionei minhas costas contra a parede para deixá-lo me segurar. Havia uma prateleira ao meu lado; minha mão apalpou seu conteúdo na escuridão.

Eu olhei através do pequeno espaço que separava Javier e eu; encareu seus olhos escuros e sem fundo, não o cano de sua arma apontando para mim, mas seus olhos. Eu ouvi um clique, apenas um clique, e nós olhamos inexpressivamente para o rosto um do outro, confusos com o que aconteceu. Então um tiro soou e caí contra a parede; meu corpo deslizou até que eu estava sentada no chão, assim como Samantha. Mole e gasta, assim como Samantha. A sala girou em minha visão como uma névoa espessa de cinza.

E eu fechei meus olhos e deixei a escuridão me levar, o tipo de escuridão que sufoca com culpa, arrependimento e quebra.

Javier se agachou na minha frente; senti seus dedos tocando meu cabelo novamente; eu senti o calor de sua mão engolindo minha bochecha; a ternura disso, o... perdão.

A arma que eu encontrei na prateleira, eu sabia que estava lá o tempo todo. No primeiro clique, era a verdadeira Sarai, a bala destinada a Javier, e com todo o meu coração quando puxei o gatilho pela primeira vez, eu o queria morto. Mas o destino o poupou e o tiro falhou. E ele apenas olhou para mim, chocado e... *mal* que eu tinha feito, que eu *nunca* poderia fazer isso. E nesses poucos segundos de confusão entre a primeira e a segunda tentativa, pensei em nosso filho; Pensei em como, se eu matasse Javier, nunca mais veria meu filho novamente.

A segunda tentativa e a bala de sucesso atingiram o chão — intencionalmente.

— Por quê? — Ele perguntou depois de um momento. — Diga-me a verdade, Sarai."

— Porque... — eu parei, procurando as palavras. — ... Porque eu ainda te amo.

Era mentira; a maior mentira que eu já contei. Não, não que eu ainda o amava — uma parte de mim o *amava*; a parte que ainda não havia sarado; a parte ainda sofreu uma lavagem cerebral do meu captor — mas eu afirmei que o havia matado. Mas, na verdade, eu não poupei sua vida por amor a ele; eu só sabia que eram as únicas palavras em que ele acreditaria, a única maneira de ele confiar em mim novamente; a única maneira que ele não usaria aquela última bala em mim. Não matar Javier quando tive a chance era a prova — pelo menos de Javier — de que eu ainda o amava e que faria qualquer coisa por ele. Até mesmo trair Victor.

— Apenas me leve para casa — eu disse, derrotada.

Javier sentou em sua bunda na minha frente, e ele levantou meu queixo com os dedos, e ele olhou nos meus olhos como sempre fazia antes de nos apresentarmos diante daquelas pessoas poderosas naquelas mansões ricas. E foi quando eu soube que Javier não ia me levar a lugar nenhum — ele queria que eu fizesse algo por ele.

— O homem que te levou — começou em espanhol, — vale *muito* dinheiro.

— Você quer que eu o atraia — interrompo, já odiando tudo sobre esse... arranjo.

Javier sacudiu a cabeça.

— Não — ele disse, — quero que você continue como esteve com ele; entrar na cabeça dele, você sabe — ele alisou a parte de trás de seus dedos na minha bochecha sugestivamente — do jeito que você faz, do jeito que você fez comigo. Seu empregador quer que ele viva, mas ele também quer saber quem mais o está ajudando. Você encontra essas coisas para mim, Sarai; você me ajuda a ser o único a trazer ele e seus seguidores, e eu vou te dar as duas coisas que você quer mais do que qualquer coisa neste mundo.

— O que eu quero, Javier? — Eu senti as lágrimas empurrando para a superfície enquanto eu pensava sobre essas duas coisas, mas eu segurei as lágrimas, tentando ser forte.

— Sua liberdade — ele disse, — e seu filho.

Eu não podia mais segurá-las, e eles surgiram dos meus olhos — porque eu acreditava que ele estava dizendo a verdade. Foi a minha chance, depois de todos aqueles anos que passei como sua prisioneira, de receber de volta a minha vida, deixada sozinha para viver livremente no mundo com meu filho que havia sido roubado de mim no nascimento. Uma vida normal. Uma vida chata e sem acontecimentos que eu tanto queria, eu teria matado por isso.

Eu não tive que pensar sobre isso, nem por um segundo — eu ia trair Victor. Pela minha vida, minha liberdade e pelo meu filho.

— Eu vou fazer isso — eu disse a ele.

Javier me beijou carinhosamente. Ele acreditou em mim. Ele acreditou em mim porque eu também estava dizendo a verdade naquele momento.

— Você sempre foi a minha favorita — disse Javier, procurando meus olhos. — *Mi princesa, mi amor, mi todo, Sarai.* — A ponta do polegar tocou meu lábio inferior.

Ele me beijou novamente, e desta vez eu caí dentro dele, a sensação de sua língua quente na minha boca, as memórias que

compartilhamos, o relacionamento estranho e não-convencional e proibido que tivemos.

O beijo se rompeu, e ele olhou nos meus olhos, e eu vi uma espécie de tristeza na dele, porque até o coração mais negro pode amar.

Um tiro abafado de fora soou então, encerrando nosso momento.

— É Victor — eu sussurrei na escuridão. — Eu sei que é Victor.

— Diga a ele que você me matou — sussurrou Javier de volta. — Se ele está tão comprometido por você como a Ordem afirma, ele vai acreditar em qualquer coisa que você diga.

Eu balancei a cabeça nervosamente, e outro tiro abafado e movimento fora da casa fez meu coração disparar.

Javier jazia no chão cercado por escombros e fingia estar morto.

Eu não achei que funcionaria; meu coração batendo furiosamente no lado do meu pescoço me disse que Victor não poderia ser enganado por algo tão simples.

Mas eu estava errado...

Victor entrou correndo no quarto; tirou as luvas pretas e as enfiou no bolso da jaqueta.

— Sarai?

Eu não olhei para ele, porque estava com medo que ele visse a mentira na minha cara. Ele se agachou na minha frente; meus joelhos foram puxados contra o meu peito.

— Ele está morto — eu disse; levantei meus olhos. — Eu matei ele, Victor.

Ele estendeu a mão e me levantou em seus braços.

— Vou tirá-la daqui — ele me disse.

Segurando-me perto de seu peito, ele me levou para fora da casa, nunca parando para checar os pulsos de Javier ou mesmo de Samantha. Ele havia se apaixonado por isso. Victor Faust estava *realmente* comprometido. Comigo.

VINTE E TRÊS

Victor

Fazendo meu caminho entre edifícios na escuridão, arma na mão, meus sapatos se movimentam em silêncio sobre o concreto, eu sigo a sombra em frente. O som da água correndo está se aproximando enquanto eu me aproximo da ponte.

Paro na esquina de um prédio de tijolos, escondido pelas sombras, quando Apollo diminui o passo. Ele desliza as mãos nos bolsos e depois desliza para dentro da escuridão da ponte acima.

Espero trinta segundos e continuo a seguir, mantendo-me nas sombras e fora de vista. Até eu perdê-lo.

Como eu poderia tê-lo perdido tão rapidamente? E então me atinge — ele deve saber.

Pressionando minhas costas contra a parede de pedra, fico perfeitamente imóvel e silencioso. E eu espero. Eu tenho seguido Apollo por três horas desde que eu enchi sua cabeça cheia de mentiras e então deixei ele ir, então ele me levaria direto para Artemis.

Mas algo mudou nessas três horas, e acho que ele sabe que eu o segui. Talvez tenha sido quando ele parou no café de vinte e quatro horas e passou quinze minutos dentro. No telefone. Com Artemis, tenho certeza. Eu o observei do outro lado da rua; ele havia pegado emprestado o celular de um funcionário. No momento em que ele saiu do café, Apollo pareceu um pouco mais alerta para o ambiente, olhando casualmente por cima do ombro de vez em quando.

Apolo emerge de uma alcova dentro da parede de pedra à frente, e eu prendo a respiração e meu corpo endurece, esperando que ele não

me veja. Suas mãos se movem ao redor de sua barriga — ah, eu vejo: ele estava apenas se aliviando. Talvez eu tenha sido apenas paranoico.

Eu continuo a segui-lo, depois da ponte e em direção ao parque perto do rio; mantenho uma distância segura para que ele não possa ouvir meus passos atrás dele. Mas onde ele está indo? Se eu tiver sorte, é para encontrar Artemis em algum lugar; eu posso estar errado sobre ele saber que ele está sendo seguido, mas não posso estar errado sobre Artemis ser a pessoa que ele chamou na cafeteria. Tenho certeza absoluta de que era ela.

Apollo se senta em cima de uma mesa de piquenique de pedra perto de um estacionamento, com as pernas pendendo para o lado. Recuperando algo do bolso, vejo que é um telefone celular quando a tela se acende em sua mão — ele provavelmente roubou do empregado. Ele coloca o telefone no ouvido, movimenta a mão livre enquanto fala. Eu queria poder ouvir o que ele está dizendo.

Mas então meu próprio celular vibra dentro do meu bolso — e não para. Contra o meu desejo de verificar e ver quem é, deixo para o correio de voz duas vezes, mas quem quer que esteja me ligando, sei que deve ser importante. Este é o pior momento possível para responder a uma chamada, mas eu faço de qualquer maneira, porque poderia ser sobre Izabel.

Estendendo a mão no bolso, pego o telefone e meu coração começa a disparar quando vejo o codinome do meu contato no México brilhando na tela para mim como um incêndio que precisa ser apagado.

— O que é isso? — Eu pergunto rapidamente, minha voz um sussurro. — Ela está bem?

— Não, ela não está — diz ele. — Ela está muito serena. Zey sabe quem ela é e Zey a levou. Vy não me disse que Javier Ruiz ainda está vivo?

Paro de respirar...

Demoro mais do que deveria para juntar meus pensamentos.

— Você pode fazer alguma coisa? — Eu pergunto.

— Não. Eu tentei comprá-la, mas ela não queria vender. Não há mais nada que eu possa fazer. Eu preciso ir. Eu tenho um negócio.

Assim quando eu movo o telefone do meu ouvido, esmagando-o dentro do meu punho, sinto seu perfume ao meu redor, e então ouço o tiro, estrondoso no começo, até que ele me ensurdece. Eu sinto a bala quando corta meu meio, mas estranhamente sem dor; apenas o calor do sangue que escorre da ferida e se acumula dentro da minha roupa. Sento-me caído no chão e não consigo nem lembrar como cheguei aqui, ou quando minha arma caiu da minha mão, ou quando Artemis conseguiu colocá-la na dela.

Minha visão é irregular na melhor das hipóteses; por um momento, vejo duas dela, de pé em cima de mim, até que duaz se fundem em um só. Seus lábios estão se movendo, mas mal posso distinguir as palavras. Eu estou respirando? Eu pressiono minha mão no meu peito, procurando por um batimento cardíaco, e minha outra mão navega através do sangue jorrando. Com a pouca força que tenho, tento pressionar a ferida.

Artemis sorri, embora não esteja cheio de malícia, como eu esperava que fosse.

Finalmente, minha audição volta para mim e sua voz lentamente produz som.

— Meu irmão pode ter caído em suas mentiras — diz ela enquanto se agacha na minha frente, — mas eu aprendi há muito tempo atrás a nunca confiar em você, Victor.

Sinto que Apolo está se aproximando, mas não consigo mexer a cabeça para segui-lo; sua sombra o precede, cobrindo o chão na minha frente.

— Eu gostaria que fosse verdade — Artemis continua; Ela estende a mão e toca meu rosto. — Eu queria que fosse verdade quando ele me contou pela primeira vez... comecei a acreditar. Sabe, aquela mulher ingênua em mim que o amou há muito tempo, que teria feito qualquer coisa por você. — Ela suspira. — Mas eu não sou mais aquela mulher, e... bem, eu vejo que você definitivamente não é mais aquele homem também. — Suas palavras estão cheias de consolo e desapontamento.

Ela se levanta e Apolo se move para ficar ao lado dela.

Artemis levanta a arma e aponta para a minha cabeça. Eu penso apenas em Izabel; seu rosto varre minha visão, me assombrando, me torturando. Lembro-me da primeira vez que a conheci, lembro-me do

som da sua voz, do cheiro dos cabelos ruivos, da suavidade das mãos. Lembro-me de quando ela tocou piano e quando fiz amor com ela pela primeira vez, e a primeira vez que quase a matei. E eu lembro — fechei os olhos e me preparei para morrer, para ser libertado desta prisão que tem sido minha vida.

Um tiro soa. Mais uma vez, não sinto nada. Quando ouço Apollo grunhir, abro os olhos e vejo-o cair ao meu lado no chão.

— APOLLO! — Artemis grita.

Ela vira a arma para longe de mim e atira enquanto corre; balas atravessam o ar em ambas as direções, mas nenhuma delas a atinge, e ela desliza para a escuridão.

— Victor! — A voz de Nora encontra meus ouvidos, mas eu estou perdendo muito sangue e não posso me mover para reconhecê-la. Segundos depois, ela está agachada ao meu lado, suas mãos sondando minha ferida; duas outras figuras passam em busca de Artemis.

— Por que... Por que você não está no... México, Kessler? — Eu mal posso respirar, muito menos falar frases completas.

— Estou aqui para salvar sua bunda teimosa — diz ela, — então talvez você possa ser um pouco grato.

— Mas... Izabel... Javier... — Tento levantar a mão em um gesto, eu quero derrubá-la no mês que vem, mas não consigo tirá-la do chão.

Nora revira os olhos e depois posiciona um braço atrás de mim, me colocando de pé.

— Estou levando você para Mozart.

— Eu preciso de você ni... México.

— Sim, sim, Izabel pode cuidar de si mesma.

A última coisa que me lembro é o cheiro do couro no banco de trás do carro, tão forte que é, como se os sentidos do corpo aumentassem pouco antes da morte. O som dos pneus se movendo energeticamente pela estrada; as luzes — luzes da rua, estrelas e sinais elétricos — todos empurrando meus olhos; o gosto de sangue na minha boca, afiado e acobreado e desagradável.

Izabel...

VINTE E QUATRO

A Côtus Vermelha

A mulher estranha esfrega continuamente a ponta do polegar na lateral da xícara de café de isopor; ela raramente bebe, e quando o faz é só quando um homem passa, e seus olhos seguem misteriosamente até ele desaparecer. O funcionário do aeroporto gostaria de encerrar esse encontro desconfortável, mas o que começou como um gesto gentil tornou-se uma forma de observá-la mais de perto. Ele não gosta do sentimento que ele recebe dela; nem as mulheres por trás do balcão que ficam de olho nele de longe. Ela poderia ser mentalmente instável e precisar de uma escolta policial para fora do aeroporto; ela poderia ser uma terrorista. Ou, ela poderia ser diferente, e o homem se sentiria horrível por chamar a polícia por não se enquadrar no que é considerado normal na sociedade.

— Você está esperando por um membro da família? — O homem sondou, tentando despertar a conversa, ela está quieta há três minutos desde que eles se sentaram juntos.

— Você tem um bom rosto — diz a mulher.

O homem pisca algumas vezes e bebe do café como uma distração.

— Obrigado... — Ele olha para o balcão; as mulheres riem baixinho quando vêem o olhar perplexo em seu rosto.

A mulher faz um movimento em direção à bolsa, e ele fica momentaneamente em pé.

— Eu vou te mostrar — diz ela, sua voz sempre irritantemente calma, sem emoção.

Quando a mulher abre a bolsa na mesa, o homem usa a oportunidade para perscrutar dentro dela. Ele não vê nada que possa ser usado como arma, apenas um pequeno pacote de lenços, uma carteira, uma garrafa de desinfetante para as mãos e outras coisas aleatórias que normalmente acabam nas bolsas das mulheres.

Ela puxa um pequeno espelho.

— Dê uma olhada — diz ela, e segura o espelho para ele levá-lo.

Relutantemente — e depois de outro olhar desconcertado para seus colegas de trabalho — ele pega o espelho e o segura, sem saber exatamente o que ela quer que ele faça com ele.

— Olha — ela pede, apontando para o espelho.

O homem engole nervosamente e depois segura o espelho na frente dele.

— O que eu deveria estar olhando?

— Seu rosto.

— Eu... — ele continua a olhar, sua expressão ficando mais desconfortável a cada segundo —... Ok, eu estou olhando. Mas tudo que eu vejo é um cara negro de boa aparência. — Ele força um sorriso, tentando fingir conforto na situação.

A mulher estende a mão delicada em seu pulso, abaixando o braço e o espelho na mão.

— Você tem um bom rosto — ela repete.

Ela pega o espelho da mão dele, escondendo-o dentro de sua bolsa novamente.

Então ela fica de pé.

— O-onde você está indo? — O homem fica lá, confuso com toda a troca, mas ainda mais agora que ela aparentemente decidiu apenas ir embora.

— O avião chegou — diz ela sem olhar para ele, e então ela se esgueira para a multidão.

O homem e as mulheres atrás do balcão vigiam-na até ela sair do aeroporto pelas portas principais.

VINTE E CINCO

Izabel

Engraçado como, depois de tanto tempo, ainda posso separar os passos de Javier dos demais. Eu posso ouvi-los agora, descendo o corredor; ele está tomando seu tempo, e isso me assusta. Eu tento firmar a respiração, endireito as costas e levanto o queixo para cima; minhas palmas estão suando; minha boca está *tão seca*. *Acalme-se, Izabel.*

A porta da minha prisão se abre e caminha metade dos homens que moldaram e moldaram quem eu me tornei; alto e perverso e marcante apesar de suas muitas falhas imperdoáveis. Ele olha diretamente para mim e é a única coisa que me dá esperança. Se ele tivesse tomado seu tempo sobre *isso*, isso significaria que ele não se importava mais comigo. Mas ele olhou assim que entrou pela porta, como se não pudesse esperar mais.

— Sarai — ele cumprimenta com um aceno de cabeça; ele fica com as mãos cruzadas atrás das costas.

— Javier. — Eu aceno de volta.

A troca parece muito formal, e isso não é um bom sinal.

Ele fecha a porta e se aproxima de mim; puxa uma cadeira e senta na minha frente, deixando suas longas pernas abertas; ele encosta as costas na cadeira e descansa as mãos grandes no colo. Mas ele não me toca, nem mesmo joelho a joelho, e a esperança que encontrei segundos antes sai do meu corpo.

— Eu sabia que te veria de novo — diz ele, e então olha para minhas mãos atadas. — Eu sabia que te veria assim.

— Mesmo? Você nunca imaginou que eu voltaria para te matar? Ou estar com você?

Ele sorri, de boca fechada, deixando-me saber que ele nunca imaginou, ou poderia acreditar, qualquer um deles.

— Você sabe que eu não posso deixar você sair daqui viva — ele me diz, indo direto ao ponto.

— Não pode ou não vai?

Ele olha para o teto como se estivesse pensando nisso, mas já sabe a resposta.

— Nenhum — diz ele. — Não pode por razões óbvias. Nem vou — ele franze os lábios, inclina a cabeça — também por razões óbvias. Por que você voltou? Não era para me matar, suponho, ou você não teria vindo *aqui*. Tenho certeza que você sabia que eu não estava aqui. Então, por que você voltou?

— Eu vou te dizer tudo o que você quer saber — eu digo, — se primeiro você deixar Naeva e Leo irem. Você pode me ter, fazer o que quiser comigo, mas esse é o meu preço.

Javier sorri novamente.

— Claro — diz ele com um encolher de ombros. — Mas só para você saber, eu já os deixei ir.

Pisco, confusa; não tenho certeza se acredito nele. "Por que você faria isso? E como eu sei que você não está mentindo para mim?"

Javier levanta a perna direita e descansa o tornozelo em cima do joelho esquerdo; ele cruza os braços.

— Leo Moreno vale mais vivo do que morto — diz ele. — Ele e eu temos um acordo, mas nada disso é sua preocupação. Eu dou a minha palavra que ele foi libertado, junto com a mulher que o arruinou... ela era o preço *dele*. — Ele sorri. — Você vê, El Segador e eu temos algo em comum: mulheres que nos arruinaram. Eu acho que você pode dizer que eu tive pena dele.

Eu zombei.

— Você não tem pena de ninguém, Javier, é tudo sobre o dinheiro com você. E o poder.

— Então, por que *you* ainda está viva? — Pergunta ele.

— Porque eu valho mais do que Victor Faust, pelo que me disseram. E você planeja me entregar ao único homem que vim aqui para encontrar. Então, acho que tudo funciona, afinal de contas.

Javier balança a cabeça com um pequeno sorriso; então ele se inclina para frente, com os braços apoiados no alto das pernas.

— Eu sei o quanto você vale, Sarai — ele diz, — porque *sou eu* quem contratou a Ordem para encontrar você.

Eungulo em seco e me sinto uma idiota. Como eu poderia ter pensado que valeria mais para a Ordem do que para Victor Faust? O constrangimento que sinto por aquele momento, um momento em que me senti importante porque achei que a Ordem me queria. Bem, espero que Javier não veja o vermelho na minha cara. Era ele o tempo todo, e eu deveria saber — eu deveria *saber*!

— Por que, Javier, você pagaria tanto para me encontrar, depois de tudo que eu fiz? Isso é muito dinheiro para uma garota — eu escuto — e sei que não é porque você me ama.

— Vingança — diz ele, e um calafrio se move pelas minhas costas. — É muito mais satisfatório do que *qualquer* quantia de dinheiro.

Javier se levanta da cadeira e anda pelo chão na minha frente.

— Eu tenho planos para você, *mi amor* — diz ele, sem olhar para mim. — E você vai querer cumpri-los, ou eu vou te matar.

— Que tipo de planos?

Ele para, vira e seus olhos encontram os meus.

— Você vai terminar o que começou há muito tempo, com o que você concordou. O que aconteceu, afinal? Você se apaixonou por ele? Você o ama mais do que eu?

Olho para o chão.

— Sim — eu respondo com honestidade. — Victor me salvou. De *você*, Javier. Eu poderia ter te amado do jeito que eu o amo, mas você é um tipo muito diferente de homem. Eu não era alguém que você amava, eu era alguma *coisa que* você possuía. As mãos de Victor eram ásperas, assim como as suas, mas ele nunca me machucou. Ele se importava comigo, você se importava apenas com você mesmo. Então

sim, eu te traí porque me apaixonei por ele. E não vou traí-lo agora por você, porque *ainda* o amo.

Ele não pode me olhar; tenho a sensação que ele quer, mas ele está com muita raiva; há uma pequena contração em um lado do rosto dele.

— Sem mais mentiras, Javier. Não mais fingindo com você, nem mesmo para me salvar. Eu me recuso a passar meus últimos momentos fingindo que amo você. A verdade é que eu *odeio* você. E se você não me matar enquanto você me prende a esta cadeira, então eu serei a única a matá-lo quando eu eventualmente sair dessa.

Ele ri.

— É isso mesmo? — Ele zomba. — Enquanto eu não duvido que você pode se libertar, eu sei que você não vai me matar.

— O que te faz tão certo?

— Alejandra — diz ele. — Eu sou o único que sabe onde está a nossa filha.

Uma filha? Suspiro silenciosamente e perco minha linha de pensamento enquanto tento visualizar seu rosto. *Alejandra. O nome da minha filha é Alejandra...*

Javier está alto na minha frente e olho para sua forma iminente. Sua expressão mudou. E isso coloca medo no meu coração que eu sinto no fundo do meu estômago.

Ele sorri.

— E se você não cooperar comigo desta vez, eu a matarei antes de te matar.

Não...

Meu olhar sem piscar flutua pela sala, bêbado. Eu paro de respirar por um momento; minhas mãos suam profusamente; meu estômago se agita com a bÍlis. Olho para ele novamente, profundamente em seus olhos, e eu vejo isso, a seriedade de sua ameaça: ele fará isso; ele não está blefando — ele *vai* matar minha filha.

— Você deveria estar grata por eu não tê-la matado quando você me traiu da primeira vez, Sarai. Eu pensei sobre isso. Eu quase fiz isso. — Ele se senta de volta na cadeira na minha frente, aproveita toda a

minha atenção. — Mas eu pensei que esperaria um pouco mais — ele move as mãos, palmas para cima, para fora — exatamente *neste* momento. Eu apenas tive que ser paciente. E a paciência valeu a pena porque aqui está você. E porque eu não a matei, eu ainda tenho a única alavanca que eu poderia ter usado contra você. Diga-me, Sarai — ele diz — além do amor, por *que* você me traiu quando soube que eu sabia onde estava nossa filha? Você ama um homem mais do que sua própria filha?

— Não — eu respondo imediatamente, olhando para ele. — Eu só sabia que não importava o que eu fizesse por você, você nunca me contaria onde ela estava. Você é um animal cruel e sem coração, Javier, e eu sabia que teria traído o homem que amo por nada no final. Então, eu perdi a esperança; parei de sonhar com algo que nunca teria. E tomei a decisão de voltar ao México pela primeira vez para matá-lo. Para se livrar de você. — Eu suspiro e paro antes de continuar. — Mas você não estava aqui, e eu matei a maior parte da sua família. E eu não me arrependo disso. E antes de eu sair daqui, vou terminar o trabalho.

Ele sorri. E então ele fica de pé.

— Talvez sim — diz ele, — talvez eu tenha subestimado você, e você realmente é fodona que todo mundo diz que você se tornou. Mas se alguma coisa acontecer comigo, você nunca a encontrará. E você nunca saberá a verdade, Sarai. Sobre como você realmente acabou aqui todos esses anos atrás. E você nunca encontrará o homem que está procurando. Tenho muito a oferecer, duvido que você deixe a vingança atrapalhar tudo isso.

— O que você quer dizer, como eu realmente acabei aqui? — Eu não posso mentir, ele tem a minha atenção.

Javier alcança e bate o lado da cabeça com a ponta do dedo, sorrindo.

— Está tudo aqui — diz ele. — Tudo o que você precisa fazer é terminar o que começou, e eu conto tudo o que sei.

— Eu não acredito em você. — Eu balancei minha cabeça. — Talvez você *vai* me dizer, com certeza, mas depois você vai me matar após conseguir o que você quer.

— Não — diz ele. — Eu darei tudo o que você quiser: Alejandra, informações sobre Vonnegut, sua liberdade e sua vida... se você trouxer Victor Faust para mim.

Ainda não acredito...

— Vou até lhe dar um brinde — ele me interrompe, — como um gesto de boa fé.

— Não há nada que você possa dizer para me convencer de que está dizendo a verdade.

— Você quer o brinde, ou não?

Pondero por um momento. Que outra escolha eu tenho? Que outras formas possíveis de sair disso estão lá? Ninguém vem me "salvar". Eu também concordo com isso, e pelo menos me compro algum tempo, ou está tudo acabado e eu morro aqui, agora mesmo, nunca sabendo nada.

— Sim — eu digo e me preparo. — Quero isso.

Javier enfia a mão no bolso da camisa e pega o celular; ele passa o dedo pela tela em busca de alguma coisa e sorri quando a encontra; o medo cresce em meu coração.

Virando a tela para mim, eu olho para a foto olhando para mim. É uma garota — uma jovem mulher. Ela está usando um moletom, mas eu posso ver seu rosto, seus olhos e seu cabelo espreitando por baixo dele. Confusa, olho para Javier, esperando que ele me diga quem ela é.

— O nome dela era Sela. Sela Cohen. Ela era sua irmã, cerca de quatro anos mais velha do que você. — Ele casualmente coloca o telefone no bolso, tomando seu tempo. — Sua *madre*⁷ lixo-branco a vendeu para mim, tecnicamente para Izel, que tentou sem sucesso treiná-la, quando tinha sete anos de idade. Mas Sela, bem como você, não podia ser controlada. Infelizmente, ela atacou Izel e minha irmã a matou, é claro. Você sabe como Izel era.

— O que isso... garota, tem a ver comigo? — Eu realmente não me importo muito que eu tivesse uma irmã; nunca a conheci, nem me lembro de tê-la visto antes, então se ele está tentando fazer o cartão da família...

Javier sorri com satisfação.

— Sua mãe *vendeu* você para mim, Sarai — diz ele, e eu admito, isso não me afeta muito. — Por drogas. Você não acreditaria quantas mães vendem suas filhas por uma alta. Na verdade, — ele continua, — aquela mulher bombeou pelo menos quatro filhas que eu conheço, antes de você.

— É isso? — Eu pergunto, sem se impressionar com a informação — Ok, dói um pouco que minha mãe me vendeu, mas o problema é que isso não me surpreende muito.

— É isso — ele confirma com um encolher de ombros. — Eu pensei que você seria mais...

— Ferida? Chocada? Emocionalmente investida? — Eu balancei minha cabeça — Javier, eu não sou mais como eu costumava ser.

— Você é *tudo* como costumava ser, e mais — ele volta. — De certo modo, você sempre foi assim — ele me olha de cima a baixo — Izabel Seyfried. Você nunca foi fraca; você me tocou desde o começo; você fez o que tinha que fazer para sobreviver e depois acabou escapando, porque eu nunca te quebrei... eu te *fiz*. Você matou sua própria mãe; e sua falsa mãe — ele sorri — sim, ouvi falar da morte dela; rinha certeza de que era você e eu olho em seu rosto agora e sei que estava certo. Sarai, pessoas fracas nunca poderiam matar aqueles que amavam mais, nem mesmo para tirá-los da miséria, muito menos sentir culpa depois. — (*Não, seu bastardo, você está errado! Ele está errado! Ele está... certo*).

— Você arriscou a vida da sua própria filha quando voltou para me matar, quando me traiu — continua ele, — porque você sabia, não importa o que seu coração tentasse fazer você acreditar, que eu nunca diria a você onde ela estava mesmo se você me ajudasse. A mãe amorosa nunca iria arriscar sua criança, ela nunca perderia a esperança, mesmo que ela saiba, no fundo, que não *há* esperança — (minhas unhas estão cavando em minhas mãos, meus dentes estão moendo a poeira na minha boca. — Você arriscou a si mesma e seu relacionamento com Victor Faust para vir aqui, de volta a um lugar que você sabia que seria... mimada por ele mais tarde. Ou o matou e nunca mais o viu.

Ele se levanta, aperta as mãos atrás de si e olha para mim enquanto eu sinto meu rosto cair cada vez mais fundo sob uma mortalha de vergonha, realização e ódio por esse pedaço de merda que ousa me dizer as coisas sobre mim que eu nunca quis saber. Eu nunca quis acreditar

— Você é como eu, Sarai — diz ele finalmente, e eu recuo. — Você é um lobo no galinheiro; você mata porque está com fome, porque está em sua natureza, e seu remorso só vai tão longe quanto o que você está disposto a deixar afetá-la. Porque você secretamente despreza afeição, companheirismo e amor. Você deseja poder acima de todas as coisas, porque lá em cima, no topo, onde ninguém pode tocá-la, influenciá-la ou amá-la, você sabe que nunca poderá ser ferida.

Ele se agacha na minha frente e beija meus lábios. "Nós somos o mesmo, Sarai — diz ele, olhando nos meus olhos, mas não me vendo. — E é assim que eu sei que você me ama. Uma vez. Porque a escuridão é atraída para as trevas. E a única razão pela qual você veio aqui é porque Victor Faust se tornou uma espécie de luz em sua vida, e você teme tanto quanto ele provavelmente sente; você se odeia por amá-lo porque se *importa com o que acontece com ele*. Mas comigo, você me amava sem estipulações; você poderia viver com você mesma se eu morresse, mas ainda era amor; o tipo mais escuro de amor. O tipo *mais seguro* de amor.

— Conte-me sobre Vonnegut — eu digo, dentes cerrados.

Foda-se você e suas palavras da verdade!

Javier — a escuridão da minha vida — sorri e, em seguida, ergue-se em uma posição imponente.

— O brinde não foi suficiente?

— Você sabia que não seria — eu digo. — Eu quero algo que eu possa usar... não um pedaço do passado, Javier.

Ele acena algumas vezes, pensando nisso.

— Porque eu amo você e sempre gostei — ele diz, — vou contar uma coisa sobre Vonnegut que acredito ser verdade. Mas qualquer outra coisa só virá depois que você me trouxer Victor Faust.

— Mas eu só quero encontrar Vonnegut *para* Victor Faust, que bem faz para mim se você tem Victor?

— Isso é para você descobrir — diz ele. — Mas esse é o preço.

Contemplando por um momento, olho para o chão e imagino o rosto de Victor, a luz em minha vida sombria.

Levanto meus olhos para Javier.

— Eu vou trazer Victor Faust.

Ele sorri e desliza as mãos nos bolsos das calças.

— Eu nunca falei pessoalmente com Vonnegut — ele começa, — mas conheço alguém que falou; ela é sua ligação.

Então, Iosif não é Vonnegut — figuras. E isso significa que eu estava errada o tempo todo sobre Vonnegut ser um dos compradores ricos.

— Como você sabe que ela falou com ele, viu ele?

Ele olha para mim.

— Porque ela está confiante — diz ele, e depois anda devagar. — Nos tempos em que me encontrei com ela para fazer negócios com a Ordem, ela se comportou de uma certa maneira; ela é *mais do* que uma funcionária, ela é importante para Vonnegut de alguma forma. Um mero mensageiro não toma decisões pelo chefe; ela está confiante o suficiente para tomar decisões sem primeiro consultá-lo. Ela nunca faria isso se não tivesse algum tipo de relacionamento pessoal com ele.

— Quem é ela?

— O nome dela é Lysandra Hollis — ele diz com um encolher de ombros, — se é esse o seu nome verdadeiro, é claro.

— Perfil? — Eu pergunto.

Sua boca aperta de um lado e eu sei o que ele está pensando: ele deveria me dar mais alguma coisa?

— Cabelo loiro; olhos castanhos; ela tem uma tatuagem de beija-flor no tornozelo; vinte e oito a trinta anos... é tudo o que tenho.

— Bom — eu digo, — então deixe-me ir e eu farei o que eu concordei em fazer.

Javier ri baixinho.

Ele olha diretamente para mim.

— Eu nunca disse que ia deixar você ir, Sarai... Eu disse a você quando entrei aqui que eu nunca poderia deixar você sair viva. E eu disse que você traria Victor Faust para mim, mas eu não disse como.

Eu sei; eu não esqueci.

— E você também me disse — eu digo, e sorrio para ele, — que te trai há muito tempo porque sabia que você nunca me contaria onde está minha filha, mesmo que eu te ajudasse.

O sorriso desaparece de seu rosto. Seus olhos caem dos meus, entrando na arma na minha mão que eu peguei do guarda que engasguei há uma hora atrás, e as cordas que eu arranquei no meu caminho antes de Javier entrar no quarto, deitado no chão aos meus pés..

O tiro momentaneamente me ensurdece, e Javier fica lá por um momento, com as feições marcadas pelo choque. Sangue escorre pelo cinza de sua camisa e pelos dedos.

Ele cai de joelhos, as mãos ainda pressionadas contra o meio; ele tosse e sangue escorre de sua boca.

É assim que deveria ter sido a primeira vez. E é bom corrigir esse erro.

— Sarai... — Ele estende uma mão para mim.

Agacho na frente de Javier, aquele que me fez, a escuridão que tem estado dentro de mim, e eu beijo sua boca sangrando; beijá-lo longo e suavemente para que ele vai se lembrar de mim, para que *eu* nunca vá esquecê-lo.

— Você estava certo — eu sussurro em seus lábios, — Eu sou o lobo no galinheiro, *mi amor* — eu o beijo de novo — e embora eu tenha amor por você, eu posso viver comigo mesma se você morrer.

Eu coloco a arma na têmpora e puxo o gatilho.

Seu corpo cai, e silenciosamente eu digo adeus antes de me agachar e rolar para evitar o borrfio de balas vindo para mim da porta.

No segundo que tenho a oportunidade, tiro a arma de trás do sofá e o guarda cai. Correndo de pés descalços em direção a ele enquanto o som de botas e gritos preenche o corredor do lado de fora da sala, eu

pego a semi-automática do morto, e corro para os outros através de uma tempestade de balas.

IN THE COMPANY
OF KILLERS

J.A. REDMERSKI

VINTE E SEIS

Izabel

Os cadáveres sujam os terrenos da mansão; ninguém guarda os portões; eu passei por um pequeno grupo de garotas escravas andando na estrada de terra no meu caminho, e eu sabia que algo estava acontecendo, mas eu não esperava isso.

Fredrik está de pé no vestibulo quando eu entro, e passo mais corpos quando me aproximo dele.

Eu me inclino e pego uma arma aos meus pés — está vazio.

— Muitos deles estão vazios — diz Fredrik. — Foi assim que ela saiu daqui: ela pegou uma arma, matou todo mundo em seu caminho, soltou quando estava vazia, e então, enquanto se movia para a frente, pegou outra arma dos mortos, e outra, e matou seu caminho direto o chão da mansão. — Ele aponta aqui e ali como explica, esculpindo o caminho invisível que Izzy deve ter tomado.

— Precisamos encontrá-la. — Começo a sair, mas ele me impede.

— Ela está muito longe agora, Niklas.

— Ela poderia estar andando sozinha na porra do deserto.

— Vigie ela se você quiser — diz ele, — mas se ela poderia sair *dessa* sozinha, eu duvido que ela está andando sozinha no deserto. Ela provavelmente está a meio caminho do Arizona agora.

Ok, ele tem um ponto.

— Como você sabia que viria aqui? — Pergunto.

— Provavelmente da mesma forma a que você — diz ele. — Eu mandei alguém para assistir Izabel; eu vim quando descobri que ela estava com problemas. E quando eu ouvi...

— Aquele Javier está vivo — acrescento.

— Estava — diz Fredrik. — Eu o encontrei morto em um quarto no corredor. Eu acho que é onde eles estavam mantendo Izabel.

Alcançando atrás de mim, eu coço a parte de trás da minha cabeça.

— Ela mentiu. Todo esse tempo, ela mentiu para nós, para Victor.

— Tenho certeza de que ela tinha um bom motivo — diz Fredrik.

— Sim, ela provavelmente tem. — Eu olho em volta para todos os corpos. — Como você sabe que ela não teve ajuda para sair daqui?

— Eu não sei — diz ele. — Eu acho que só tenho um sentimento. — Ele faz contato visual pela primeira vez desde que entrei na sala. — Izabel não precisa mais da nossa ajuda, acho que até Victor concordaria. E eu, por um, não a seguirei, nem mandarei outra pessoa para vigiá-la. Pela primeira vez desde que conheci Izabel, posso dizer honestamente que ela não precisa *da ajuda de ninguém*.

Eu dou outra olhada nos corpos dispostos ao acaso ao meu redor, e penso na primeira vez *que* encontrei Izzy.

Talvez Fredrik esteja certo...

Olho para cima quando o movimento me chama a atenção. Uma mulher, mexicana, com cabelos loiros, fica na porta; respingos de sangue mancham um lado do rosto e do pescoço. Ela parece que passou pelo inferno.

Ela tropeça para frente, uma mão cobrindo seu estômago, onde noto sangue escoando através de seu vestido e através de seus dedos.

Ela cai de joelhos, incapaz de ir mais longe.

— Ela disse... ela queria que eu... sofresse antes de eu morrer — diz a mulher.

— Quem? — Fredrik pergunta, fingindo que ele já não sabe.

— La Princesa — ela tosse sangue no chão — Eu... mereço o que tenho — diz ela entre respirações. — Pelas... coisas que fiz. Eu mereço porque... — Os olhos dela tremulam; sua parte superior do corpo balança. — ... Porque não me arrependo... de nada. Diga a ela que eu disse... não me arrependo de *nada*.

A mulher cai para a frente, morta antes de cair no chão.

Fredrik e eu olhamos um para o outro, encolhemos os ombros e depois fazemos uma varredura da mansão.

Encontramos mais garotas escravas amontoadas em um armário, e lhes damos dinheiro e as encorajamos a deixar este lugar. Dois guardas, encharcados pelo próprio mijo, são encontrados escondidos em um banheiro no andar de cima. Fredrik mata um e eu mato o outro. E em uma sala mais extravagante, encontramos um homem, vestido com um terno Armani, baleado na testa, encostado a uma cadeira. Eu não posso ter certeza de quem ele é, mas é óbvio que ele era importante para o funcionamento deste lugar. A papelada espalhava-se por toda a sala e, na mesa ao lado dele, mostrava números e valores em dinheiro e nomes de garotas escravas e os nomes dos compradores. Eu sei disso porque vejo a foto de Jackie, Frances Lockhart, entre os nomes, e todo o dinheiro que ela gastou com as garotas que ela salvou.

Eu recuo quando vejo a foto da minha irmã.

— Ela estava aqui também — Fredrik diz, enquanto eu seguro a foto de Naeva em meus dedos. — Meu palpite é que ela veio aqui com Izabel.

— Ela está viva? — Eu estive rangendo os dentes desde que peguei a foto.

— Eu não tenho certeza — responde Fredrik. — Você não sabia?

Distraidamente, eu balanço minha cabeça. Não, Jackie não deu nome a ela quando me contou tudo o que aconteceu — mas nunca imaginei que a garota que ela me contou a que se envolvia o lutador fosse minha irmã.

— Talvez ela ainda esteja viva — Fredrik oferece.

Embolo a foto, segurando a raiva que fervia dentro de mim.

Todo mundo está morto. Setenta, oitenta pessoas, pelo menos.

Como diabos Izzy conseguiu isso sozinha?

Eu sorrio pensando nisso. Porque eu sei que ela ainda está viva. E Fredrik está certo — ela já está no meio do caminho para o Arizona, se já não estiver lá.

Mas cadê o Victor?

E Nora?

— Parece que fomos os únicos que deram uma merda. — Eu digo a Fredrik. Isso me irrita só de pensar nisso, que meu irmão não enviou alguém como nós, e que ele não está aqui agora, como nós somos.

E Nora... Dane-se Nora.

Fredrik se afasta do homem morto perto da mesa e tira um lenço preto do bolso do paletó, limpando as mãos.

— Victor não está aqui porque ele foi baleado — diz ele, e eu pisquei, atordoado. — Nora me ligou há uma hora; ele vai sobreviver, mas ela diz que ele não fala com ninguém desde que Nora o levou para Mozart. Ela está preocupada.

Mozart é um cirurgião que trabalha para Victor em tempos como estes, para manter nosso negócio fora dos hospitais e tal. E por que Nora não *me* ligou? Eu sou o irmão de Victor. Deus, eu odeio essa mulher.

— Preocupado com o que? — Eu digo. — O que há para se preocupar se ele não vai morrer?

— Eu não sei.

— E desde quando Nora se preocupa com alguém? — Pergunto.

— Isso é o que *me* preocupa — diz Fredrik.

— Bem, agora *estou* preocupado.

Depois de um momento, eu digo:

— Eu tenho algo a fazer antes de ir ver Victor. — Eu vou para a porta, pegando uma maleta cheia de dinheiro no meu caminho. — Se você ver Izzy antes de mim, diga a ela que eu disse... não importa, eu vou dizer a ela mesmo.

Fredrik acena com a cabeça.

VINTE E SETE

/zabel

Eu havia roubado um carro da mansão e dirigi o mais longe que pude antes que a gasolina acabasse. Eu estava andando sozinha no deserto por horas antes que Naeva e Leo me pegassem, uma semi-automática na minha mão, sem sapatos nos meus pés, vestido manchado de sangue. Eu estava em pé no meio da estrada de terra, a arma apontada para o carro quando veio em minha direção. Eu quase atirei em ambos — e minha única chance. Então, Javier estava dizendo a verdade sobre deixá-los ir.

— Estamos procurando por você — diz Naeva no momento em que entro no carro. — Nós voltamos para a mansão para ver todo mundo morto. Mas você não — ela sorri para mim no banco de trás — nem chequei todos os corpos; eu sabia que você ainda estava vivo. Então, saímos procurando por você.

Eu sorrio fracamente para ela.

— Eu acho que deveria agradecer a você.

— Agradecer a *mim*? — Naeva balança a cabeça; suas sobrancelhas se encolhem. — Eu te devo minha vida, Sarai... nós dois devemos. — Ela toca o braço de Leo; ele olha por cima do ombro para mim, agradecendo-me com os olhos. Eu me pergunto por que ele está dirigindo depois de ser baleado, mas isso não parece incomodá-lo; ou, mais provavelmente, ele está ignorando a dor.

Querendo evitar qualquer comentário que me faça passar por algum tipo de herói, mudo de assunto.

— Qual foi o problema? — Pergunto a Leo. — Por que Javier deixou você ir?

— Ele vai me trazer de volta, meu nome — diz Leo em inglês quebrado. — Eu luto por ele e ele não mata Naeva.

Duvido que Leo Moreno tenha algum problema em trazer de volta seu nome — acho que nunca morreu.

— Como você se sente sobre isso? — Eu pergunto. — Sobre lutar de novo?

Naeva olha para mim, desanimada — ela definitivamente não gosta do arranjo.

— Eu faço qualquer coisa por Naeva — diz Leo. — Além disso, lutar é tudo que eu sei. Tudo o que eu já fiz.

— Bem, você foi aliviado do seu contrato com Javier Ruiz — digo a ele. — Ele está morto. Eu o matei.

Os olhos de Naeva brilham lentamente, seguidos por um sorriso agradecido; eu posso dizer que ela quer envolver seus braços em volta de mim, e ela faria se ela não estivesse no banco da frente e eu nos traseiros.

O rosto de Leo nunca muda. Na verdade, ele não diz nada. E eu não pergunto por quê.

O resto do passeio é tranquilo.

Ao nos aproximarmos da fronteira de El Paso, eu me preparo para qualquer cena que envolva agentes de patrulha de fronteira. Nenhum de nós se parece exatamente com turistas americanos inocentes voltando da diversão ao sol em uma praia mexicana. Parece que acabamos de escapar de um complexo e matamos cem pessoas quando saímos. Eu ainda tenho a semi-automática — ilegal no México — está pousada no banco ao meu lado. E Leo Moreno ainda é mexicano, e não tenho certeza sobre seu status legal nos Estados Unidos. Na verdade, duvido que alguém tenha algum tipo de identidade com eles — com certeza não o tenho. Tenho certeza que o carro também foi roubado.

Leo puxa para a sua vez no cruzamento, e dois agentes de patrulha de fronteira se aproximam do carro. Eles olham para dentro. Uma nota a arma no assento; as roupas manchadas de sangue; a imagem tudo-errado-sobre-esta-imagem.

Leo entrega ao outro agente um pedaço amarelo de papel; o agente olha para baixo e, em seguida, ele pisca algumas vezes enquanto a compreensão se espalha por seus recursos.

Um momento depois, depois que o segundo agente aparece para inspecionar o papel, eles nos acenam mais rápido do que qualquer outro.

— O que foi isso? — Naeva pergunta Leo.

— Documentação de Javier — ele responde, mantendo os olhos na estrada do Texas à sua frente. — Minha primeira nova luta será em *El-lay-ah*.

— *El-lay-ah*? — Eu pergunto.

— LA — Naeva esclarece.

Eu já sabia disso — falo espanhol fluentemente — então não sei por que me esqueci. Talvez agora que Javier esteja realmente morto, e eu terminei com o México, as coisas que aprendi lá vão desaparecer. Eu duvido.

Leo disse que "não" era — ele ainda vai lutar apesar de tudo, com Javier morto, ele não precisa. Eu me pergunto como Naeva se sente sobre isso. Mais uma vez, não pergunto. Não é da minha conta, e enquanto uma parte de mim é um pouco curiosa, o resto de mim tem coisas mais importantes para pensar.

O céu é cinza-amarelo sobre a paisagem do Texas, o sol da manhã ainda acordando no horizonte. Deitei-me no banco de trás ao lado da arma e fecho os olhos, mas não caio no sono. Muito na minha mente. Como o que vou fazer a seguir, aonde estou indo, quanto do que Javier me disse que vou contar a Victor. Talvez eu não conte nada ainda. Comecei esta missão sozinha, e gostaria de terminar da mesma maneira. Eu posso ser terminado com o México, mas tecnicamente, eu não terminei.



Em algum momento durante a viagem, acabei adormecendo, porque agora que minhas pálpebras se abrem ao som da voz de Naeva, percebo que estou de volta ao Arizona. De volta em casa.

— Sarai, estamos aqui — diz ela; eu sinto a mão dela no meu ombro.

Levanto-me do banco, surpresa por ter dormido tanto e tão bem depois de tudo que acabei de passar, todas as pessoas que matei. Cesara. Joaquin. Javier. Os sem nome. A única pessoa que morreu no México que penso, porém, é Sarai. Mas ela morreu há muito tempo e eu não fui a pessoa que a matou. Ou eu fui?

Saio do carro.

— Você pode entrar e descansar por um tempo — ofereço, apoiando-me na janela aberta de Naeva.

— *Gracias* —, diz Leo, sempre tão gentil e respeitoso com um homem que provavelmente matou mais homens do que eu. — Mas precisamos chegar a *El-lay-ah*. Pessoas me esperando.

Eu concordo.

— Obrigado pela carona.

— *De nada* — diz Leo.

Naeva sai do carro e finalmente coloca os braços em volta de mim.

— Eu te devo tudo, Sarai — diz ela, apertando-me. — Eu gostaria de ter ajudado mais, mas, no futuro, se você precisar de alguma coisa de mim, não hesite em perguntar. Eu não me importo com o que é. — Ela se afasta, segura meus cotovelos em suas mãos, e olha nos meus olhos, e eu não posso deixar de ver *Huevito* parado ali. — Obrigado — ela diz finalmente.

Sorrio suavemente para ela, e ela volta para dentro do carro com Leo. Eles vão embora, e eu me pergunto se eles conseguirão. Não para Los Angeles. Não como um casal — eles estarão apaixonados até o dia em que morrerem — mas eu me pergunto se eles vão fazer uma vida juntos antes de serem assassinados. Porque isso vai acontecer eventualmente. Um nome e um rosto como o de Leo Moreno é tanto um presente quanto uma maldição. Espero que o amor deles possa durar uma vida inteira. Eu espero que eles façam isso.

Espero que o meu amor e o de Victor possa ser meio óbvios como os deles um dia.

Eu espero que *nós* façamos isso...

Depois de pescar a chave da casa no solo de um vaso de plantas, entro na minha casa e imediatamente percebo que algo está errado, embora eu não saiba ao certo. Talvez seja porque eu tenho ido tanto tempo, ou me acostumei a ouvir Apollo gritando comigo do porão. Está tão quieto aqui, tão vazio. Na verdade, é legal ter ele ido e eu ter a casa para mim. Mas isso é apenas temporário, pois tenho que trazê-lo de volta em breve e terminar o que comecei. Eu só espero que Fredrik não o tenha matado.

Eu coloco um celular no carregador e ligo para Fredrik, mas ele não atende, então eu pulo no chuveiro e fico lá por um longo tempo, deixando a água quente bater em mim e mergulhar em meus músculos famintos. Eu vejo o sangue e a sujeira escorrendo pelo ralo e levando todo o resto consigo que eu trouxe do México. Depois do meu chuveiro tão necessário, deitei no sofá, com a intenção de relaxar por cerca de trinta minutos antes de voltar ao trabalho, mas acabei desmaiando de novo e acordando depois das duas da manhã.

Eu tento chamar Fredrik de novo — ainda sem resposta.

Eu ligo para Victor — sem resposta.

Niklas — nada.

Nora... nada.

Que diabos?

Uma sensação estranha fica na boca do meu estômago. Depois de pegar minhas chaves na mesa de café, eu deslizo em meus chinelos pela porta e pulo em meu carro estacionado sob a garagem.

Há uma luz acesa dentro da nova casa temporária de Fredrik, a vinte minutos da minha. Seu carro está estacionado do lado de fora ao lado de outro. Talvez ele esteja transando e eu deva virar e voltar para casa. Não. Fredrik atenderia o telefone, não importava o quanto estivesse preocupado, se algum de nós da Ordem de Victor estivesse ligando para ele. O mesmo com Victor — dói um pouco que ele, de todas as pessoas, não responda, especialmente desde que estou no México há semanas. Niklas e Nora não são muito o tipo de telefone, então eles não respondem não é tão incomum, mas ainda pega esse sentimento no meu estômago.

Saio do carro e caminho até a porta da frente, meus olhos examinando a janela da sala de estar, subindo os degraus da varanda, mas não vejo ninguém.

Depois de algumas batidas, e ainda sem movimento dentro da casa, eu me deixo entrar, surpresa que a porta está destrancada — Fredrik sempre tranca as portas.

Com a minha arma na mão, eu atravesso a sala e me assusto quando Fredrik chega na esquina.

— Você assustou a merda fora de mim. — Eu abaixo minha arma.

— Desculpe. — Fredrik passa por mim e se dirige para a cozinha; há sangue nas mãos dele.

Sabendo que algo está errado, não faço perguntas por um momento, esperando que Fredrik me diga.

Ele volta da cozinha, as mãos limpas e enxuga-as em um pano de prato.

— Você matou Apollo? — Eu finalmente pergunto, supondo que é o sangue de quem ele apenas lavou pelo ralo.

— Não.

Não? É isso aí?

— Fredrik, o que está acontecendo? — Eu olho para o corredor na direção de onde ele veio; a porta do porão está aberta no final; uma luz fraca no chão em frente a ela.

— Izabel, você precisa sair.

— Por quê?

— Porque eu quero você saía.

Ok, algo está definitivamente errado.

Dirijo-me direto para a porta do porão e, em seguida, desço os degraus de concreto quando ouço a corrida dos passos de Fredrik vindo de trás para me impedir.

Quando chego ao fundo, fico ofegante com a visão sangrenta e até vomito um pouco na boca. Minha mão livre voa sobre meu rosto.

— Puta merda, Fredrik! O que diabos você fez?

Apesar da cena horrível, aproximo-me mais do homem que está amarrado a uma cama de hospital e, a princípio, fico furioso porque Fredrik mataria Apollo. Mas não é Apollo, eu vejo. É... Dante? O homem arisco do leilão. Seu rosto ensanguentado é quase irreconhecível; sua boca foi aberta com algum dispositivo estranho; todos os seus dentes desapareceram; suas gengivas foram cortadas; o sangue está em todo lugar.

— Oh meu Deus. — Faço uma pausa, deixando a descoberta penetrar fundo o suficiente no meu cérebro que eu sei que é real; então me viro para ver Fredrik. — Assistente de Amell Schreiber; é onde eu ouvi esse nome antes; é um dos seus aliados. Dante estava basicamente dizendo a verdade. Você o enviou.

— Sim. Eu o enviei. — Os ombros de Fredrik caem com a respiração pesada, e embora eu espere que ele se arrependa, tendo que admitir que ele fez exatamente o que eu disse a ele para não fazer, eu tenho a sensação de que ele tem coisas muito piores em sua mente, e então eu decido guardar a bronca para outra hora.

— Por que ele está morto? — Meus olhos se movem de Fredrik para Dante. — Por que você o matou?

— Eu não o matei.

Minha cabeça se abre.

— Você não o matou?

Vai e volta. Dante. Fredrik. Dante. Fredrik.

Fredrik enxuga o suor da testa com o pano de prato.

— Eu realmente preciso de você para sair.

— Eu não vou a lugar nenhum até que você me diga o que está acontecendo, e onde está Apollo? — Eu sinto como se tivesse passado meses em vez de semanas, tudo é tão... fodido, tão diferente.

— Eu o matei — diz Fredrik.

— Ok, então qual é? Você o matou ou não o matou?

— Meu Deus, Izabel, eu matei ele. Eu precisei. Eu não espero que você entenda, mas... é quem e o que eu sou — ele gesticula para o corpo — é isso que eu faço, o que eu preciso, e... eu não quero você aqui. Hoje.

não. Amanhã não. Na verdade, é provavelmente melhor nos separarmos e nunca mais falarmos um com o outro.

Todas as palavras me abandonaram; a única coisa que sinto é ferida. Eu apenas olho para ele por um momento, meu peito se contraindo.

Finalmente, decido que Fredrik só precisa de tempo; ele está passando por algo que eu não posso ajudá-lo, e as coisas que ele acabou de dizer, ele só disse no calor do momento.

— Onde está Apollo? — Pergunto de novo, esperando que ele pelo menos me diga isso antes de deixá-lo em seus... problemas.

Fredrik faz uma pausa; Eu o ouço respirar.

— Ele está morto — diz ele, e então o resto cai no meu ouvido como uma avalanche de más notícias. — Estou assumindo que Victor o encontrou, o que significa que ele sabe que eu estava te ajudando nas costas dele, e por isso ele nunca mais vai confiar em mim. Apollo não poderia ter fugido por conta própria; ele foi libertado.

OK, é bom que ele esteja falando comigo pelo menos e não me arrastando para fora da porta.

— Mas o que te faz pensar em Victor...

— Victor foi baleado — Fredrik revela, e eu suspiro, e a avalanche começa a pressionar meu peito, me esmagando. — Por Artemis. Nora matou Apollo, mas Artemis escapou. Eu acho que Victor foi quem libertou Apollo. Não sei ao certo, mas é o que meu instinto me diz, e o fato de que Victor se recusou a me ver quando fui ver como ele estava.

— Victor foi *baleado*? — Essa é a única parte do que ele disse que eu realmente ouvi. — Ele está... ele está bem? Meu peito sobe e cai pesadamente.

— Ele vai viver — diz Fredrik.

— Onde ele está? — Eu pergunto, já subindo os degraus do porão; paro no topo.

Fredrik olha para mim de baixo.

— Ele está com Mozart.

Começo a sair, mas a voz dele me impede.

— Eu quis dizer o que eu disse, Izabel. Nunca mais volte aqui. Esqueça que você já me conheceu. Eu nunca mais quero te ver novamente.

A dor de suas palavras se aprofunda, mas eu faço tudo o que posso para ignorá-la, para me forçar a acreditar que ele não significa nada do que ele disse, e que voltaremos ao normal em poucos dias.

Ele só precisa de tempo, digo a mim mesma.

Fredrik se vira e se afasta do último degrau sem outra palavra; vejo sua sombra se movendo no chão por um momento.

Tendo sérios problemas meus para cuidar, saio de casa rapidamente, mas com o coração pesado, abro a porta do carro e enfio a chave na ignição. Eu dirijo sem parar para a casa de Mozart.

VINTE E OITO

Fredrik

Volto para limpar a bagunça com Dante, o serial killer havia deixado para mim. Ele está morto há nove horas; a última vez que ouvi dele foi quando o avião dele pousou e ele me ligou do aeroporto. Eu disse a ele para ir direto para minha casa e esperar por mim; eu disse a ele que ele estaria seguro aqui. O estranho é que, naquele momento, eu não tinha certeza do que me fez dizer isso para ele, para começar, que ele estaria seguro aqui. Ninguém estava procurando por Dante; ele não estava em perigo, até onde eu sabia — depois do que aconteceu na mansão no México, mesmo que ele tivesse fugido, não havia ninguém vivo para caçá-lo.

— Você estará seguro lá — eu disse a ele, e nunca vou esquecer.

Era estranho o bastante dizer que eu havia anotado isso. Mas eu não *entendi* até que cheguei aqui e o encontrei morto. Foi quando tudo começou a fazer sentido: a sensação de ter olhos nas minhas costas semanas atrás na noite em que Dante partiu para o México — ela estava aqui, na minha casa; ela sabia onde ele estava indo. Mais tarde, naquele mesmo dia, quando estava na reunião da biblioteca com Kenneth Ware — ela estava lá, à vista de todos. Eu acredito que ela era a mulher que passou pela nossa mesa; que me fez parar para pensar nela. Ela está me seguindo; ela provavelmente sabe mais sobre mim do que eu sei sobre mim.

Foi o instinto que sabia que Dante estava em apuros, que ela pretendia usá-lo para me enviar uma mensagem. Infelizmente, o resto de mim não descobriu a tempo de salvá-lo.

Ao lado do corpo de Dante, refletindo a luz do teto há um pequeno espelho. Pela primeira vez desde que desci até aqui, eu o pego e olho

para o meu reflexo; manchas minúsculas de sangue pontuam o vidro. Eu sei que ela quer que eu olhe para mim mesmo; eu sei que ela fez Dante olhar para si mesmo antes que ela o matasse. E eu quero saber porque. Não porque eu esteja com raiva, e as respostas para as perguntas mais típicas são importantes, mas porque me intrigam — *ela* me intriga.

Varrendo meu dedo ao longo da beira da cama ensanguentada, é quase como se eu pudesse sentir cada lugar que suas mãos delicadas tinham estado; eu posso sentir seu cheiro natural no ar; eu quase posso ver seu reflexo no espelho junto com o meu.

— O que você quer que eu veja? — Eu sussurro na semi-escuridão do porão abafado.

Coloquei o espelho de volta em seu lugar, da mesma forma que ela o deixou.

Izabel ainda está dentro da minha cabeça; tinha que ser assim; eu tinha que dizer as coisas que eu disse, ou então ela poderia acabar como Dante. Eu não acredito totalmente que esse assassino, pelo que eu vi até agora, só mata homens, mas eu não queria ter nenhuma chance. Izabel é importante para mim; ela é como uma irmã para mim. A morte de Dante é perdoável, mas se o assassino matasse Izabel, seria mais difícil perdoar. E a parte de mim que quer saber quem é essa mulher, a parte de mim que quer conhecê-la intimamente, é a parte que *vai* perdoá-la, não importa quem ela mate.

Depois de limpar a cena do crime com alvejante e um cesto de roupa suja, e puxo meu carro para a privacidade da garagem, pego o corpo de Dante, enrolei-o em uma lona e o escondo no porta-malas.

Eu entro no carro e o motor rugi.

Com as duas mãos no volante, sento-me aqui por um momento, em silêncio, com calma, porque sei que ela está no carro, sentada no banco atrás de mim. Eu não estou com medo. Monstros geralmente não têm medo de outros monstros.

Eu não posso ver o rosto dela, apenas o contorno do cabelo dela.

— O que você quer que eu veja no espelho?

— Seu rosto. — Sua voz é tão suave como eu sempre imaginei.

Então sinto um formigamento frio no lado do meu pescoço; minhas mãos se afrouxam, afastando-se do volante.

E então o rosto dela aparece à vista, assim como a minha visão está falhando em mim.

— Willa...

VINTE E NOVE

Niklas

Eu pego uma Jackie abalada no aeroporto e ela não diz nada durante o caminho até o trailer dela; ela apenas olha pelo para-brisa, as mãos cruzadas no colo, as pernas juntas. Ela está aqui há horas, esperando que eu volte do México.

— Por que você não ligou para um táxi? — Eu perguntei quando ela entrou no meu carro.

— Eu só... não quero ficar sozinha na minha casa agora — ela disse. — Eu prefiro estar aqui, ao ar livre, com muita gente.

Eu nunca deveria tê-la enviado para o México. Vou me arrepender pelo resto da minha vida, já posso dizer, porque me sinto culpado como o inferno. *Por que* me sinto culpado é o que eu ainda não descobri. Ela concordou com isso. Eu contei tudo a ela — uma grande parte de mim até tentou recusá-la — e eu a avisei, mas ela optou por ir. Porque ela queria o dinheiro. Achei que essa foi a razão pela qual passei por ela e a deixei ir, afinal — por causa do dinheiro, do desespero e do quanto ela provavelmente queria gastar com drogas. Eu pensei comigo mesma: *Ei, ela é apenas uma viciada em drogas, e se alguma coisa acontecer com ela, é culpa dela própria.* Mas no fundo eu não me sentia assim; eu estava em conflito. Conflito porque não vejo Jackie usando drogas há algum tempo. Conflito porque nada sobre seu estilo de vida ou seu pequeno trailer me dá qualquer motivo real para acreditar que ela tem um vício em drogas. Conflito porque minhas suspeitas não são suficientes, e quando elas não são suficientes, isso geralmente significa que elas estão completamente erradas.

O que me leva de volta ao maldito dinheiro. Ela gastou cada centavo disso, não com drogas, mas para salvar as vidas de mulheres jovens que ela nem conhecia.

E é assim que eu sei que sou um idiota e que estava errado, e que eu sabia disso no meu coração o tempo todo, mas eu não queria acreditar porque precisava de alguém para assistir Izzy por mim. Eu sou um idiota porque eu usei Jackie e ignorei o que meu intestino estava me dizendo sobre ela — que ela é uma boa pessoa, uma pessoa melhor do que eu jamais pensarei em ser.

— Obrigado pela carona, Nik — ela me diz e vai sair do carro.

Eu pretendia ficar aqui com ela por um tempo.

— Eu pensei que você não queria ficar sozinha? — Eu digo.

Ela faz uma pausa, mas sai de qualquer maneira, e então olha para mim.

— Eu não vou — diz ela. — Eu vou até a casa da Shellie — ela aponta para o trailer em frente ao dela. — Eu gostaria de agradecer pela viagem grátis para o México, mas, bem... — Ela não termina.

Eu a paro antes que ela feche a porta do carro.

— Uh, Jackie, eu realmente sinto muito. Sobre tudo isso. Eu não deveria ter...

— Não, não faça isso, Nik — ela me interrompe. — Sou uma mulher adulta, perfeitamente capaz de tomar minhas próprias decisões. E você me avisou. Você não fez isso, *eu fiz*. Eu vou ficar bem. Eu consegui voltar viva e é isso que importa. Eu superarei isso em alguns dias e voltarei ao meu antigo eu. — Ela sorri para mim, tentando aliviar o clima, mas isso só me faz sentir ainda mais como o pedaço de merda que eu sou. — E podemos voltar ao normal em breve também. Se você quiser. — Ela sorri sugestivamente, mas eu sei que ela está apenas tentando ser forte, fingindo que não está traumatizada por sua experiência, e que o sexo comigo é a *última* coisa em sua mente.

Eu tento forçar um sorriso, mas eu não acho que isso saia como um.

— Eu vou vir amanhã e verificar você — eu digo.

— Tudo bem, Nik. — Seu sorriso clareia, e isso me deixa um pouco irritado porque eu posso dizer que é real e que ela já me perdoou e que ela é inocente e gentil e... caramba!

Eu saí de seu caminho e parei na estrada, passando por um SUV preto me cegando com suas luzes brilhantes quando saí. Amanhã vou colocar muito dinheiro em sua conta bancária; coloque-a para a vida. Eu sei que nunca vai compensar o que eu passei, mas eu tenho que começar em algum lugar.

Quinze minutos depois, quando eu estava pegando meu telefone para ligar para um número que eu perdi — poderia ser Izzy — o nome de Jackie se acende na tela.

— Mudou de ideia? — Digo com o telefone pressionado no meu ouvido enquanto eu tomo a saída em direção ao meu quarto acima do bar.

— Você tem quarenta e oito horas — diz um homem em italiano do outro lado do telefone. — Eu quero *você* por esta prostituta.

Puxo para o lado da estrada; meus pneus derrapando na calçada. O SUV... Jackie mencionando carros desconhecidos tinha sido a conversa do parque de trailers ultimamente... Eu deveria saber. Eu deveria ter fodidamente sabido!

— Quem diabos é? — Meu coração está martelando em meus ouvidos.

Há uma pausa e depois a voz:

— Você assassinou minha filha — ele responde. — Francesca Moretti. — (meu coração pára) — E em precisamente quarenta e oito horas, se você não estiver no endereço que eu vou enviar uma mensagem de texto seguindo este chamado, esta mulher estará no fundo do oceano.

Não...

Minha boca está seca; minha mente está correndo; ouço os gritos abafados de Jackie no fundo.

Eu nem preciso pensar nisso.

— Eu estarei lá — digo ao Sr. Moretti. — Aposto sua bunda que eu estou chegando.

Ele encerra a ligação e, três segundos depois, o endereço é recebido, e estou a caminho do aeroporto de novo, ainda mais rápido e imprudente do que quando tentava chegar ao México a Izzy.

E pela primeira vez na minha vida, sinto que... talvez eu não consiga sair dessa vivo.

TRINTA

Izabel

Mozart é um dos principais cirurgiões nos Estados Unidos e, apesar de realizar cirurgias em média americanos, ele é pago para ficar de plantão sempre que um de nós precisa dele; e manter tudo o que ele vê, ouve e faz fora dos livros.

Eu nunca o conheci pessoalmente — só o vi uma vez — e seu nome verdadeiro não é Mozart, é claro.

Entro na entrada de sua modesta casinha no lago — na verdade, é uma casa muito bonita, com uma enorme janela com vista para a água e um lago com carpas ao lado de uma extravagante passarela de mosaicos, mas pelo dinheiro que esse cara ganha, qualquer coisa, a história é considerada modesta.

Batendo com os dedos na porta da frente, sinto que ele está demorando muito para responder quando passam, literalmente, apenas dois segundos, e começo a me convidar para entrar.

A porta se abre logo antes da minha mão tocar a maçaneta.

Mozart está parado ali olhando para mim; não uma empregada ou um porteiro ou qualquer outra pessoa, mas o próprio Mozart — modesto.

— Posso ajudá-lo? — Pergunta ele; ele me olha com aquele olhar de saber que ele me viu antes, mas não consegue lembrar onde.

— Eu sou Izabel — eu digo, — Victor Faust... namorada. — Uau, eu não esperava que isso fosse tão estranho. Não que eu não ame ser sua namorada, mas a palavra é tão... colegial; eu não sei porque isso me incomoda.

— Eu preciso vê-lo.

IN THE COMPANY
OF KILLERS

J.A. REDMERSKI

Mais uma vez, começo a me convidar para dentro, com a intenção de passar por ele desde que ele está demorando para sempre, mas novamente estou parado.

— Ninguém pode ver meu paciente — diz Mozart categoricamente; ele está de pé com uma mão na porta, a outra no batente da porta; sua linguagem corporal é casual, mas claramente, ele não tem intenção de se afastar para me deixar passar. — Ordens do médico.

Rangendo meus dentes, ando até Mozart, meus olhos brilhando nos dele.

— Afaste-se ou eu mesmo vou te mover.

— Eu não tenho medo de você.

Julgando sua postura e o tom sem brilho de sua voz, ele está dizendo a verdade. *Você é uma merda!*

Inclinando a cabeça para o lado, olho-o; ele é um homem bonito de cinquenta e poucos anos, com cabelos escuros e salpicado, constituição magra — eu poderia facilmente levá-lo sem uma arma, mas ele é o médico de Victor, e isso meio que me coloca em uma situação difícil.

— Então diga a ele que estou aqui — eu exijo agudamente. — Ele definitivamente vai querer me ver. — A primeira coisa que passou pela minha cabeça depois desse comentário é que não é porque eu sou sua "namorada" ele vai querer me ver, mas porque eu tenho informações que ele vai querer; isso dói um pouco, como uma percepção me mordendo no rabo, mas eu ignoro isso.

— Victor não quer ver ninguém — diz Mozart, e meu coração cai. — Tecnicamente, as ordens do médico vieram de Victor Faust.

Eu não posso falar por um momento; não só porque não tenho ideia do que dizer sobre isso, mas meu peito está pesado, e há uma dor no meu coração, torcendo e espremendo a vida dele.

Eu o empurro para o lado e empurro meu caminho de qualquer maneira.

Quando eu entro na sala, eu espero ver Victor deitado em uma cama com tubos pendurados nele, mas não é isso que eu vejo. Victor está de pé perto da cama e está colocando sua camisa com dificuldade. Eu vou ajudá-lo, feliz por ele não me afastar como eu esperava que ele

fizesse. Sua barriga está enfaixada a toda a volta; sobre o ferimento da bala, o sangue havia penetrado na gaze e secado.

— O que você está fazendo, Victor? — Eu tento levá-lo de volta para a cama, e desta vez ele me empurra para longe.

— Eu tenho em algum lugar que eu preciso estar — diz ele, sem olhar para mim.

— Onde? Onde você poderia possivelmente precisar estar diferente dessa cama depois de ser baleada? — Não há como esconder a raiva e a desaprovação em minha voz.

— Eu tentei dizer a ela — Mozart diz da porta, — mas ela... insistiu.

— Está tudo bem — diz Victor, e abotoa a camisa. — Eu preciso de um momento a sós com Izabel.

Mozart assente e sai do quarto, fechando a porta atrás dele.

Eu me viro para Victor imediatamente.

— Se isso é sobre eu ir...

— *Tudo* é sobre você, Izabel — ele me interrompe, e eu recuo. — Só levou a ser baleado para perceber isso.

Eu recuo, paro, procurando por palavras.

— Você... foi baleado por causa de mim? — Eu não tenho certeza de que é o que ele está dizendo, mas *parece* que sim.

Victor suspira; ele fecha o último botão.

— Você não consegue ver o que você tem em minha vida está fazendo comigo? — (Eu recuo de novo com suas palavras, temendo o resto deles) — Termina hoje — diz ele, e meu coração afunda.

— O que termina hoje? — *Por favor, não diga isso...*

Ele manca até a cadeira ao lado da janela onde está sentado, fazendo uma careta com o esforço e tenta calçar os sapatos.

Não consigo me mexer; eu quero ajudá-lo com isso também, mas forçar meu corpo a se mexer parece uma tarefa impossível agora.

— *O que termina hoje?* — Eu repito.

Levantando os olhos de seus sapatos, Victor olha através da sala para mim.

— Conte-me sobre Javier Ruiz — diz ele.

— O que você quer saber? Quer que eu te diga que nunca o matei naquela noite no Texas? Que eu iria te trair? — (Eu apenas presumo que ele saiba de todas essas coisas; e mesmo que não, eu planejei contar a ele de qualquer maneira.) — Bem, é verdade, tudo: eu não matei ele naquela noite. e, sim, concordei em ajudá-lo e ia traí-lo. Mas você sabe o que — eu atravesso a sala em direção a ele, raiva e culpa, em cada passo rápido — eu *não* traí você. Eu *não* o ajudei. E eu só ia continuar com isso por causa da minha filha... você teria feito o mesmo. E sabe o que mais? Eu o matei desta vez. — Paro na frente dele, olhando em seus olhos. — Você quer que eu fale sobre Cesara? Você quer que eu admita dormir com ela. Bem eu fiz. Eu fiz isso só porque eu tive que fazer. Eu fiz isso pelo meu trabalho, pela minha vida... novamente, você teria feito o mesmo. O que mais você quer saber?

Victor se levanta e eu dou um passo para trás.

— Onde diabos você está indo?

Ele passa casualmente por mim em direção à porta, tirando o paletó do cabideiro no caminho.

— Victor!

Ele para; ele está de costas para mim.

Eu sinto que estou prestes a desmoronar, que todo o meu corpo está preso por um único fio, e que Victor está prestes a puxá-lo e me desvendar quando ele sai por aquela porta.

Eu não vou deixar ele.

Mas eu não vou implorar a ele também. Eu nunca implorarei a um homem que não me deixe. Nem mesmo Victor Faust. Eu amo ele mais do que qualquer coisa. Mas eu vou. Não. Vou. Implorar.

— Não, isso é sobre as coisas que eu disse a você na noite em que você me pediu em casamento, não é? — Eu passo até ele, rangendo os dentes, e eu agarro seu braço e o viro para me encarar. — Eu quis dizer cada palavra disto. Eu precisava, eu *ainda* preciso, de tempo para viver sozinha. Eu preciso ser minha própria pessoa; eu quero ser independente, nada disso muda só porque você está ameaçando... se

afastar de mim. Mas eu ainda te amo e quero estar com você, Victor. Isso também nunca vai mudar. Estou me esforçando para descobrir por que ele está fazendo isso. E eu serei amaldiçoado se eu deixar que ele use o que aconteceu no México como uma desculpa para encarar a verdade.

Quando ele ainda não diz nada — (*lute comigo, droga!*) — eu mudo de marcha.

— Você me traiu também! — Eu grito em seu rosto. — Você me *estripou* quando tentou me passar para Niklas! Você destruiu essa parte de mim que nunca poderia... — Meus olhos encontram seu peito; minha boca está incrivelmente seca. Então olho para o rosto dele e enfrento minha *própria* verdade; digo a ele o que eu queria contar a ele desde aquela noite. — Você destruiu essa parte de mim que nunca poderia ter me permitido dormir com outra pessoa, mesmo por causa de um trabalho. — Eu disse isso. Eu não posso acreditar que eu disse isso. Não, não posso acreditar que admiti para mim mesma.

Olhe para mim, Victor! Cerro meus punhos ao meu lado.

Mas ele não olha para mim.

Depois de um momento:

— Mas eu não fiz isso por vingança, você precisa saber disso. — Eu me acalmo, e apenas tento fazê-lo entender. — Sim, é o que eu tentei dizer a mim mesma toda vez que acontecia; me deixando acreditar que era por vingança, que você merecia por causa do que você fez; foi a única coisa que me fez passar por isso. Mas no fundo, eu só fiz isso porque tinha que fazer. Eu fiz porque não havia outro jeito; eu nunca teria saído de lá vivo se não fizesse o papel. E eu fui lá por uma razão: encontrar Vonnegut. Porque também me lembro do que você disse naquela noite, Victor, e você estava certo. Sobre o destino da sua Ordem; sobre o destino de todos nós, sobre o destino de você e eu.

“É apenas uma questão de tempo que toda essa liberdade, essa vida, acabará. Eu lhe disse desde o começo que, até que Vonnegut esteja morto e eu esteja no controle de sua Ordem, nenhum de nós é livre; estamos a um sopro do fim de tudo. E nenhuma parede, segredos ou disfarces podem nos esconder para sempre. Vonnegut deve ser identificado e eliminado, antes que ele nos elimine.”

Sentindo-me derrotada, eu me afasto dele e olho para o chão. “Estamos a um fôlego do final de tudo... — Lembro-me de suas palavras em voz alta. Mas no meu coração, eles significam algo diferente desta vez, e eu não suporto isso.

— Não carregue esse peso em seus ombros, Izabel — diz ele, e eu levanto a cabeça. — Faz parte do trabalho. Eu não culpo você por isso. Mas deixe-me perguntar uma coisa.

— Me pergunte.

— Se tivesse sido eu, você seria capaz de me perdoar por dormir com outra mulher?

Engulo.

— Sim — respondo com verdade. — Eu odiaria, é claro, isso me deixaria louca. Mas eu te perdoaria porque... bem, porque eu sabia que as coisas nunca seriam como se eles estivessem lá fora no mundo alheio.

Victor acena com a cabeça.

— Então eu não destruí parte de você, Izabel — diz ele. — Eu só fiz você mais forte.

Começo a falar, mas ele não me deixa.

— Se eu não tivesse feito o que fiz com você e Niklas, você acha que ainda teria se permitido dormir com Cesara?

— Não — respondo imediatamente. — Eu não teria. Mas como eu disse, não fiz isso por vingança; só conseguiu que eu pudesse fazer isso.

— Então eu te fiz mais forte — ele repete. — Então, não deixe isso pesar em sua mente.

Relutantemente, eu aceno. Mas isso sempre pesará na minha mente.

— Nosso relacionamento nunca foi convencional. — diz ele. — Isso ele nunca *ia* ser. E quanto mais cedo você aprender isso, melhor.

Engulo de novo, paro, e nervosamente pergunto:

— Então, isso significa que você...? — Inferno, eu não posso nem dizer em voz alta.

— Não — ele responde. — Eu nunca, mas isso não quer dizer que eu não teria se, por causa de um trabalho, eu não tivesse outra escolha. Assim como você.

Oh meu Deus, minha garganta parece que eu engoli um punhado de abelhas, mas eu sugo e luto contra o ciúme. Porque ele não está errado em admitir isso, e eu não estava errado em fazer isso.

— E você encontrou Vonnegut? — Ele pergunta um segundo depois, já sabendo que eu não sabia, ou ele saberia até agora.

— Não — eu respondo com pesar. — Ele não estava lá. Eu pensei que ele era um homem russo chamado Iosif Veselov, mas não era ele. — Eu abaixei minha cabeça momentaneamente. — Mas antes de matar Javier, ele me deu informações. Lisandra Hollis. Ele disse que esta mulher trabalha em estreita colaboração com Vonnegut; Eu vou atrás dela depois.

— Não — diz ele. — Não haverá mais caça a Vonnegut. Não haverá mais... nada.

— O que você quer dizer...?

Ele se vira com movimentos cheios de dor; ele não pode me olhar nos olhos.

— Eu estou... cansado, Izabel — diz ele, e meu coração afunda mais fundo. — Eu tentei. Eu tentei com tudo em mim para viver esta vida, para moldar e moldar o homem que eu sempre fui, em um homem desconhecido para mim, eu até pedi para você ser minha esposa, um gesto que eu nunca pensei que iria considerar em minha vida sendo o que eu sou. Mas eu não sou esse homem. Eu nunca *serei* esse homem.

— O que você está dizendo, Victor? — Eu ando em direção a ele; meu coração está batendo nos meus ouvidos. Eu quero forçá-lo a olhar para mim. E finalmente, ele faz.

— Como você está se tornando mais forte, Izabel — diz ele com o coração pesado, — estou ficando mais fraco. Eu pisei tão longe da única vida que eu já conheci, que eu não me conheço mais. Minha mente não é mais tão afiada quanto costumava ser; eu tropeço quando ando; eu me tornei cego para os perigos óbvios ao meu redor, e isso é um erro fatal para um homem como eu. Não posso continuar a viver assim. Não

importa o quanto eu queira, esse tipo de vida com você, eu não posso mais fingir que será meu para mim.

Olho para o chão novamente, só que desta vez é para esconder a dor no meu rosto, as lágrimas se formando em meus olhos. Não porque eu saiba o que vai acontecer a seguir, mas porque... eu sei que ele está certo. Se eu continuar permitindo que Victor me ame, seria egoísta da minha parte. Eu não posso lutar com ele sobre isso, tanto quanto eu quero, porque se eu não deixá-lo ir; se eu não deixar que ele se encontre novamente antes que seja tarde demais, ele vai morrer por minha causa. Ele vai *morrer por minha causa*...

— Eu enviei Iosif Veselov para o México — admite ele. — Eu o mandei para vigiar você.

Estou chocada, mas não posso ficar brava com isso como estava com Fredrik e Dante. Estou chocada com a informação, mas não surpresa.

Agora eu sei porque Iosif era familiar — eu devo ter visto um arquivo sobre ele entre os contatos de Victor.

— Eu fiz isso porque, como eu disse, me tornei fraco. Porque Kessler estava certa. Sobre tudo. Porque eu precisava mandá-lo porque eu amo você. E tudo que faço, tudo que faço desde o dia em que te conheci, é um erro.

Engulo; meus olhos começam a arder e a molhar, mas eu retenho a emoção. Estou com raiva e movido por ele ao mesmo tempo, e as emoções opostas são demais para eu suportar.

Estou cansada demais... estou cansada de ser a "garota"; estou cansada de ser a "namorada". Estou cansado de homens olhando para mim com os olhos de um irmão protetor; estou cansada de pedir permissão para ser quem eu sou, quem eu me tornei. O único problema é que eu nunca poderia estar cansada de Victor, e amá-lo aparentemente anda de mãos dadas com tudo o que eu quero me livrar.

— Termina hoje — ele diz uma última vez.

E então ele se vira e sai do quarto.

Congelada neste local, por um momento torturante, minhas pernas não me levarão para frente. Eu me imagino correndo atrás dele, agarrando seu braço para detê-lo, até mesmo pulando sobre ele por

trás e batendo meus punhos contra suas costas — eu me imagino implorando a ele, como eu disse a mim mesmo que nunca faria. Mas eu não faço nada. Eu olho para a porta aberta que ele acabou de passar, e deixo meu coração continuar a afundar nas profundezas da terra.

Quando finalmente consigo oorganizar a minha mente e começo a correr para a porta, Mozart entra na sala à minha frente. Há uma folha de papel pendurada na mão dele. Ele segura isso para mim.

— Ele queria que eu desse isso a você — Mozart diz como eu tomo em meus dedos.

Pouco antes de me deixar sozinha com a carta, Mozart diz:

— Meu conselho: não vá atrás dele. Eu sei que você o ama e que ele ama você, mas um homem como ele não foi construído para o amor. Não vá atrás dele — e então ouço os passos dele enquanto ele dá a volta.

Leva vários momentos até eu reunir coragem para abrir a carta, minhas mãos tremendo enquanto eu leio:

Izabel,

Estou confiante de que minha missão solo para encontrar Vonnegut será o meu fim. Estou confiante de que você nunca mais me verá. Mas eu não posso morrer sem deixar você saber o quão profundamente meus sentimentos correm por você, e sempre os terei.

Você foi a melhor e pior coisa que já aconteceu comigo. Eu te amo, mas eu não posso amar você do jeito que eu quero. Eu não posso viver com ou sem você. Eu não posso deixar você ir, mas para me libertar de você, eu nunca fui capaz de me matar por matá-la também. Eu nunca imaginei ou acreditei que eu poderia ser comprometido do jeito que meu amor por você me comprometeu. Eu estava condicionado em todos os cenários, especialmente neste cenário, mas o amor ainda encontrava um caminho. Eu percebi que o amor sempre encontra um caminho, e que nenhuma quantidade de treinamento no mundo pode preparar alguém para isso; ninguém pode evitá-lo; é verdadeiramente a força mais poderosa da vida; o grande destruidor. Se meu treinamento me ensinou alguma coisa, foi que o amor não é nosso amigo; é perigoso, nos faz sentir

coisas que nunca duram, coisas que um dia serão arrancadas de nós, porque nada dura para sempre. Você vai morrer. Eu vou morrer. Cada um e cada coisa que você nunca vai amar vai morrer.

Não procure por mim, Izabel. Eu preciso fazer isso sozinho, sem você, de todas as pessoas. Ninguém, nem meu irmão saberá onde me encontrar. Ontem eu lhe teria dito que estou procurando Vonnegut pelas mesmas razões que o busquei nos últimos dois anos. Mas hoje eu só o busco para que eu possa destruir o homem que me fez do jeito que sou, aquele que me destruiu quando eu era apenas um menino. Mas eu seria um tolo em pensar que serei capaz de fazer isso sem ser morto no processo. Então, não me procure. Eu não sou mais seu para procurar. Hoje termina. Vonnegut. Eu. Nós. A ilusão que éramos nós. Hoje termina.

Faça o que não pude fazer: deixar de me amar; me tire de sua mente; continue com sua vida e viva em felicidade e paz sem mim.

Faça o que eu não pude fazer...

Victor

Quando olho para cima da carta, me vejo sentado na cadeira perto da janela, mas não sei como cheguei aqui. Olhando para a carta novamente enquanto ela fica pendurada entre meu polegar e meu dedo indicador, nunca me senti mais fraco do que naquele momento; eu nunca quis chorar tanto nas minhas mãos. Ele me deixou. Victor Faust puxou o fio que me segurava, e ele me deixou. Por muito tempo, ainda não acredito.

Eu...

Não. Eu *acredito* nisso. E eu *aceito* isso. Como? Por quê? Porque eu não sou fraco; porque eu não quero chorar.

E porque eu não quero que ele morra.

Saio do quarto, passo por Mozart e paro na porta antes de sair.

— Se você ouvir de Victor novamente...

— Eu não vou.

— Se você ouvir de Victor novamente, diga-lhe uma coisa por mim.

— Eu não vou ouvir falar dele, mas você pode me dizer se quiser.

Paro, pensando em um dia que não faz muito tempo, um dia em que me escondi no porta-malas de um assassino e escapei do México. Foi por amor que o destino me levou ao seu carro? Ou era algo mais?

Levanto meus olhos para Mozart.

— Diga a ele que ele estava errado. Não termina hoje, apenas *começa*.

TRINTA E UM

/zabel

Duas semanas depois...

Quando fui ao México, não consegui exatamente o que queria, mas trouxe comigo algo que nunca imaginei — eu mesma. Cesara e Javier; por todas as suas falhas, eles me ajudaram a perceber quem eu realmente sou, quem eu sempre fui e quem eu sempre serei.

— Estou tão cansado de seguir nas sombras dos homens."

Embora, embora eu certamente não seja uma espécie de amazona que odeia homens, eu aceitei em meu coração que sou mais forte do que qualquer homem que já conheci, e que, por mais que eu sempre goste de Victor, posso me mover na minha vida sem ele. Eu não quero — mas ele não me deu escolha, então o que mais eu devo fazer além de seguir em frente? É o que estou fazendo, embora não seja como Victor queria. Ele esperava que eu voltasse ao mundo normal, que vivesse a típica vida americana, que se casasse, tivesse filhos e um cachorro e que ficasse em férias familiares em lugares onde não serei sequestrada e torturada.

Sinto muito, Victor, mas não posso. Eu ainda trabalharei como uma assassina — para quais clientes, eu ainda tenho que descobrir, mas eu irei — e ainda vou desempenhar papéis que poderiam me levar direto ao túmulo. Porque eu gosto. Eu gosto de tudo: as missões, os diferentes rostos que eu uso, a satisfação que sinto ao matar pessoas que merecem.

Talvez eu nem precise de clientes. Eu realmente sou a única cliente que eu realmente preciso. Porque o trabalho não é sobre dinheiro para mim — é sobre vingança. E derramamento de sangue. É

sobre ser uma voz para aqueles cujas vozes foram roubadas delas. E não há escassez de pessoas que merecem morrer, com certeza.

É claro que também não recusaria dinheiro se um emprego surgisse em meu caminho.

— *Você é um lobo no galinheiro; você mata porque está com fome, porque está em sua natureza, e seu remorso só vai tão longe quanto o que você está disposto a deixar afetá-lo. Porque você secretamente despreza afeição, companheirismo e amor. Você deseja poder acima de todas as coisas, porque lá em cima, no topo, onde ninguém pode tocá-la, influenciá-la ou amá-la, você sabe que nunca poderá ser ferida*".

Javier estava certo. Mas quando penso naquelas palavras que ele me disse com tanta convicção, percebo algo extraordinário — as mesmas palavras podem ser ditas de Victor Faust.

Eu sou mais como Victor do que jamais soube; talvez seja por isso que estou tomando nossa separação com tanta calma; talvez seja por isso que eu aceitei. Porque somos a mesma pessoa. Com as mesmas lutas e falhas e ideias. Os mesmos pontos fortes e fracos. A mesma sede de sangue. Nós nos amamos e nos odiamos. Estamos igualmente sobrecarregados, sobrecarregados um pelo outro. Nós somos os mesmos. Portanto, eu sou Izabel Faust.

Começou no dia em que Victor pensou que tudo terminaria — a nova identidade, o novo nome. Izabel Seyfried está morta junto com Sarai Cohen. Seyfried era a aprendiz. Fausto é a mestre. Ela é quem eu sou agora.

Mas minhas prioridades mudaram — não vou mais caçar Vonnegut. Ele é o alvo de Victor, e ele pode tê-lo.

E como não ouvi sequer um sussurro de Fredrik ou mesmo Niklas, não tive outra escolha senão mover-me com as águas da mudança e aceitar essas mudanças pelo que elas são.

A ordem de Victor está quebrada. Desmantelada. Não existe mais. Eu verifiquei todos os locais secretos, até mesmo as Casas Seguras, e não há mais ninguém nelas. Eu tentei entrar em contato com os membros restantes, e apenas alguns poderiam ser alcançados. James Woodard levou sua família e mudou-se para o Oregon. Eu viajei para lá para visitá-lo:

— Quando foi a última vez que você viu Victor? — Eu perguntei, sentada em sua pequena sala de estar cercada por papel de parede azul florido.

— Faz muito tempo, Izabel — ele me disse, — mais do que a última vez que *você* o viu. Acho que foi logo depois que vocês voltaram da Venezuela.

— Ele disse alguma coisa?

— Como o quê?

— Eu não sei, algo?

— Se você quer dizer que ele me disse alguma coisa que poderia apontar para o seu paradeiro atual, então não, desculpe, mas ele não o fez.

Eu assenti.

— Bem, como você sabe... seguir em frente a partir de sua ordem, então? — Eu perguntei.

— Estou sempre aqui, se ele precisar de mim — dissera ele. — Tive que sair da costa leste; minha família é importante para mim, e eu me senti como o tempo que fiquei lá... — Ele não teve que terminar; eu entendi.

A verdadeira razão pela qual fui ver James Woodard naquele dia não foi porque eu esperava que ele tivesse informações sobre o paradeiro de Victor — embora eu certamente não tivesse ignorado se ele o fizesse. Mas eu queria perguntar ao James se ele queria trabalhar para *mim*.

Mas antes de sair de casa, mudei de ideia.

James Woodard é e provavelmente sempre será leal a Victor Faust. E não posso fazer o que pretendo fazer com esses vínculos ainda intactos.

Nora Kessler, por outro lado, eu ainda pretendia recrutar. Ela nunca me tratou como a "garota"; ela nunca teve qualquer problema em me jogar em uma situação onde eu poderia morrer.

Mas no último minuto, assim como com James, mudei de ideia.

Problema com Nora é que Victor foi a força motriz que a levou à sua ordem; ela arriscou sua vida para ser aceita, e... bem, eu ainda me pergunto até hoje — *por quê?*

Eu admiro Nora, mas em meu coração, nunca confiei nela.

Então, quem foi deixado?

Ninguém.

Fredrik se foi — ele poderia estar morto, eu não sei, mas não vou procurá-lo. Dói, as últimas palavras que ele falou para mim. E assim como com Victor, aprendi a aceitar que Fredrik queria dizer o que ele disse naquela noite. E Fredrik tem um monte de problemas profundamente perturbadores, não resolvidos, que eu nunca poderia começar a saber como ajudá-lo.

Niklas? Eu não sei por que, mas eu pensei que, fora de todo mundo, Niklas seria o único que eu poderia contar, que ele seria o único que iria aproveitar a oportunidade de trabalhar juntos, por conta própria, livre de chefes, regras e procedimentos já estabelecidos. Então, fiquei surpreso quando fui procurar Niklas no bar onde ele morava no andar de cima, e ninguém o tinha visto em mais de uma semana. Eu invadi seu quarto; as coisas dele ainda estavam lá; nada parecia ter sido tocado; uma fina camada de poeira havia pousado em seus pertences na mesa de cabeceira.

— Ele foi pago por três meses — o dono do prédio me disse, parado na porta com as chaves depois que eu já tinha quebrado a fechadura. — Mas o aluguel está atrasado há três dias e ainda não o vi. Eu realmente não conheço o cara, mas é um pouco estranho que ele não tenha estado no bar. Ele está sempre no bar.

Eu andei pelo seu quarto, procurando por qualquer coisa que pudesse me dar uma ideia de onde ele está.

— Com quem você o viu pela última vez?

— Jackie, é claro — o proprietário havia dito. — Eles estavam sempre juntos aqui fora, ela sempre acabaria aqui em seu quarto. — Ele fez uma pausa, apontou para mim brevemente. — Você não é sua esposa ou algo assim, é?

Eu rio um pouco.

— Não definitivamente, não.

Ele balançou a cabeça, aliviado por ele não ter acobertando Niklas.

— Então, o que você pode me dizer sobre este Jackie?

O dono me deu sua descrição, e disse que achava que ela morava em um parque de trailers em algum lugar, mas ele não podia ter certeza.

— Você vai pagar por isso? — Ele perguntou sobre a trava quebrada pouco antes de eu sair.

Dei-lhe dinheiro suficiente para pagar a fechadura e o aluguel de Niklas por mais três meses. Apenas no caso.

Eu tinha um mau pressentimento sobre o desaparecimento dele, mas, ao mesmo tempo, era típico de Niklas, e certamente não era a primeira vez que ele partia sem contar a ninguém. Ele poderia lidar por ele mesmo. Além disso, eu começara a perceber que ir lá para recrutá-lo era a pior ideia de todos os tempos. Ele era pior do que Victor quando se tratava de me deixar ir em missões, e se preocupar comigo o tempo todo. E então algo me atingiu:

— Se Fredrik enviou Dante para o México e Victor enviou Iosif, então quem Niklas mandou? Ele tinha que ter mandado *alguém*, não há nenhuma maneira no inferno que ele teria me deixado ir nessa missão sem enviar alguém também.

Ando pelo chão da minha sala de estar por um longo tempo falando comigo mesma, ponderando toda a revelação.

Então eu paro no meio do passo quando as peças começam a se unir. Vou até meu laptop na mesa de café e pesquiso a família Lockhart; um sorriso conhecedor se espalhou pelo meu rosto quando vi uma foto da filha do Sr. Lockhart, Frances, de pé ao lado dele em algum tipo de faculdade. Ela definitivamente não era a Frances Lockhart que eu vi nos leilões. E, aparentemente, Cesara não parecia muito inteligente, ou ela teria encontrado a mesma foto, enterrado cerca de vinte páginas em imagens do Google. Talvez ela tenha desistido na página dezenove, como eu quase fiz.

Concluo que a mulher que eu vi no leilão tinha que ser alguém que Niklas enviou — é por isso que eu sentia tanto por ela quanto por Dante. Ela poderia ser essa misteriosa Jackie, talvez? Eu posso nunca

saber. Porque assim como Fredrik e Victor, eu nunca mais vou ver Niklas.

Por enquanto, pelo menos, parece que estou sozinha, e vou aproveitar ao máximo. Talvez seja assim que sempre foi destinado a ser; este é o lugar que o destino estava me levando quando me escondi na parte de trás do carro de Victor. Não em seus braços, mas no começo de uma nova vida — *minha* vida — aquela que *nasci* para viver, que só Victor poderia me mostrar.

Victor...

Eu sempre o amarei, e apesar do que ele queria que eu fizesse, eu nunca vou *deixar de* amá-lo; eu nunca vou parar de procurar por ele; e eu nunca vou tirar ele da minha cabeça.

Porque eu sei que um dia nos encontraremos novamente.

Como amantes? Amigos? Inimigos.

É a única coisa que eu temo e desejo mais do que qualquer outra coisa. Para vê-lo novamente; sentir suas mãos em mim; olhar nos olhos do homem que me fez... entender quem eu já era.

Victor...

PRÓXIMO LIVRO

VEJA O OITAVO LIVRO DA SÉRIE NA COMPANHIA DE
ASSASSINOS...

THE DARKEST HALF #8

IN THE COMPANY
OF KILLERS

J.A. REDMERSKI

SOBRE A AUTORA

JA (Jessica Ann) Redmerski é uma autora best-seller pelo *New York Times*, do *USA Today* e do *Wall Street Journal*. Ela é uma amante do cinema, da televisão e dos livros que ultrapassam barreiras e é um idiota por longas histórias de amor épicas. As coisas na lista de desejos de Jessica são para conquistar sua longa lista de medos ridículos, encontrar uma camisa que ela realmente goste e viajar pelo mundo com uma mochila e seu parceiro no crime.

Para saber mais sobre Jessica, visite-a aqui:

www.jessicaredmerski.com

www.inthecompanyofkillers.com

www.facebook.com/JARedmerski

www.pinterest.com/jredmerski

Twitter — @JRedmerski